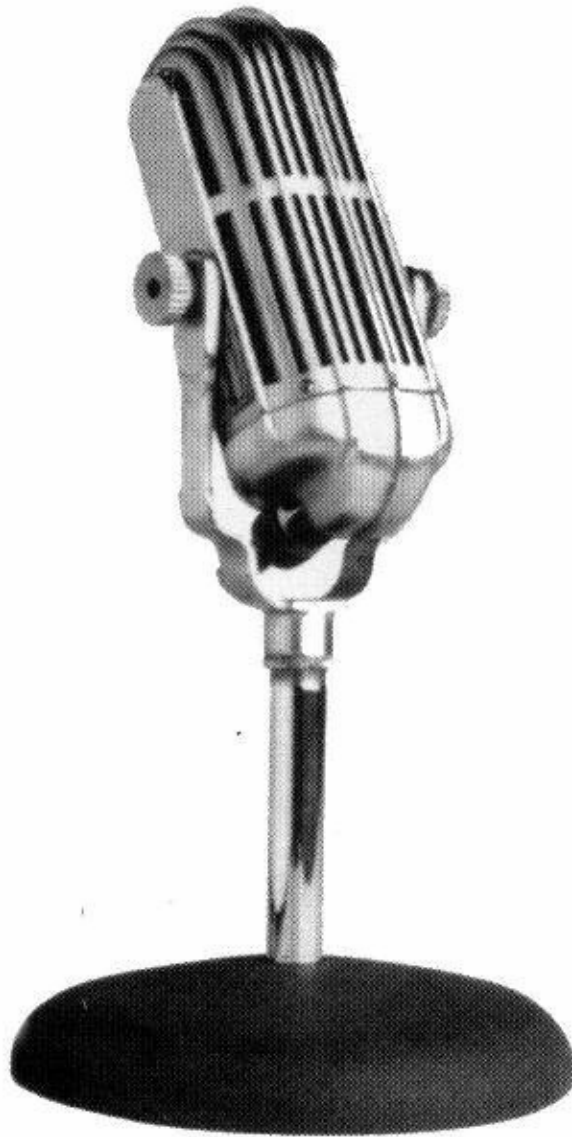


Itatiaia Patrulha: as histórias da vida

A co-construção de identidades em programa policial radiofônico



Sônia Caldas Pessoa

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Sônia Caldas Pessoa

**Itatiaia Patrulha, as histórias da vida:
a co-construção de identidades em programa radiofônico policial**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Modesto Valério
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

2005

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos

Dissertação intitulada “Itatiaia Patrulha, as histórias da vida: a co-construção de identidades em programa radiofônico policial”, de autoria da mestrandia Sônia Caldas Pessoa, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Kátia Modesto Valério - FALE/UFMG- Orientadora

Prof. Dr. Valdir de Castro Oliveira – FAFICH/UFMG

Profa. Dra. Mônica Santos de Melo - UFV

Belo Horizonte, 04 de abril de 2005

Ao Márcio, fonte do saber como prazer.

Aos meus pais, primeiro passo para o conhecimento.

A Kátia Modesto Valério, pela dedicação e competência.

*A voz humana é, com efeito, o lugar privilegiado da diferença:
um lugar que escapa a toda ciência,
pois não há nenhuma ciência que esgote a voz:
classifiquem, comentem historicamente, sociologicamente,
esteticamente, tecnicamente a música,
haverá sempre um resto, um suplemento,
um lapsus, um não dito que se designa ele próprio: a voz.
Este objeto de desejo – ou de repulsa: não há voz neutra –
e se por vezes esse neutro, esse branco da voz acontece,
é para nós um grande terror,
como se descobríssemos com horror esse mundo petrificado,
onde o desejo estaria morto.
Toda relação com a voz é forçosamente amorosa.*

Roland Barthes

RESUMO

O presente trabalho focaliza entrevistas policiais radiofônicas em três grupos de interlocutores – entrevistadores com autoridades, vítimas e suspeitos – com o objetivo de: a) verificar a aplicabilidade das principais abordagens teóricas sobre a interação face a face e as dinâmicas interativas ao estudo da interação em programa policial radiofônico; b) descrever o trabalho de face realizado pelos entrevistadores e pelos entrevistados durante as interações; c) verificar e identificar padrões interativos dominantes nas entrevistas em programas policiais radiofônicos; e d) verificar se e como as estratégias lingüísticas e conversacionais contribuem para a construção de identidades das autoridades, das vítimas, dos suspeitos e dos entrevistadores. Identificamos, na análise dos nossos dados, as estratégias que constituem o trabalho de face do falante, tomando como referência os conceitos propostos por Goffman (1967), o modelo de Brown e Levinson (1987) e a sistematização desse modelo desenvolvida por Valério (2003). Acrescentamos a esse esquema algumas categorias lingüísticas, que podem ser utilizadas em análises futuras por pesquisadores interessados no assunto. O estudo revelou que os interlocutores trabalham as suas faces positiva e negativa, muitas vezes, sem se preocupar com a face do outro. O comportamento lingüístico dos falantes é adaptado durante a entrevista para sustentar uma ou várias imagens que podem ser fragmentadas durante uma mesma interação. As entrevistas em programa policial radiofônico se revelaram um cenário privilegiado para a co-construção de identidades dos participantes e para a divulgação das mesmas para o público.

Palavras-chave: interação face a face, rádio, entrevista policial, identidades sociais

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 1 - Convenções para transcrição	53
Quadro 2 - Estrutura das Entrevistas	71
Quadro 3 - Estratégias de Polidez Positiva presentes no <i>corpus</i> analisado	108
Quadro 4 - Estratégias de Polidez Negativa presentes no <i>corpus</i> analisado	116
Quadro 5 - Estratégias de Agonística presentes no <i>corpus</i> analisado	128
Quadro 6 - Número de ocorrências de estratégias de trabalho de face nas interações observadas	131
Quadro 7 - Processos discursivos para a violência utilizados no desenvolvimento de tópicos a ela relacionados nas interações entre os participantes dos grupos observados	135
Gráfico 1 - Distribuição percentual do uso de estratégias de polidez positiva, polidez negativa e agonística nas interações entre entrevistadores e autoridades	142
Gráfico 2 - Distribuição percentual do uso de estratégias de polidez positiva, polidez negativa e agonística nas interações entre autoridades e entrevistadores	143

Gráfico 3 - Distribuição percentual do uso de estratégias de polidez positiva, polidez negativa e agonística nas interações entre entrevistadores e vítimas 150

Gráfico 4 - Distribuição percentual do uso de estratégias de polidez positiva, polidez negativa e agonística nas interações entre vítimas e entrevistadores 150

Gráfico 5: Distribuição percentual do uso de estratégias de polidez positiva, polidez negativa e agonística nas interações entre entrevistadores e suspeitos 156

Gráfico 6: Distribuição percentual do uso de estratégias de polidez positiva, polidez negativa e agonística nas interações entre suspeitos e entrevistadores 156

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
1.1 Oralidade.....	20
1.2 Entrevistas.....	22
1.3 Entrevistas Radiofônicas	23
1.4 Entrevistas Policiais Radiofônicas.....	26
1.5 Atos de Fala.....	28
1.6 Trabalho de Face.....	32
1.7 Identidade.....	35
2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	40
2.1 Indagações e expectativas.....	43

	10
2.2 Descrição do <i>corpus</i>	48
2.3 Convenções para transcrição.....	52
3 ESTRUTURA DAS ENTREVISTAS.....	55
3.1 Entrevistas ao vivo.....	57
3.2 Entrevistas gravadas.....	63
4 TRABALHO ESTRATÉGICO DE FACE.....	72
4.1 Polidez Positiva	72
4.1.1 Proximidade.....	73
4.1.2 Conhecimento compartilhado.....	79
4.1.3 Cooperação conversacional.....	87
4.1.4 Expressividade	91
4.2 Polidez negativa	109
4.2.1 Distanciamento	109

4.2.2 Imprecisão.....	113
4.2.3 Minimização.....	115
4.3 Agonística.....	116
4.3.1 Autoridade	117
4.3.2 Força argumentativa.....	124
4.3.3 Competitividade conversacional.....	126
5 CO-CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES.....	129
5.1 O tópico conversacional.....	131
5.2 O enquadre.....	135
5.3 A interação e a identidade.....	139
5.3.1 Entrevistadores e autoridades.....	141
5.3.2 Entrevistadores e vítimas.....	146
5.3.3 Entrevistadores e suspeitos.....	151

6 CONCLUSÕES.....	157
REFERÊNCIAS.....	165
ANEXO A – Transcrição dos dados	172
ANEXO B – Tabela de Público-alvo do Itatiaia Patrulha	190
ANEXO C – Tabela de Audiência do Itatiaia Patrulha	192
ANEXO D - Gráfico de Audiência do Itatiaia Patrulha	193

INTRODUÇÃO

*"Toda relação com uma voz é forçosamente amorosa".
Roland Barthes*

A linguagem ultrapassa a função comunicativa comumente a ela atribuída na medida em que contribui para a constituição da realidade e para o entendimento das relações sociais. A linguagem radiofônica, que tem o poder de tornar público o cotidiano dos ouvintes e de pessoas anônimas, adquire, por seu turno, importância fundamental nos processos comunicativos, uma vez que a comunicação radiofônica é parte integrante da rotina de vastas camadas da população mundial há quase um século, exercendo especial fascínio sobre ela.

O rádio foi o primeiro equipamento eletrônico inserido no ambiente doméstico. As experiências iniciais do italiano Guglielmo Marconi a partir de 1895 resultaram no envio de sinais telegráficos sem fio e, mais tarde, no desenvolvimento da radiodifusão. A transmissão radiofônica deixou de ser um problema a partir dos esforços de vários físicos em todo o mundo e as atenções se voltaram, então, para o aperfeiçoamento do equipamento que se tornaria um eletrodoméstico. Nas primeiras décadas do século XX, “as caixas radiomusicais” começaram a ser fabricadas e comercializadas nos Estados Unidos.

Ainda hoje, em muitas residências brasileiras, o ritual repete-se diariamente. As pessoas ligam o aparelho, pelo menos uma vez por dia, para acessar as últimas informações, conhecer a previsão do tempo, ouvir as fofocas, tomar conhecimento dos crimes ou, simplesmente, escutar a sua música preferida. Esse “esforço” físico de ligar o rádio e de ouvi-lo é

recompensado por um componente psicológico importante. O ouvinte estabelece uma relação singular com o locutor, uma pessoa que imagina fazer parte das suas relações pessoais, com quem compartilha idéias e posições sobre os fatos noticiados e divide os momentos de solidão, de indignação e de alegria. “Ouvir é um fenômeno fisiológico; escutar é um ato psicológico”, resume Barthes (1990, p. 217)¹. Estabelece-se, assim, um relacionamento de cumplicidade, ou até mesmo de intimidade, ainda que não recíproca, baseada em um fio condutor chamado voz, que é considerado por Barthes como o lugar privilegiado das relações humanas.

A metáfora conceitual "instrumento é companheiro", proposta por Lakoff e Johnson (2002, p. 229), nos remete às brincadeiras infantis, nas quais escolhemos bonecas, carrinhos ou jogos para nos acompanharem. Com o adulto, pode ocorrer comportamento similar, conforme exemplificado pelos autores, em relação a uma arma ("eu e a velha Betsy aqui", frase de um vaqueiro procurando por seu revólver), a um carro ("Eu e meu velho Chevy já vimos muito desse país juntos") ou a um instrumento ("Domenico vai sair em um *tour* com seu inestimável Stradivarius sem preço"). Na observação de programas radiofônicos, percebemos que não são raras as vezes nas quais os profissionais do rádio se deparam com ouvintes declarando via telefone que, com o rádio, eles não estão sós, que o radinho os acompanha durante os afazeres domésticos, ou que o rádio está com eles durante o trabalho na madrugada.

A relação entre o ouvinte e o rádio no Brasil foi de proximidade, atingindo o companheirismo, desde os primeiros momentos após a sua instalação no país, o que ocorreu na década de 20 do século passado. As radionovelas emocionaram as senhoras de décadas atrás, que chegaram a preparar enxovais para o bebê de uma personagem que estava grávida e mandaram rezar

¹ As referências bibliográficas desse trabalho seguem FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

missa de sétimo dia para um outro personagem que havia morrido (Tavares, 1999). Aliás, o poético comentário do dramaturgo alemão Bertold Brecht sobre o rádio parece comprovar a idéia de que esse veículo de comunicação, conhecido como o companheiro ou o amigo de todas as horas, faz parte também do sistema conceitual de outros povos:

Pequena caixinha que carreguei em fuga para que suas válvulas não pifassem, que levei de casa para o navio e o trem para que os meus inimigos continuassem a falar-me perto de minha cama, e para minha angústia, as últimas palavras da noite e as primeiras da manhã sobre suas vitórias e sobre meus problemas. – Prometa-me não ficar muda de repente (*apud* MCLUHAN, 1969, p. 335).

As radionovelas se foram e o rádio foi tomado por programas jornalísticos, que atualizam as notícias com rapidez, agilidade e simplicidade. Outros programas mantêm locutores dispostos a escutar as reclamações, reivindicações e até mesmo as angústias pessoais dos ouvintes. Mcluhan (1969, p. 336) considera que o rádio tem influência peculiar sobre os cidadãos: “o rádio afeta as pessoas, digamos, como que pessoalmente, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor e o ouvinte. Este é o aspecto mais imediato do rádio”.

O rádio é possivelmente o veículo de comunicação que retrata com mais proximidade a linguagem popular. Os locutores e repórteres radiofônicos costumam se dirigir ao ouvinte e aos entrevistados informalmente, como se estivessem conversando com uma pessoa conhecida. As palavras coloquiais, de fácil assimilação, são um dos recursos utilizados pelos profissionais para garantir o bom entendimento da mensagem. Esse é um dos motivos que nos permitem buscar nas ondas do rádio, paralelos entre as interações ali veiculadas, e as ocorridas face a face, que permeiam as relações humanas em nosso cotidiano.

A partir da nossa experiência como repórter em emissoras de rádio de Belo Horizonte e de um levantamento realizado nas emissoras que detêm a maior audiência na capital mineira, identificamos o *Itatiaia Patrulha*, como um dos programas radiofônicos de divulgação de notícias policiais, veiculadas especialmente por meio de entrevistas feitas pessoalmente com autoridades, vítimas e suspeitos de crimes. A escolha do programa como objeto de pesquisa justifica-se, sob o ponto de vista lingüístico, pela complexidade das interações entre esses grupos sociais e os entrevistadores. As trocas conversacionais são longas, com vários turnos de fala, e apresentam pluralidade de vozes, o que permite riqueza na análise das estratégias discursivas adotadas pelos falantes. O *Itatiaia Patrulha* é veiculado de segunda a sábado entre 17h 05min e 17h 55min na Rádio Itatiaia em Amplitude Modulada (AM) e em Frequência Modulada (FM).

O presente estudo trata das interações face a face entre os entrevistadores do *Itatiaia Patrulha* e as autoridades, as vítimas e os suspeitos, e das implicações dessas relações para a constituição de identidade de cada um desses grupos sociais. É importante ressaltar que, apesar das características típicas das entrevistas, adotamos a perspectiva de que elas apresentam seqüências de perguntas e de respostas semelhantes àquelas que fazem parte de uma conversa cotidiana e que, portanto, possibilitam que os falantes sejam colaboradores na produção discursiva.

Pretendemos descrever, analisar e comparar as estratégias lingüísticas utilizadas por cada um desses grupos na co-construção de sua imagem pública. Na análise dos nossos dados, identificamos as estratégias que constituem o trabalho de face desempenhado pelo falante, tomando como referência os conceitos propostos por Goffman (1967), que embasaram o modelo de Brown e Levinson (1987) e foram sistematizados por Valério (2003).

Entre os nossos objetivos principais, podemos destacar: a) a verificação da aplicabilidade das principais abordagens teóricas sobre a interação face a face e as dinâmicas interativas ao estudo da interação em programa policial radiofônico; b) a verificação e a identificação de padrões interativos dominantes nas entrevistas em programas policiais radiofônicos; c) a descrição do trabalho de face realizado pelos entrevistadores e pelos entrevistados durante as interações; e d) a verificação se e como as estratégias lingüísticas e conversacionais contribuem para a construção de identidades das autoridades, das vítimas, dos suspeitos e dos entrevistadores.

Os dados analisados na pesquisa foram gravados em fita magnética áudio, contabilizando quinze horas de gravação. Seleccionamos, aleatoriamente (Oliveira e Silva, 2003), cinco entrevistas com cada um dos três grupos sociais que interessam para a nossa análise: autoridades, suspeitos e vítimas. Cada entrevista tem duração média de 3,5 minutos, com ocorrência de, pelo menos, três trocas de turno, com respostas longas que perfazem até 14 linhas de transcrição. A maior entrevista reúne 42 trocas de turnos entre os falantes, com respostas curtas, que ocupam uma ou duas linhas de transcrição. Os dados foram transcritos pelo Laboratório de Fonética da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) de acordo com as convenções adaptadas dos critérios utilizados por Tannen e Wallat (1987) e por Marcuschi (2003).

A análise realizada em nossa pesquisa é qualitativa e interpretativa, sem qualquer pretensão quantitativa. Buscamos referências em três importantes campos teóricos em Estudos Lingüísticos, em especial ao se tratar do discurso falado: o estudo da Interação face a face, a Análise da Conversação e a Teoria dos Atos de Fala. Por isso, são fundamentais as características principais das interações face a face e as peculiaridades inerentes à entrevista

jornalística em programas radiofônicos policiais, com ênfase para os mecanismos de pergunta e resposta. Outra referência teórica importante é a de identidade social, que é concebida em nosso trabalho como um construto permanentemente em movimento (Hall, 1992), especialmente nas interações (Ochs, 1993).

Acreditamos que a presente pesquisa contribui para evidenciar a importância do discurso no processo de construção de identidades sociais, além de possibilitar uma reflexão que nos permite entender a linguagem radiofônica não apenas no campo pragmático, mas também como objeto teórico complexo e multifacetado. Durante o desenvolvimento desse trabalho percebemos a escassez de análises teóricas sobre o rádio, que, ainda que seja um dos principais meios de comunicação de massa, não está entre os objetos de estudo mais frequentes das instituições acadêmicas.

O presente estudo pretende oferecer contribuições do ponto de vista teórico já que propõe a reflexão sobre uma nova percepção social do discurso das entrevistas radiofônicas policiais, ainda pouco estudadas, a partir da análise das estratégias discursivas, estabelecendo analogias entre as entrevistas radiofônicas e a interação face a face. Mencionamos, ainda, que a pesquisa traz contribuições práticas para estudantes de Comunicação e de Linguística e para os amantes do rádio na medida em que fornece subsídios para o entendimento da comunicação radiofônica.

Os capítulos desse trabalho foram organizados da seguinte forma. O capítulo 1 apresenta o referencial teórico que norteia a nossa pesquisa. No capítulo 2 estão os pressupostos metodológicos adotados para a análise qualitativa dos dados. A estrutura das entrevistas radiofônicas analisadas e a descrição dos atos de fala escolhidos pelos interlocutores são

abordadas no capítulo 3. O capítulo 4 traz as categorias lingüísticas que foram adotadas para a análise das interações entre os grupos sociais e seus respectivos exemplos. A reflexão sobre a co-construção de identidades dos interlocutores e a imagem pública sustentada por eles através das interações via rádio estão no capítulo 5. Por fim, apresentamos nossas conclusões e contribuições a partir da presente pesquisa. Os anexos trazem a transcrição dos dados e gráficos demonstrativos da audiência e do público-alvo do programa *Itatiaia Patrulha*.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

*"A verdadeira vida comunitária é aquela que permite a cada indivíduo relacionar-se com o próximo em termos da relação EU-TU, e não em termos da relação EU-ISTO".
Martin Buber*

A pesquisa proposta será realizada à luz de três importantes campos teóricos na área de Estudos Lingüísticos, em especial ao se tratar do discurso falado: o estudo da Interação face a face, a Análise da Conversação e a Teoria dos Atos de Fala. Para a formulação dos pressupostos teóricos que norteiam o trabalho, faz-se necessário apresentar as características principais das interações face a face e as peculiaridades inerentes à entrevista jornalística em programas radiofônicos policiais, com ênfase para os mecanismos de pergunta e resposta. Buscaremos referências na Análise da Conversação bem como na Teoria dos Atos de Fala, que darão suporte à análise empírica do *corpus*. Este é constituído pelas entrevistas veiculadas no programa *Itatiaia Patrulha*, transmitido pela Rádio Itatiaia AM (Amplitude Modulada) e FM (Frequência Modulada).

1.1 Oralidade

Antes de iniciar a abordagem sobre os campos teóricos mencionados, é importante relacionar as características apontadas por Koch (1997) como comuns à linguagem falada. Para essa autora, ela é essencialmente não planejada, pouco elaborada e composta por fragmentos. Na

fala, observam-se frases incompletas e nas quais há predominância de sentenças curtas e na voz ativa.

A fala, que tem despertado cada vez mais a atenção de pesquisadores, deve ser analisada em situações sociais, ambientes propícios à sua ocorrência. Para Goffman, uma situação social ocorre a "qualquer momento em que dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e dura até que a penúltima pessoa tenha se retirado" (Goffman, 1964, p.17).

Para a organização social da fala, pressupõe-se que esteja em vigor um acordo tácito entre os interlocutores na interação face a face. Eles devem compartilhar regras que garantam o ritual necessário para a realização de um encontro social, o que demanda o conhecimento do momento que cada um deve falar, a colaboração para o funcionamento dos turnos de fala e o conseqüente desenvolvimento de uma conversa (*ibid.*).

As características típicas de uma conversa são relacionadas por Philips (1976, p. 24), que resumiu algumas conclusões apresentadas por Sacks, Jefferson e Schegloff (1974). Segundo a autora, a troca de falantes ocorre pelo menos uma vez em cada conversa, sendo que na maior parte dos casos um falaria a cada vez. Do ponto de vista da Sociolinguística Interacional, no entanto, a fala simultânea não deve ser interpretada apenas como um sinônimo de poder e de dominância. Valério (2003) se apóia em Tannen para nos lembrar que a fala simultânea pode ser cooperativa, o que permite que ela seja entendida como demonstração de solidariedade.

1.2. Entrevistas

Entre as diversas situações sociais da fala, elegemos a entrevista para o nosso trabalho por se tratar de uma contribuição para a comunicação humana muito mais por seu caráter dialógico do que por sua técnica (Medina, 2002). Além disso, a maior parte da população mundial está habituada a participar desse tipo de situação; afinal, a entrevista está presente nas seleções de candidatos a empregos, nas consultas médicas, nas relações comerciais, em trabalhos escolares e em vários outros eventos cotidianos. Diariamente, ao ligarmos a televisão ou o rádio, assistimos a programas onde a entrevista tem lugar garantido e, algumas vezes, de destaque.

Em cada uma das situações sociais citadas anteriormente, a entrevista apresenta características e uma série de normas e de rituais próprios que a regem, a exemplo do que ocorre com a conversação. Labov (1972, p. 79) explica que pelo menos dois estilos distintos de discurso podem ser identificados, de acordo com o contexto, em entrevistas. O primeiro deles é a fala cuidada, na qual o tópico conversacional em geral representa uma resposta a perguntas que são formalmente reconhecidas como parte de uma entrevista. Neste contexto, o estilo do entrevistador estaria prevalecendo sobre o do entrevistado que, por sua vez, estaria atento, observando a constituição da sua própria fala. O segundo é chamado de vernáculo, que pode ser entendido como um estilo mais despojado, menos preocupado com o discurso propriamente dito e mais afeito ao relaxamento típico da fala rotineiramente encontrada nas ruas de grandes cidades.

Não obstante a sua condição dialógica e a sua presença em grande escala nas sociedades

contemporâneas, não se pode descartar a assimetria nas entrevistas, já que grande parte do poder está concentrada no entrevistador, que o distribui de acordo com o seu desejo e o seu interesse (Koch, 1997). Esta talvez seja uma das explicações para o objetivo comum que guia todas as entrevistas, de acordo com Schiffrin (1994). A autora lembra que apesar das diferenças entre os vários tipos de entrevistas, todas elas apresentam a pergunta como núcleo central capaz de atingir a função de obter informação, inerente a esta situação social.

1.3 Entrevistas Radiofônicas

A entrevista é uma das estratégias mais usadas para se obter informação na rotina de produção da notícia, tanto para o rádio e a televisão quanto para o jornal. Os jornalistas conversam diariamente com suas fontes para obter os dados que vão compor o noticiário. Especialmente no rádio, a entrevista exerce uma função importante por ser um dos gêneros, de acordo com Prado (1989), que mais se adaptam a esse veículo de comunicação. Muitas vezes, uma conversa para checagem de informação se transforma em entrevista veiculada imediatamente no rádio, uma das formas mais rápidas de dar divulgação a um fato. Esse tipo de iniciativa é possível graças às características principais do rádio, entre as quais podem se destacar a linguagem oral, a mobilidade, o imediatismo e a instantaneidade (Ortriwano, 1985).

Quanto à sua adequação como objeto de investigação científica, citamos Boxer (2002), que diz preferir pesquisar as interações face a face captadas espontaneamente, mas que não vê problema em se trabalhar, na análise lingüística, com dados coletados no rádio e na televisão, uma vez que as interações nesses veículos, embora suscetíveis aos efeitos da observação,

podem ser similares ao discurso natural, muitas vezes constituindo gêneros populares. Por outro lado, o fato de a entrevista ser parcialmente planejada e obter respostas eventualmente monitoradas pelo próprio falante, parece não invalidar a sua semelhança com a linguagem natural. Na perspectiva de Gumperz (1982), com base em Fillmore (1976), parcela da linguagem natural também pode ser elaborada ou até mesmo ensaiada, e não gerada espontaneamente.

Esse conjunto de características parece garantir às entrevistas radiofônicas, que são regidas por seqüências conversacionais comuns de perguntas e respostas, semelhanças com a conversa rotineira. Assim, apesar da coordenação do entrevistador, os interlocutores se apresentariam como co-responsáveis pela produção discursiva, a exemplo de constatação feita por Marcuschi a respeito da conversa cotidiana (2003).

A fala no rádio seria resultado, para Meditsch com base em Goffman (1981), da combinação de três tipos de produção da fala em uma sociedade letrada:

a recitação (de um texto memorizado), a leitura em voz alta (de texto ou de números não memorizados) e a fala de improviso ou instantânea (que seria a composição e codificação simultânea do texto sob a exigência de resposta imediata à audiência numa situação corrente). Meditsch (1999, p.117)

Robert Mcleish, que trabalhou 33 anos na Rádio BBC, em Londres, atesta que a entrevista é um *evento espontâneo*². Para ele, apesar de entrevistador e entrevistado poderem discutir fora do ar o assunto sobre o qual vão falar e as linhas gerais da conversa, as perguntas não devem ser fornecidas antecipadamente. Neste caso, a credibilidade desse evento estaria em risco já

² A experiência de Mcleish está descrita em *Produção de Rádio – um guia abrangente de produção radiofônica*, publicado no Brasil pela Summus Editorial, em 2001.

que o ouvinte da emissora poderia considerar que houve algum tipo de arranjo para privilegiar o convidado.

A função do entrevistador no rádio deve ser, primordialmente, a de fazer perguntas (Mcleish, 2001), evitando qualquer demonstração de concordância ou discordância sobre a fala do entrevistado. Comentários não deveriam ser feitos, já que o objetivo do entrevistador é obter respostas para satisfazer o público: “A entrevista deve ser o que parece ser – perguntas e respostas em benefício do ouvinte interessado” (*ibid.*, p. 43).

Há pelo menos duas maneiras de transmissão ou de emissão da entrevista radiofônica. A conversa com o entrevistado pode ser gravada antes do programa ir ao ar ou pode ser realizada ao vivo. Na primeira situação, denominada por Prado (1989) de entrevista diferida, existe a possibilidade de edição do material, com a montagem de perguntas e respostas e até mesmo o corte de pequenos erros. A segunda maneira é considerada pelo autor como a mais rica e mais aguardada pelo ouvinte exatamente pelos riscos que ela apresenta. Em uma entrevista transmitida diretamente para o ar não há como fazer ajustes; o entrevistador deve se precaver e acompanhar de perto alguns fatores importantes para que o seu trabalho seja bem sucedido, como o ritmo e a expressividade do entrevistado, além do tempo (*ibid.*). Seria inevitável nesse modelo a interrupção do entrevistado pelo entrevistador já que esse pode usar mais tempo do que o disponível para responder uma única pergunta (Chantler & Harris, 1998).

1.4 Entrevistas Policiais Radiofônicas

Pelo que pudemos observar durante os anos em que trabalhamos em emissoras de rádio, período no qual tivemos a oportunidade de participar da produção e realização de entrevistas e de reportagens, incluindo o *Itatiaia Patrulha*, as entrevistas para os programas policiais são, em sua maioria, gravadas com antecedência. No entanto, as interações não seguem um roteiro, com perguntas previamente elaboradas. A experiência do jornalista e a rotina na cobertura de fatos policiais permitem o imprevisto, a partir do qual a entrevista aparentemente adquire aspectos de conversa. A interação, que é em princípio institucional, constitui-se, nesses programas, com uma certa espontaneidade, o que é possibilitado pela condução do entrevistador e pela colaboração do entrevistado.

Nessa perspectiva, a entrevista jornalística radiofônica estaria ultrapassando um padrão esquemático de perguntas e respostas planejadas, ou até mesmo escritas, para alcançar o *status* de conversa, na qual o outro ganharia voz. Assim seria possível uma comunicação em que três agentes – entrevistador, entrevistado e audiência – estariam envolvidos em um momento único, quando ocorre a troca de experiências, de valores e de visões de mundo.

Se o rádio exerce fascínio sobre a população, a cobertura policial, em especial a entrevista, transmitida por meio dele parece ser um elemento importante para atrair a audiência. Nunes (1993, p.46), que analisou programas cujos temas principais são, entre outros, religião e notícia policial, avalia que nos programas policiais é estabelecido um eixo metonímico no qual circula a violência: "a vítima substitui a comunidade e, simultaneamente, é também oferecida a todos do grupo. Ao realizar a anátema, a comunidade acredita livrar-se do mal,

anteriormente encarnado na vítima expiatória”.

As relações humanas e os conflitos sociais, muitos deles resolvidos de forma violenta pelos integrantes de diversos grupos, são alguns dos tópicos conversacionais recorrentes nas entrevistas radiofônicas veiculadas nos programas jornalísticos policiais. Nessas interações, observamos a presença do locutor e, dependendo da situação ou do evento discursivo, o revezamento de um dos integrantes da tríade que, no geral, compõe as histórias típicas de um romance policial – vítima, bandido e policial (Reimão, 1983).

Nos programas policiais, as entrevistas parecem buscar a manifestação dos sentimentos do entrevistado, compondo o modelo que Chantler e Harris (1998) definiram como *entrevista emocional*, que deve ser realizada em momentos de alegria e de tristeza, e é considerada uma das mais difíceis de ser produzida no rádio. Na perspectiva desses autores, na ocorrência de tragédias haveria sempre alguém disposto a comentar publicamente o seu sofrimento para se sentir aliviado. Mas eles alertam que os jornalistas devem estar atentos para não provocar uma *dor extra* em nome de uma boa entrevista. Orientação semelhante é dada por Porchat (1993), para quem, a discrição deve guiar a divulgação de dramas humanos que interessam boa parte da população.

A troca conversacional entre os entrevistadores e os entrevistados, que aparentemente contribui para a construção de identidades de cada um desses grupos sociais, leva em consideração um ouvinte pressuposto, que é inerente ao meio rádio. Esse receptor das mensagens emitidas pelos meios de comunicação vem sendo estudado com atenção especial a

partir dos anos 80 em vários países como a Inglaterra³, e, da década de 90 em diante, no Brasil. A recepção pode ser compreendida como uma atividade, por meio da qual, o indivíduo associa os produtos veiculados na mídia ao seu cotidiano, o que constituiria o sentido dos mesmos (Thompson, 1998). No caso da entrevista radiofônica, o ouvinte parece fazer essa associação ao se sentir incluído no clima das entrevistas, apesar de não estar presente e não fazer parte da interação face a face (Prado, 1989).

Schiffrin (1994) comenta que as entrevistas no rádio proporcionam situações de constrangimento determinadas pelo desejo da audiência. Em outras palavras, o entrevistado é questionado sobre temas delicados para ele, mas que supostamente interessam ao público. Nos programas policiais, o entrevistado expõe detalhes de sua vida e, quase sempre, é perguntado a respeito de fatos que se restringiriam a um pequeno grupo de convivência em um ambiente privado.

1.5 Atos de fala

Como a rotina da entrevista prevê uma seqüência de perguntas e respostas, é importante mencionar algumas categorias conhecidas de perguntas, que foram identificadas a partir do estilo de resposta que poderiam gerar. Mas é necessário registrar que estudar apenas as perguntas nas interações ocorridas durante a entrevista radiofônica não seria suficiente para compreender o universo no qual se dão as relações sociais e a possível co-construção de identidades dos grupos que nos interessam. Schiffrin (1994) alerta para o fato de que as

³ Para uma revisão das principais correntes teóricas que norteiam esses estudos, ver BRETON, Philippe e PROUXL, Serge. *A explosão da Comunicação*. Lisboa: Bizâncio, 1997.

perguntas não podem ser interpretadas fora da análise da entrevista como um todo. Para que a pesquisa revele uma análise mais profunda da entrevista, optamos por focar os pares adjacentes, conjuntos de turnos em que um condiciona a realização do outro.

A organização da conversação se daria por meio de pares de turnos relacionados entre si produzidos por falantes distintos (Sacks e Schegloff, 1974). Formariam pares adjacentes conjuntos como pergunta e resposta e oferta e aceitação ou recusa, por exemplo. Haveria, então, a partir da produção do primeiro enunciado a expectativa de que o segundo ocorreria em seguida, como consequência natural da interação.

Searle (1981) categorizou dois tipos de perguntas. A primeira delas é, talvez, a mais simples, é aquela que requer uma resposta do tipo "sim" ou "não". Seriam perguntas iniciadas com expressões como *você acha que...* ou *você acredita que...* , que dariam origem a respostas fechadas, contrariando o interesse da entrevista radiofônica de buscar informação. Já a segunda categoria seria composta por perguntas abertas, comumente iniciadas por expressões como *quem, onde, como, qual e por que* . Nesses casos, o entrevistado pode discorrer sobre o tópico sugerido pelo entrevistador, acrescentando informações desconhecidas por ele e pela audiência ou reforçando temas já abordados.

As perguntas, na taxonomia de Searle (1975, p. 21), são uma subclasse dos diretivos, atos de fala cujo propósito ilocucionário é a tentativa do falante de conduzir o ouvinte a fazer algo. A atenção do falante, neste caso, se concentraria no esforço de fazer com que o ouvinte responda à pergunta. Na entrevista, estabelece-se um ritmo entre falante e ouvinte, com perguntas e respostas, situação em que as primeiras atingem o seu propósito de provocar uma reação do ouvinte. Brown e Levinson (1987) alertam para o fato de que as perguntas carregam, em si,

muito mais do que uma demanda de informação. Esses atos de fala, que integram a rotina conversacional entre pelos menos dois interlocutores, seriam portadores de mensagens sobre as relações humanas, incluindo aqui o *status* social e as suas possíveis mudanças.

Se na conversa cotidiana pode ser difícil para uma pessoa fazer determinada pergunta a outra, por se tratar conceitualmente de um ato de ameaça à face, na entrevista a pergunta é condição *sine qua non* para a sua realização. Ao entrevistador são conferidos o papel e a autoridade para fazer a pergunta, ainda que ela possa causar constrangimento ao outro. Esse procedimento seria semelhante àquele comentado por Cameron (2002) sobre o comportamento discursivo dos magistrados em relação aos réus. Os primeiros teriam o direito de perguntar, enquanto aos últimos restaria a obrigação de responder. Nessas situações são extremamente complexas as relações entre o falante, o interlocutor endereçado e o público (Goffman, 1979). Na entrevista radiofônica, os interagentes poderiam estar se exibindo para uma platéia – termo aqui utilizado de acordo com a concepção de Goffman (*ibid.*).

As perguntas, para Tsui (1994), poderiam ser atos iniciais de fala chamados elicitções, que teriam o objetivo de extrair obrigatoriamente uma resposta verbal ou não verbal do interlocutor. A autora define seis subclasses desse tipo de fala: *elicit inform* (elicitção informativa), *elicit confirm* (elicitção confirmativa), *elicit agree* (elicitção de concordância), *elicit commit* (elicitção comprometedora), *elicit repeat* (elicitção de repetição) e *clarify* (de esclarecimento).

Como o próprio nome de cada um desses atos de fala indica, eles visam à obtenção de um tipo específico de retorno por parte do ouvinte. Ao usar uma elicitção informativa o falante estaria interessado em buscar informação perdida ou desconhecida por ele. A segunda

subclasse, a elicitación confirmativa, tem a intenção de obter a confirmação do enunciado do falante pelo seu parceiro na interação. As perguntas pospostas podem fazer parte desse tipo de ato de fala. O interlocutor é convidado a concordar com a verdade do enunciado do falante na terceira subclasse de elicitaciones. O falante também pode recorrer a perguntas pospostas, especialmente para iniciar uma conversa com estranhos. O propósito da elicitación comprometedora é abrir um canal de comunicação com o interlocutor, fazendo com que ele se comprometa durante a interação. As elicitaciones de repetición e de esclarecimento dizem respeito ao próprio discurso; o falante pede a repetición ou o esclarecimento sobre o que foi dito em determinado contexto.

Diversas são as possibilidades de atos de fala que podem compor as respostas durante uma entrevista. Concentraremos a nossa atenção nos atos de fala informativos, definidos por Tsui (1994) como uma categoria ampla que reúne enunciados, que provêm informação com relatos de fatos, circunstâncias de determinados acontecimentos e de experiências pessoais, expressão de pontos de vistas, julgamentos e avaliações, além de sentimentos e idéias.

Os atos de fala informativos apresentam três subclasses: *report* (relato), *assesment* (avaliação) e *expressives* (expressivos), de acordo com Tsui (1994). O relato traria informações sobre eventos ocorridos e experiências pessoais. A avaliação apresentaria um julgamento do falante acerca de objetos, situações, pessoas ou eventos. A diferença entre o relato e a avaliação residiria no fato de que o primeiro poderia deixar transparecer uma impressão sobre algo, mas essa não seria a sua intenção ilocucionária primária. Já os atos expressivos revelariam os sentimentos do falante diante de determinada situação, pessoa ou evento. O falante pode demonstrar atenção, agradecimento, condolências, cumprimentar ou despedir-se do interlocutor.

Os pares adjacentes pergunta-resposta, saudação-saudação, cumprimento-saudação, despedida-agradecimento, bem como as dinâmicas interativas (Valério, 2003) adotadas pelos interlocutores durante as entrevistas serão importantes ferramentas teóricas para a abordagem que pretendemos encetar.

1.6 Trabalho de face

Durante as interações, os falantes desencadeiam ações comunicativas como, por exemplo, distanciamento, aproximação e confronto, que estariam relacionadas aos conceitos de Brown e Levinson (1987) para polidez positiva e negativa, assim como para o uso agressivo do trabalho de face, conduta que Valério (2003) denominou, com base em Tannen (1994), de *agonística*.

O termo face é usado por Goffman (1967, p. 5) para definir a imagem social que um indivíduo reivindica para si a partir da apreciação de seu comportamento em determinado grupo. Pode-se dizer que uma pessoa mantém sua face quando a sua linha de conduta ou seu comportamento torna pública uma imagem internamente consistente que é sustentada pelos julgamentos e evidências conhecidos pelos outros participantes da interação. Valério (2003, p. 33) lembra que o "tipo de face de um indivíduo não é característica sua, mas sim um construto socialmente estabelecido, a expressão social do seu 'eu' individual".

Esse construto pode se dar em eventos, onde os participantes negociam as relações interpessoais, mudando de postura e de enquadre de acordo com o desenrolar desse evento. O

footing (Goffman, 1979) envolveria o alinhamento, a conduta ou a projeção pessoal do falante, que pode passar por mudanças diversas durante uma mesma situação comunicativa.

Dois tipos de face são categorizados por Brown e Levinson (1987): quando os atributos do indivíduo são exibidos em busca de aprovação social, temos a face positiva, e, quando ele delimita ou preserva o seu espaço, temos a face negativa. Pressupõe-se que, em geral, ocorra um equilíbrio entre os tipos de face durante as interações.

A polidez positiva, na terminologia de Brown e Levinson (1987), seria a tentativa do falante de preservar a auto-imagem do ouvinte, em uma demonstração de solidariedade para com ele. Essa seria uma estratégia utilizada para expressar emoção, principalmente em contextos informais. A realização da polidez positiva pressupõe um comportamento lingüístico entre pessoas que têm intimidade e que apreciam a personalidade um do outro. Haveria entre esses falantes a reciprocidade de desejos e o conhecimento compartilhado. A atmosfera seria propícia para a confiança, o que poderia até abrir espaço para certos exageros.

Entre as principais estratégias apontadas pelos autores para a promoção da polidez positiva pelo falante, podemos destacar três: 1) a alegação de valores em comum já que falante e ouvinte pertenceriam ao mesmo grupo social; 2) a demonstração que falante e ouvinte cooperam na interação; e 3) a realização do desejo do ouvinte.

Por polidez negativa, os autores entendem o comportamento do falante de respeitar a liberdade de agir do ouvinte, preservando a sua face negativa. Esse tipo de estratégia ocorreria com mais frequência em contextos formais, com a manutenção do respeito da diferença de *status* e da distância social entre os interlocutores. Para Brown e Levinson (1987), essa seria a

maneira mais elaborada de compensar possíveis atos de ameaça à face, usada quando o falante deseja pôr uma espécie de *freio* na interação que está em curso. Em contextos de polidez negativa, não haveria espaço para a demonstração de sentimentos ou de expressividade.

Os autores definiram cinco categorias para o desenvolvimento de estratégias de polidez negativa pelo falante: 1) ser direto; 2) não presumir; 3) não pressionar o ouvinte; 4) comunicar o desejo do falante de não obrigar o ouvinte a realizar algo; e 5) atender às necessidades relacionadas com a face negativa do ouvinte.

A teoria de Brown e Levinson estaria voltada única e exclusivamente para o ouvinte, de acordo com Chen (2001), ignorando a preocupação do falante com a sua própria face – proposta denominada por ele de *self-politeness*. Essa estratégia seria usada nas situações comunicativas nas quais o falante precisa não só proteger, mas valorizar a sua própria face. Seria adequada tanto para relações pessoais quanto profissionais, quando é necessário trabalhar a imagem do governo, de uma corporação ou de uma empresa.

A exposição e a vulnerabilidade da face do falante são os motivos apontados pelo autor para justificar a sua proposta, pois a existência de atos de fala que ameaçam a face do falante e a possibilidade dele ser atacado pelo ouvinte seriam determinantes para o trabalho voltado para o *self*.

Entendemos que essa proposta estaria em consonância com uma terceira ação comunicativa relacionada à decisão do falante de preocupar-se com a própria face, relegando a face do ouvinte. Nesses casos, os atos de ameaça à face seriam realizados diretamente (Brown e Levinson, 1987), sem atenuação. Essa atitude daria origem ao uso agressivo do trabalho de

face, nas palavras de Goffman (1967), com os participantes posicionados de maneira antagonica em uma espécie de palco propício para um embate lingüístico.

A conduta pautada pela disputa dos interlocutores pela melhor argumentação faria parte da agonística (Valério, 2003). A autora ressalta que as relações de poder são evidenciadas nesse tipo de interação, onde os valores sociais são dispostos hierarquicamente. Estaria em jogo a habilidade dos competidores que pode ser demonstrada pelo conhecimento acerca do tópico conversacional, pela luta do turno e pela argumentação. A platéia (Goffman, 1979) desempenha papel importante nessa arena, já que seria um incentivo para os falantes na medida em que testemunharia o final da batalha e, conseqüentemente, assistiria a vitória de um deles e a derrocada do outro. Esse seria um modelo interativo viável para a esfera pública; a contestação seria usada como tentativa de sobrepor o posicionamento do outro (Valério, *op.cit.*).

1.7 Identidade

Outra referência teórica importante para o nosso trabalho é a de identidade social, que tem sofrido modificações em abordagens contemporâneas devido à complexidade da sociedade atual. Rajagopalan (2001) alerta que os lingüistas devem estar atentos às mudanças sociais que inviabilizam a tendência de alguns teóricos em considerar a identidade individual como algo estável. Para esse autor, “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua” (*ibid.*, p. 41).

A identidade não deve ser tomada como um conceito estanque, construído a partir de categorias fixas, tais como idade, raça, ou gênero, mas como algo que é constituído permanentemente e que gera situações em que cada um sabe o que é em relação ao outro. O processo de construção de identidades estaria ligado, então, a sentidos, histórias e memórias que relacionam o presente, o passado e as imagens de uma nação (Hall, 1992, p.51).

A inter-relação entre linguagem e identidade social é abordada por alguns autores como Ochs (1993), para quem as identidades são construídas nas interações. Papéis e posições sociais clamados pelo falante para si e para os outros seriam desenvolvidos e consolidados com base nas trocas interativas ao longo da vida em sociedade. Gumperz e Cook-Gumperz (1982), por seu turno, lembram que tanto a identidade social quanto a etnicidade são estabelecidas e mantidas por meio da linguagem. Historicamente, segundo os autores, as características simbólicas de identidades criadas para determinados grupos estariam relacionadas à maneira como estes grupos organizam o seu repertório lingüístico e escolhem estratégias e caminhos para a fala.

Alguns fatores interferem na escolha desse repertório e na conduta adotada pelos falantes durante a interação. Marcuschi (2003) lembra que o posicionamento dos interlocutores em uma situação comunicativa, especialmente quando se trata de diálogos assimétricos, está ligado à diferença de condições socioeconômicas e culturais, assim como às relações de poder existentes entre eles. Assim, “a própria construção e negociação de identidades na interação bem como a apropriação da palavra ficam afetadas por essas condições” (Marcuschi, 2003, p.16).

Outros elementos podem ser significativos para a constituição e a alteração de identidades de um indivíduo na atualidade, que apresentariam alguns dilemas, de acordo com Giddens (1999): a) unificação versus fragmentação; b) impotência versus apropriação; c) autoridade versus incerteza; e d) experiência personalizada versus experiência compartilhada.

Proteger e, ao mesmo tempo, reconstruir a narrativa da própria identidade, diante de mudanças sociais massivas, seria o primeiro desses desafios (Giddens, *ibid.*). O indivíduo seria influenciado pela dualidade das situações: aquelas distantes podem se tornar mais familiares do que algo que ocorra próximo a ele. Assim, seriam formados recortes da sua vida pessoal por meio dos quais ele trabalharia a sua identidade. Essa fragmentação pode ser promovida durante o desenvolvimento da interação que propiciaria, ainda, um ajuste sensível pelo falante de sua auto-apresentação, de acordo com o contexto. A segurança do falante em relação à sua própria identidade estaria relacionada à aprovação ou ao reconhecimento do seu comportamento pelos outros (Giddens, *op.cit.*).

O homem contemporâneo se daria conta de que está envolvido em condições socioeconômicas complexas, com agentes externos se responsabilizando pelo controle de determinadas relações, como as financeiras, por exemplo. Assim, ele se sentiria impotente por ter que lidar com máquinas e mercados em larga escala, na visão de Giddens (1999), e, simultaneamente, encontraria dificuldades para enfrentar possíveis ausências desses recursos.

A descentralização das autoridades, que não estariam mais concentradas em instituições hegemônicas, também traria reflexos para a constituição de identidades do indivíduo. Ele estaria convivendo com o poder distribuído entre vários especialistas em diversos setores da sociedade e organizações civis, que dividiriam responsabilidades com o Estado, o que pode

provocar uma sensação de incerteza. Neste cenário, as autoridades que estão legalmente autorizadas a usar o poder da força, como a polícia, por exemplo, ainda seriam reconhecidas e serviriam de referência para a sociedade (Giddens, *ibid.*).

A ascensão de especialistas provocaria associações de pessoas comuns com o discurso apresentado por eles (Fairclough, 1998). Essa pode ser uma demonstração de que algumas pessoas se identificam com a fala de peritos e se inspiram neles para elaborar a sua própria fala. A mídia, então, poderia ser considerada um espaço para a apresentação de discursos diversos, coordenados por entrevistadores e apresentadores, que se encarregariam de mediar a relação entre os convidados. Oliveira (2001) se apóia em Sodré para chamar a atenção para o fato de as alterações sistemáticas pelas quais passa o funcionamento da comunicação provocar mudanças nas relações sociais e discursivas da sociedade

(...) o surgimento de novas tecnologias de comunicação e informação permitiram o surgimento das elites logotécnicas especializadas (jornalistas, radialistas, publicitários, etc) que avocam para si a competência, o gerenciamento e a produção discursiva da sociedade, graças ao domínio de um saber intimamente relacionado com o acesso técnico aos meios de comunicação. A mídia, nesse sentido, assume o papel de intelectual coletivo cujos profissionais são promovidos à condição de elites especializadas na neo-retórica elaborada do discurso público e como uma espécie de “grupo técnico da imaginação”, responsável pela absorção, reelaboração e retransmissão de um imaginário coletivo atuante nas representações sociais. (Oliveira, 2001, p.4)

Fairclough (*op.cit*) se baseia em Livingstone e Lund (1994) para discutir a identidade ambivalente que seria constituída pelos apresentadores de programas especializados em política nos Estados Unidos. Eles se apresentariam ambigualmente, adotando papéis convenientes de acordo com a situação em curso. Essa postura seria o parâmetro para a escolha dos papéis desempenhados pelos outros participantes da interação, assim como da audiência. Os apresentadores alternariam identidades análogas às de conciliadores, anfitriões

e juízes, entre outras. Percebemos, em nossa análise, comportamento semelhante a esse, adotado pelos entrevistadores do *Itatiaia Patrulha* (Cf. capítulo 5).

O quarto e último dilema apresentado por Giddens (*op.cit.*) para a constituição de identidades do indivíduo contemporâneo é a dicotomia entre a experiência personalizada, traduzida por anseios e valores pessoais, e a experiência compartilhada, fortemente influenciada pelo consumo e pelas relações mercadológicas. A mídia aqui, em uma avaliação genérica, exerceria influência, ainda que de maneira sutil, sobre os indivíduos na medida em que a narrativa por ela expressa, sugeriria estilos de vida, que buscariam a empatia e a identificação do público. Em nosso trabalho, percebemos que o discurso dos grupos de interlocutores que constituem o *corpus*, com exceção dos suspeitos, estimulam a defesa de uma sociedade baseada em valores como segurança, justiça e punição para os que incorrem em atos ilegais e violentos (Cf. capítulo 5).

2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

*Está no ar Itatiaia Patrulha,
Sinal de alerta contra a violência e o crime
Itatiaia Patrulha, as histórias da vida
(Vinheta de abertura do Itatiaia Patrulha)*

Acompanhamos um número determinado de edições do programa *Itatiaia Patrulha* com o intuito de verificar a aplicabilidade do conceito de trabalho de face (Goffman, 1967) e das estratégias de trabalho de face (Brown e Levinson, 1987) ao estudo da interação em programa policial radiofônico e de averiguar se e como as estratégias lingüísticas e conversacionais contribuem para a construção de identidades das autoridades, das vítimas, dos suspeitos e dos entrevistadores participantes do programa.

Optamos por analisar as entrevistas nas quais ocorre a interação face a face, caracterizada pelo compartilhamento de normas que permitam a realização desse encontro social, como o conhecimento do momento de participação de cada falante e a colaboração para a troca de turnos entre os interagentes. Não obstante as características peculiares às entrevistas, consideramo-las como resultado da ocorrência de perguntas e respostas semelhantes àquelas que norteiam a conversa rotineira e permitem que os interagentes sejam colaboradores na produção discursiva.

São examinadas, assim, (a) as entrevistas nas quais o repórter faz a cobertura do evento jornalístico *in loco*, conversando com os envolvidos na situação; e (b) as entrevistas nas quais o entrevistado se dirige ao estúdio da emissora e conversa pessoalmente com o locutor.

As entrevistas selecionadas para este estudo são realizadas tanto pelo locutor que ancora o

programa quanto pelos repórteres que compõem a equipe. A medida visa a análise das trocas conversacionais empreendidas neste determinado gênero de programa radiofônico; daí considerarmos entrevistadores diversos e não privilegiarmos apenas um entrevistador. Entendemos que, desta forma, estaria parcialmente reduzido o risco das trocas conversacionais se caracterizarem como estilo pessoal de determinado entrevistador, o que limitaria os resultados desta pesquisa.

Estamos desconsiderando, portanto, entrevistas realizadas por telefone, que apresentam variáveis distintas das que ocorrem na interação face a face. Utilizamos três critérios para identificar e descartar as entrevistas telefônicas. O primeiro deles é o anúncio explícito feito pelo próprio entrevistador do programa de que aquela entrevista está sendo realizada pelo telefone; o segundo ocorre quando o entrevistador utiliza jargões do tipo "na ponta da linha conosco" para caracterizar tal interação; e o terceiro são os sons característicos emitidos quando a entrevista é telefônica, o que permite identificá-la mesmo sem o anúncio explícito do locutor.

Além disso, achamos por bem desconsiderar interações veiculadas em datas comemorativas, sábados e feriados, o que poderia alterar a rotina e as características da entrevista jornalística e, conseqüentemente, das interações no programa analisado. Descartamos, por fim, as interações entre o apresentador do programa e os repórteres e entre o apresentador do programa e o advogado que participa semanalmente do mesmo. Consideramos que esses falantes pertencem ao mesmo grupo social que, mantendo relações cotidianas, podem desenvolver ações comunicativas específicas entre eles.

Interessam-nos especialmente as trocas conversacionais em entrevistas que reúnem os

seguintes grupos sociais de falantes: (a) autoridades, entre as quais estão incluídos advogados, policiais civis e militares, juízes, representantes dos governos municipais, estaduais e federal e outros profissionais apresentados como "agentes da lei" pelos entrevistadores; (b) vítimas, que são as pessoas que tenham sofrido agressão física, psicológica ou verbal, e que se apresentem, ou sejam apresentadas como tais pelos entrevistadores. Incluem-se aqui os familiares de vítimas, que são apresentados como se fossem as próprias, e ainda as vítimas de tragédias de origem não delituosa; e (c) suspeitos, que são as pessoas acusadas de envolvimento em ações criminosas, que se apresentem ou sejam apresentadas como tais.

Realizamos, então, uma análise do modo como as estratégias discursivas são empregadas nas interações nos três grupos de falantes. Para tal, observamos as dinâmicas utilizadas nas interações, levando em consideração as estratégias de polidez negativa, positiva e agonística, a fim de avaliar se e como estas estratégias colaboram para a construção de identidades destes grupos sociais. Observamos também o enquadre adotado pelos interlocutores durante as entrevistas bem como o tópico conversacional em torno do qual as interações estão focadas e a seqüência de atos de fala que compõem essas entrevistas.

Na análise dos nossos dados, identificamos as estratégias que constituem o trabalho de face desempenhado pelo falante, tomando como referência os conceitos propostos por Goffman (1967), que embasaram o modelo de Brown e Levinson (1987) e foram sistematizados por Valério (2003).

2.1 Indagações e expectativas

De que forma as ações comunicativas, incluindo-se aqui as estratégias de polidez, contribuem para a co-construção de identidades de grupos sociais nos programas radiofônicos policiais? Essa é uma das perguntas que pretendemos responder com a presente pesquisa.

Partimos do conceito de face como um valor social reivindicado pelo falante (Goffman, 1967) para discutir as estratégias adotadas pelos indivíduos ao construir as suas próprias identidades sociais assim como as identidades dos outros. Outra preocupação nossa é verificar como o falante estaria colaborando para a co-constituição de identidades na medida em que realiza o trabalho de face.

Goffman (*ibid.*) sustenta que a apresentação individual feita pelos falantes em determinada conversa deixa transparecer a percepção de cada interlocutor da situação comunicativa na qual está envolvido, tanto do ponto de vista dos demais interagentes quanto de si próprio. Essa apresentação pública expõe a relação dicotômica dos tipos de face definidos por Goffman (1967) como positiva – o reconhecimento, a aprovação, o respeito e a apreciação pelos outros –, e negativa, a liberdade de ação e de escolhas, o não impedimento, um território privado que deve ser protegido.

Nesse jogo social, que segue uma ordem ritual pré-estabelecida pela própria sociedade, a pessoa que deseja sustentar uma auto-imagem terá um duro trabalho pela frente, na percepção de Goffman (*ibid.*). Faz parte do imaginário social, segundo o autor, a aceitação daqueles que conseguem credibilidade e confiança a partir de seu comportamento e punição severa para outros que buscam obter sucesso por meios escusos, como cometer fraudes, roubar ou matar.

A esses últimos, é defendida a aplicação do julgamento, a desqualificação ou a missão de que devem começar uma nova vida ou, pelo menos, rever a conduta aprovada socialmente (Goffman, 1967). Essa ordem ritual estaria refletida nas estratégias utilizadas pelos entrevistadores e pelos entrevistados? E mais, as estratégias, por sua vez, seriam determinantes na co-construção de identidades dos interagentes?

A partir do referencial teórico apresentado no capítulo anterior, pretendemos chegar a uma concepção da entrevista radiofônica como ato inscrito em um campo social no qual as interações entre os falantes são determinantes na constituição de identidades dos grupos sociais.

Em que medida as ações comunicativas utilizadas por entrevistadores – repórteres e locutores – e por entrevistados contribuem para a construção de identidades de autoridades, vítimas, suspeitos e desses próprios entrevistadores nos programas policiais radiofônicos? Os entrevistadores adotam as mesmas dinâmicas interativas com as três categorias de entrevistados? E quais seriam as estratégias escolhidas pelos entrevistados? Como autoridades, vítimas e suspeitos contribuem, através das escolhas discursivas, para a construção de suas próprias identidades?

A entrevista é uma situação social que reúne na maioria das vezes interlocutores desconhecidos com direitos desiguais no que diz respeito à tomada, manutenção e fechamento do turno, já que ao entrevistador é garantido o poder de dominar a interação. Nas entrevistas radiofônicas, essa situação é evidente e faz parte de um consenso entre os falantes, pois cabe ao locutor conduzir as perguntas com objetivos específicos de obter informação acerca do tópico conversacional por ele introduzido. Por outro lado, ao entrevistado, é dada a condição

de acrescentar informações ignoradas pelo locutor e que podem gerar novos tópicos conversacionais e outras perguntas não previamente pensadas pelo entrevistador. Por isso, a dinâmica da interação que mescla momentos de emoção, de distanciamento e até de conflitos, reservadas as observações mencionadas no capítulo anterior, seria semelhante àquela encontrada na interação espontânea.

Compreendendo a entrevista radiofônica como um colóquio induzido (Urbano, 1997, p. 99) - mas que preserva características da interação face a face - no qual os interlocutores se manifestam publicamente e se exibem para uma platéia, nos termos de Goffman (*op.cit.*), esperávamos encontrar a predominância de estratégias lingüísticas relacionadas com a polidez negativa, principalmente nas falas dos locutores e das autoridades, uma vez que esse tipo de dinâmica interativa destaca-se em contextos formais. Nessas situações de comunicação, pressupõe-se que sejam levados em consideração o *status* e a distância social dos interlocutores, o que acarretaria a utilização de estratégias que garantissem o distanciamento e o respeito entre os falantes, além de preocupação com o discurso e monitoramento das próprias falas.

O fato de atos de fala como perguntar serem inerentes às entrevistas poderia nos levar a inferir que esses encontros sociais se pautariam pela promoção da polidez negativa, na qual, segundo Brown e Levinson (1987), o falante deve buscar ser direto e não fazer suposições ou suspeitar do ouvinte. Por outro lado, por considerar a face negativa do ouvinte, o falante não deveria pressioná-lo em busca de informação ou de confirmação de determinadas dúvidas por ele levantadas já que a liberdade de ação do ouvinte deveria ser respeitada nesse tipo de dinâmica interativa.

A prática da entrevista radiofônica em programa policial, no entanto, parece demandar outro tipo de comportamento lingüístico do entrevistador. Dele, seria esperada a busca de informação com pelo menos dois objetivos principais. O primeiro seria satisfazer a curiosidade do público, especialmente de programas policiais, que, muitas vezes, está ávido por entender como determinado crime foi praticado ou quais as conseqüências daquele episódio para vítimas e suspeitos. Ao atender os desejos do público, o locutor se manteria na disputa pela audiência. O segundo objetivo seria demonstrar eficiência no desempenho da sua função de jornalista e de bom entrevistador, que consegue bem informar o público ao obter revelações dos entrevistados. No jogo pela audiência e pela informação em programas radiofônicos, o locutor adotaria posturas que levariam o interlocutor a enfrentar situações constrangedoras, conforme observou Schiffrin (1994).

O constrangimento para responder perguntas sobre temas embaraçosos para um dos interlocutores teria que ser enfrentado em nome do ritual estabelecido nessa situação. Nesses casos, o trabalho de face pode se tornar um desafio para falante e ouvinte, que se encontram em posições vulneráveis (Galembeck, 1997, p. 135). O primeiro, na maioria das vezes, expõe sua face positiva ao questionar o segundo sobre detalhes que provavelmente se manteriam em um âmbito privado caso não estivessem em uma situação de entrevista radiofônica. A face negativa do ouvinte, por sua vez, é ameaçada e ele se vê exposto diante de um interlocutor e de uma platéia desconhecidos. O ouvinte é obrigado a adaptar o seu trabalho de face de acordo com a provocação oferecida pelo falante; ele precisa trabalhar a sua face positiva, ou o seu desejo de ser apreciado e aprovado socialmente, para que consiga repassar a imagem que gostaria que o público tivesse a seu respeito. Ao mesmo tempo, é necessário que esteja atento à preservação de sua face negativa.

Ressaltamos, mais uma vez, a importância do público para os falantes e para os meios de comunicação. Os interlocutores visam a angariar o interesse, a atenção e a simpatia dos ouvintes da emissora que, por sua vez, reconhece o fato policial como um atrativo para o público, conforme constatou Erbolato (1981, p. 53) sobre a abordagem desse tipo de tema em jornais impressos brasileiros.

Outra expectativa nossa era a codificação de estratégias linguísticas relacionadas à polidez positiva como padrão das interações entre locutores e vítimas. Esse grupo reuniria interlocutores menos acostumados a lidar com situações de entrevistas – a exemplo do que ocorre com os suspeitos – e que contariam com a compreensão dos locutores pela própria circunstância em que se encontram. O momento é de fragilidade para as vítimas que, invariavelmente, no instante da entrevista acabaram de enfrentar algo inesperado e que apresenta seqüelas para as suas vidas e de seus familiares.

A emoção e a expressividade espontânea, com alguns registros de choro durante as falas, características da polidez positiva, estariam presentes no discurso das vítimas que relatam os episódios por elas vivenciados, os descuidos ou os motivos que propiciaram a ocorrência das fatalidades e o destino da família após o fato. Os locutores, por seu turno, estariam dispostos a compartilhar o sofrimento pelas perdas materiais ou imateriais. Assim, assumiriam um papel solidário e de aprovação do discurso das vítimas.

A ocorrência de agonística nas interações entre locutores e suspeitos era esperada pelo fato de nesse tipo de dinâmica interativa, o falante optar pela preocupação com a própria face, relegando a face do ouvinte. Entrevistadores e suspeitos se apresentariam em papéis antagônicos, ao estabelecer uma situação de confronto através das interações e das escolhas

lingüísticas. De um lado, os suspeitos podem querer encobrir a sua identidade, o que é comum a algumas pessoas estigmatizadas pela sociedade, como observou Goffman (1963). De outro lado, os entrevistadores podem investir na descoberta de informações não reveladas sobre os crimes e ainda no julgamento das atitudes dos interlocutores.

Além da distância social e da diferença de *status* entre os interlocutores parece não haver entre eles a preocupação com a manutenção de boas relações sociais. O suspeito que grava a entrevista é, via de regra, encaminhado para a prisão dado que foi preso pela polícia e apresentado aos jornalistas, o que reduz a possibilidade de que venham a estar frente a frente novamente para outra interação face a face.

Faz-se importante o registro de que esperávamos também um equilíbrio entre as estratégias de polidez negativa e as de polidez positiva no discurso da maioria dos interlocutores visto que a alternância entre elas garantiria um ambiente razoavelmente harmônico e propício para a tentativa de obter informações. A opção por uma das dinâmicas não exclui a adoção da outra e em momentos diversos como aqueles em que emite opiniões, o falante pode escolher a duplicidade de atitudes (Galembeck, 1997, p.136) sem que a interação seja prejudicada.

2.2 Descrição do *corpus*

Uma pesquisa por nós realizada nas emissoras de rádio de Belo Horizonte revelou que o programa *Itatiaia Patrulha*, transmitido de segunda a sábado entre 17h 05min e 17h 55min na Rádio Itatiaia em Amplitude Modulada (AM) e Frequência Modulada (FM), permanece como

um *locus* de divulgação de notícias policiais, veiculadas especialmente por meio de entrevistas com autoridades, vítimas e suspeitos de crimes.

O *Itatiaia Patrulha* é um programa popular que aborda, como a própria vinheta de abertura anuncia, as histórias da vida. Dramas pessoais, casos de violência, assassinatos, incêndios, enchentes, desabamentos, seqüestros, roubos, acidentes de trânsito e tragédias diversas são pauta recorrente para jornalistas e entrevistadores. Salomão (2003, p. 107) relata que a Rádio Itatiaia privilegia a veiculação de depoimentos que, sistematicamente, ressaltam as conseqüências e sofrimentos desencadeados por um destes acontecimentos. Diariamente, no *Itatiaia Patrulha*, esses tópicos são tratados a partir da perspectiva e da visão de mundo de vítimas, autoridades e suspeitos, que constituem os grupos de interlocutores centrais da nossa pesquisa.

A escolha do *Itatiaia Patrulha* justifica-se, sob o ponto de vista lingüístico, pela presença efetiva desses grupos, autoridades, vítimas e suspeitos, no programa. Essa pluralidade de participantes contribui para um universo diversificado de interações entre os entrevistadores e os entrevistados, em trocas conversacionais longas, que permitem a análise das estratégias discursivas adotadas pelos interagentes.

Outro ponto em prol do *corpus* selecionado é o fato de que muitas entrevistas produzidas para o programa são transmitidas como se fossem ao vivo, o que viabilizaria uma interação com características semelhantes a uma conversa. Ao evitar os recortes de perguntas dos entrevistadores e dos depoimentos dos entrevistados, que alterariam a estrutura e a forma da interação face a face, minimiza-se a conseqüência da edição da entrevista. Com efeito, tanto nestas entrevistas quanto naquelas que são transmitidas ao vivo, é possível encontrar

exemplos onde há espontaneidade e improviso e não apenas a técnica de uma entrevista organizada com perguntas previamente elaboradas. Aos entrevistados é garantido o espaço para que participem de vários turnos de fala e não apenas de um ou dois, como se faz rotineiramente em outros programas jornalísticos.

Ainda que a nossa pesquisa não tenha a pretensão de realizar um levantamento quantitativo, percebemos que nas gravações coletadas entre março e outubro de 2003 o número de entrevistas com autoridades e vítimas foi maior do que com os suspeitos de crimes. Em virtude dessa constatação, ampliamos o número de dez para 15 horas de gravação, estendendo o período até dezembro do mesmo ano, de modo que fosse possível analisar um conjunto significativo de entrevistas também com os suspeitos.

Desse total de horas gravadas, selecionamos, de acordo com os critérios apresentados a seguir, cinco entrevistas com cada um dos três grupos sociais que interessam para a nossa análise. Adotamos sugestão de Oliveira e Silva (2003, p. 121) para a seleção do número de falantes. Para esse autor, amostras muito grandes em pesquisa acadêmica podem ter os falantes selecionados de acordo com o método aleatório. Trabalhamos, então, com cinco entrevistas com autoridades, suspeitos e vítimas, com duração média de 3,5 minutos cada uma. Nos grupos das vítimas e dos suspeitos há ocorrências de duas pessoas entrevistadas durante uma mesma seção de entrevistas e não achamos conveniente isolar uma delas, por fazerem parte do mesmo contexto. Durante as entrevistas ocorrem no mínimo três trocas de turno, geralmente com respostas mais longas que perfazem até 14 linhas de transcrição. A maior entrevista reúne 42 trocas de turnos entre os falantes, com respostas curtas, que ocupam uma ou duas linhas de transcrição.

A Rádio Itatiaia é uma das emissoras mais tradicionais do estado de Minas Gerais. Inaugurada oficialmente em 20 de janeiro de 1952, dia do aniversário de seu idealizador e fundador Januário Carneiro, a emissora detém 90% da audiência nos segmentos esportes, jornalismo e prestação de serviços⁴, podendo o *Itatiaia Patrulha* ser inserido nestes dois últimos. O primeiro programa do gênero policial lançado pela emissora é da década de 60. O *Rádio Polícia* noticiava os crimes cometidos em Belo Horizonte e abria espaço para os acusados (Martins, 1999). Durante a ditadura militar, os programas policiais, que não eram censurados pelo governo, ganharam espaço e foram importantes para a manutenção da audiência da Itatiaia. O programa policial foi adaptado e é, até os dias atuais, um dos atrativos da emissora.

O *Itatiaia Patrulha*, que está desde 5 de julho de 1975, é um programa dinâmico, com cerca de 50 minutos de duração, que mantém formatação sujeita a breves variações apenas em datas especiais ou quando fatos jornalísticos de grande repercussão são registrados em caráter excepcional. O programa atinge públicos variados. O perfil dos ouvintes, em maior número, é de homens das classes C, D e E, com idade entre 25 e 49 anos, moradores das regiões oeste e norte da Grande Belo Horizonte, de acordo com o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística⁵. O *Itatiaia Patrulha* registrou uma média de 112 mil ouvintes por minuto entre novembro de 2003 e janeiro de 2004 e cerca de um ano depois, entre outubro e dezembro de 2004, o número de ouvintes subiu para 136 mil por minuto, tornando o programa um dos recordistas de público dentro da própria emissora e o primeiro lugar em audiência no rádio em Minas Gerais no horário em que é veiculado⁶.

⁴ Rede Itatiaia. *Rede Itatiaia*. Belo Horizonte. Disponível em <http://www.itatiaia.com.br>. Acesso em: 13/fev.2005.

⁵ Ver nos anexos desse trabalho tabela de público-alvo, que foi gentilmente cedida pela Rede Itatiaia de Rádio.

⁶ Ver nos anexos desse trabalho gráfico e tabela de audiência que foram gentilmente cedidos pela Rede Itatiaia de Rádio.

Normalmente, o primeiro bloco do programa tem na abertura uma vinheta falada por um locutor distinto daquele que o apresenta. A vinheta anuncia "Está no ar *Itatiaia Patrulha*, sinal de alerta contra a violência e o crime. *Itatiaia Patrulha*, as histórias da vida". Na sequência, outra vinheta, desta vez musicada, em tom alegre e bem mais suave que a anterior, identifica o apresentador do programa, o que cria uma certa empatia com os ouvintes. A seguir, são veiculadas as manchetes do dia, que trazem os destaques na cobertura jornalística policial e os temas polêmicos que serão abordados no programa. As manchetes são apresentadas, em geral, com pequenas edições das falas dos entrevistados.

O *Itatiaia Patrulha* é dividido em quatro ou cinco blocos, de acordo com o número de reportagens a serem apresentadas no dia, que são intercaladas com anúncios comerciais. Após o intervalo comercial é tocada a vinheta do nome do apresentador, que comanda os repórteres na rua, as entrevistas realizadas no estúdio e, eventualmente, as entrevistas feitas via telefone. Em alguns dias, o próprio locutor vai às ruas para entrevistar os suspeitos de crimes. Além desses, participam do programa, como entrevistados, autoridades convidadas e vítimas que procuram a emissora.

2.3 Convenções para transcrição

Os dados foram transcritos pelo Laboratório de Fonética da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) de acordo com as convenções adaptadas dos critérios utilizados por Tannen e Wallat (1989) e por Marcuschi (2003), descritos a seguir.

QUADRO 1: Convenções para transcrição

Símbolos	Especificação
(xxx)	incompreensão de palavras
/	interrupção de fala
“aspas”	discurso direto
...	fala não concluída
/.../	fala sobreposta
()	hipótese do que se ouviu
?	entonação crescente
.	entonação decrescente
:	alongamento de som
..	pausa breve (entre meio segundo e um segundo)
<u>Sublinhe</u>	entonação enfática (diferente de sílaba tônica)
- silabação	(ex: fa-la-do)
iniciais maiúsculas	nomes próprios

Os exemplos retirados do *corpus* estão numerados e trazem ao final a indicação de quem é a fala de acordo com a seguinte legenda: E = entrevistador; A = autoridade; V = vítima e S = suspeito. O número que acompanha cada uma das letras citadas indica a ordem em que a transcrição foi realizada. Assim, por exemplo, A1 diz respeito à primeira autoridade que teve a fala transcrita. No caso dos entrevistadores, prevalece apenas a indicação E, sem numeração.

Informamos ainda que algumas falas exemplificadas foram reproduzidas parcialmente, por questão de economia, visto que alguns turnos atingiam mais de dez linhas de transcrição. Esse procedimento não implica em prejuízos para a análise uma vez que ela foi feita a partir dos dados em seu contexto original. A transcrição das entrevistas pode ser consultada nos anexos desse trabalho. E, por fim, esclarecemos que optamos por manter os nomes dos interlocutores quando citados durante a conversa já que as entrevistas foram veiculadas em uma emissora de rádio e, portanto, não haveria motivos para ocultá-los aqui.

3 ESTRUTURA DAS ENTREVISTAS

“A entrevista, evidentemente, se funda na mais duvidosa e mais rica das fontes, a palavra. Ela corre o risco permanente de dissimulação ou da fabulação”.
Edgar Morin

Ao analisar o trabalho de face dos interlocutores – entrevistadores com autoridades, vítimas e suspeitos – percebemos características comuns a entrevistas em alguns desses grupos no que diz respeito ao sistema de tomada de turnos (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974) e à seqüência dos atos de fala (Searle, 1975), o que parece interferir nas estratégias lingüísticas para preservação da face, escolhidas pelos falantes. A estrutura das entrevistas jornalísticas em programa radiofônico policial em nosso *corpus* pode ser dividida em dois padrões que serão apresentados neste capítulo.

Antes, porém, faz-se importante lembrar a rotina da entrevista com a seqüência de perguntas e respostas. As perguntas fechadas que sugerem respostas simplificadas no estilo sim ou não (Searle, 1975) ocorrem com baixa freqüência nas entrevistas por nós analisadas no *Itatiaia Patrulha*, onde interessariam a informação e a riqueza de detalhes sobre determinado fato. As perguntas abertas, que dão ao entrevistado a oportunidade de comentar o assunto, são constantes em nossos dados.

Parece-nos que as perguntas, como diretivos (Searle, 1975) que visam à condução do ouvinte para a elaboração da resposta, atingem os seus objetivos durante as entrevistas radiofônicas. Em alguns momentos, percebemos que a resposta que parecia ser esperada pelo falante não ocorre, mas o objetivo de obter uma resposta é alcançado pelo entrevistador.

Raramente uma pergunta fica sem resposta verbal no rádio a menos que o silêncio seja perceptível pelo público da emissora. Em nossos dados, a exceção é registrada no grupo dos suspeitos, quando um deles se recusa a responder os questionamentos do entrevistador. Até mesmo nesses casos, o suspeito comunica que não deseja conceder a entrevista, o que não deixa de ser uma resposta. Cabe-nos aqui observar que as respostas poderiam ser verbais ou seus substitutos não verbais, de acordo com o que constatou Tsui (1994) sobre as eliciações (Cf. capítulo 1).

Concentramos as nossas atenções naquelas respostas que têm registro verbal já que as não verbais ocorrem com pouca frequência. Encontramos entrevistas, em nossa análise, que contêm em sua estrutura basicamente eliciações formuladas pelos entrevistadores seguidas das respectivas respostas fornecidas pelos entrevistados.

Percebemos que a estrutura da entrevista do ponto de vista da troca de turnos e da seqüência dos atos de fala pode estar relacionada, entre outros fatores, à maneira de sua veiculação na emissora de rádio e não somente ao grupo de interlocutores analisado. Parece-nos claro que os interlocutores influenciam a escolha dos atos de fala, mas não podemos desconsiderar que o meio rádio tem suas especificidades que também interferem na constituição do discurso.

As entrevistas com vítimas e suspeitos, nas edições do programa analisadas, foram todas gravadas antes do programa. Talvez por terem sido realizadas com antecedência, essas entrevistas apresentem uma seqüência de atos de fala diferente daquelas realizadas com as autoridades, que foram veiculadas ao vivo em algumas ocasiões, ou seja, transmitidas diretamente para o rádio no momento em que estão ocorrendo. Esse pode ser um dos motivos que levam os interlocutores a se sentir sugestionados a realizar alguns atos de fala como

cumprimentos e despedidas, típicos da interação face a face espontânea em contextos de polidez positiva.

Em função dos motivos apresentados, identificamos, em nosso *corpus*, dois padrões de estrutura de entrevistas de acordo com a troca de turnos e a seqüência de atos de fala: a) entrevistas ao vivo e b) entrevistas gravadas.

3.1 Entrevistas ao vivo

No primeiro padrão, ou seja, nas entrevistas ao vivo, o discurso vai sendo constituído na medida em que é veiculado na emissora de rádio. Não há possibilidade de edição; tudo o que é dito vai diretamente para o ar, sem cortes na fala dos interlocutores. Por isso, as trocas conversacionais parecem se dar de maneira ainda mais espontânea do que nas entrevistas gravadas previamente. Os profissionais de rádio recorrem às entrevistas ao vivo, entre outros motivos, para garantir imediatismo à produção jornalística.

As entrevistas ao vivo no programa policial cumpririam a função de dar uma resposta imediata sobre determinado assunto abordado por outro entrevistado, de repercutir um tema polêmico surgido durante o programa ou de chamar a atenção do público para a importância de determinado fato, entre outras. Essas entrevistas aparecem em momento destacado pelo entrevistador e podem significar até mesmo a retirada de outra entrevista do ar devido à sua importância e ao tempo necessário para a sua realização. A entrevista ao vivo é uma das vantagens do rádio perante os outros meios de comunicação. É possível através de um simples

telefonema atualizar uma informação ou complementar uma matéria. Muitas vezes, uma conversa para checagem de uma notícia se transforma em entrevista veiculada imediatamente no rádio, uma das formas mais rápidas de dar divulgação a um fato (Prado, 1989).

De uma maneira geral, o programa *Itatiaia Patrulha* tem a maior parte de suas entrevistas gravadas com antecedência. A produção jornalística do programa precisa garantir entrevistas que preencham os cerca de trinta minutos destinados à veiculação de informação. Os outros cerca de vinte minutos são preenchidos com comerciais distribuídos em blocos e veiculados nos intervalos das entrevistas.

O espaço para os convidados que participam ao vivo é reservado nos dias em que fatos inesperados são registrados em Belo Horizonte ou em Minas Gerais. Quem ocupa esse espaço é a pessoa que está em evidência naquele momento. Pode ser uma autoridade, que tem informações novas sobre um caso que está sendo apurado, ou uma vítima, que ainda não havia se pronunciado sobre uma situação atípica. A participação de suspeitos ao vivo praticamente não ocorre em função das próprias limitações que os envolvem do ponto de vista legal. Aqueles que são presos em flagrante normalmente são encaminhados para delegacias e penitenciárias e, obviamente, não têm muita oportunidade de ir pessoalmente ao estúdio ou conceder uma entrevista ao vivo a partir da prisão, a não ser em situações excepcionais.

Há registros de entrevistas ao vivo no *Itatiaia Patrulha* com presos que comandam rebeliões nas delegacias e penitenciárias do Estado. Eles usam telefones celulares para fazer contato com o entrevistador e apresentar publicamente as suas reivindicações. Em nosso *corpus*, no entanto, esse tipo de interação não ocorreu.

Encontramos apenas duas ocorrências de entrevista ao vivo no nosso *corpus*. Ambas fazem parte do grupo das autoridades e foram realizadas pelo locutor que apresenta o programa. A estrutura das entrevistas parece obedecer a uma abertura feita pelo entrevistador com o objetivo de apresentar o convidado, com o nome completo e o cargo que ocupa, o assunto sobre o qual ele vai falar e um cumprimento ou boas vindas. O entrevistador inicia, então, uma seqüência de atos de fala que caracterizariam uma descrição tradicional da organização conversacional, de acordo com Schegloff e Sacks (1974). Em outras palavras, tem início a formação de pares adjacentes de perguntas e respostas.

A abertura dessas entrevistas, então, reúne atos de fala expressivos (Searle, 1975), que servem para cumprimentar o interlocutor e demonstrar o estado psicológico do falante diante da situação social. Constatamos que a resposta preferida a um cumprimento nesses casos é positiva e pode demonstrar simpatia pelo interlocutor, ainda que o assunto seja desagradável. Esse tipo de resposta parece inevitável para quem pretende manter a cordialidade durante a interação que se inicia, conforme mostra o exemplo (1). Nessa fala, identificamos atos expressivos, que exerceriam a função de reafirmar as relações sociais. Além disso, parece que os falantes querem prolongar um relacionamento já existente, conforme o próprio entrevistador deixa transparecer tanto na abertura quanto no encerramento da entrevista ao mencionar que a autoridade já havia participado do programa.

(1) eu vou conversar com o tenente coronel Anísio Moura que é comandante do batalhão rotam.. não é a primeira vez que ele vem ao programa para abordar esse assunto. coronel.. **boa tarde**. (E)
boa tarde (xxx).. boa tarde ouvintes da rádio Itatiaia. (A2)

Após a formação do par adjacente com a troca de cumprimentos, o primeiro falante – o

entrevistador – retoma o turno e desenvolve a conversa. Identificamos a partir daí uma das seqüências mais comuns na interação espontânea, a de perguntas e respostas (Marcuschi, 1991). São constituídos, assim, novos pares adjacentes que vão compor a entrevista propriamente dita. O exemplo (2) é um recorte do estilo de pergunta, precedida por um comentário do entrevistador, e de resposta que podem ocorrer nas entrevistas. Identificamos nesse exemplo uma elicitación (Tsui, 1994, p.171). A pergunta do falante leva o interlocutor a se comprometer com o assunto abordado pelo primeiro. No caso dos falantes a seguir, o entrevistador conduz a autoridade para uma avaliação que a envolva como responsável pelo problema uma vez que ela fala em nome da corporação que representa, a Polícia Militar.

(2) coronel.. o senhor acabou de ouvir essa pessoa que deu uma entrevista para a Grazielle. até.. a gente percebe claramente.. que é uma pessoa bem esclarecida.. que tá fazendo aí. um grande desabafo. como é que a polícia militar pode agir.. porque ontem no final do jogo do Cruzeiro.. eu conversei com o senhor por telefone e o senhor.. naquele momento estava dentro da Pedreira Prado Lopes já que que existiam três pessoas baleadas.. três inocentes.. um bandido morto e outro baleado na cabeça. o senhor estava lá dentro.. enquanto o Mineirão tava com oitenta mil pessoas. como é que o senhor avalia.. mesmo com a prisão do Ronei.. esse momento que a Pedreira Prado Lopes tá vivendo? (E)

o momento.. realmente.. é um momento de muita preocupação. e a **avaliação que nós fazemos é que a polícia militar tem que adotar medidas no sentido de conter qualquer possibilidade de agravamento da situação.** essa pessoa que falou.. sugeriu que a polícia militar deve agir com um pouco mais de inteligência. eu não diria um pouco mais de inteligência.. não que ela não tenha feito isso.. ela deve procurar privilegiar/ (A2)

O fechamento conversacional nestes casos também é marcado por atos de fala expressivos. Os pares adjacentes aqui podem ser despedida-despedida, agradecimento-retribuição e convite-aceitação para que a autoridade participe de entrevista em outra oportunidade. Nesse caso, é estabelecido um *footing de cordialidade e empatia*, a exemplo do que constataram Paiva e Rodrigues Júnior (2003) ao analisar fórum *on-line* de discussão. No exemplo (3), o

entrevistador agradece o convidado pela participação no programa. Esse, por sua vez, toma o turno e reitera agradecimentos e comentários sobre o tema em discussão. A autoridade dá a impressão de que não deseja encerrar a sua fala, já que insiste em fazer comentários enquanto se despede. Por fim, o entrevistador precisa dar por encerrada a questão uma vez que havia feito diversas tentativas de despedir-se do convidado.

Nesse momento, o entrevistador usa o seu poder de conduzir a conversa para determinar o encerramento da participação do outro, independentemente de estar em uma interação com uma autoridade militar, o que poderia significar a exigência de respeito e até mesmo uma certa submissão à fala do interlocutor. Ocorre aqui a interrupção do entrevistado pelo entrevistador, que parece típica desse tipo de interação ao vivo (Cf. capítulo 1).

(3) **perfeito. muito agradecido** ao tenente coronel Anísio Moura.. comandante do batalhão rotam. coronel.. **boa tarde ao senhor.** (E)
 boa tarde.. muito obrigado e bom trabalho. (A2)
muito obrigado. são cinco horas e vinte minutos. gente.. eu fiz questão de mais uma vez trazer o coronel Moura aqui.. exatamente pra mostrar à comunidade.. porque nós que somos repórteres de polícia.. nós sabemos da luta que a polícia tem contra o crime. (E)

Encontramos uma estrutura bastante semelhante em outra ocorrência de interação ao vivo. A abertura da entrevista se dá com atos expressivos tal como acontece com a que foi descrita anteriormente. A apresentação do convidado é feita pelo entrevistador com o cargo e o nome completo do entrevistado e ocorre a troca de cumprimento entre eles.

(4) cinco e vinte e oito. cinco horas vinte e oito minutos. recebendo aqui o **pastor Roberto Luis.** é o seguinte. **ele é do conselho criminal lá de Ribeirão das Neves.** tá com uns dados aqui terríveis e aí já foi até o

governador do estado.. foi até inclusive ao secretário e tal. **boa tarde.. pra/ prazer tá recebendo o senhor aqui pastor.** (E)
 prazer é meu Paulo.. boa tarde. boa tarde aos ouvintes da Itatiaia. (A1)

A diferença entre as duas interações mencionadas é percebida, no entanto, na seqüência de perguntas e respostas que fariam parte da entrevista. O entrevistador e a autoridade parecem participar de um bate-papo informal, com as perguntas sendo substituídas por atos de fala informativos, tomados aqui a partir do conceito de Tsui (1994), explicado no capítulo 1. O exemplo (5) mostra que a autoridade civil e o entrevistador compartilham opiniões sobre a violência em determinada área da Região Metropolitana de Belo Horizonte. A entrevista, então, seria deixada de lado para que os interlocutores troquem idéias e façam avaliações sobre o tema em debate. Essa postura ocorre em praticamente toda a interação, diferentemente das outras entrevistas analisadas.

(5) **a gente pastor até comentava** depois da.. que a polícia ficou lá um tempo.. lá no Riacho das.. no Ria/ no.. (no) (E)
 (no Cabana) (A1)
 no Morro das Pedras. (E)
 no Morro das Pedras. (A1)
 e no Cabana.. o senhor viu como é que tá a situação. (E)
exatamente. na na gestão do coronel Murta.. naquele episódio que foram assassinados cinco jovens.. a polícia ocupou o morro.. né.. e diminuiu em noventa e cinco o índice de criminalidade. mas só que não continua.. não há solução de continuidade nos trabalhos /.../. (A1)
 /.../(tá provado então) onde a polícia tá não precisa daquele aparato de helicópteros não. bota uns três policiais lá.. pô. (E)
exatamente. algumas poucas viaturas.. policiais educados.. porque tão mexendo com gente. não é porque é favelado (que) /.../ (A1)

O encerramento da interação se dá com atos de fala expressivos, por meio dos quais os interagentes se despedem e desejam um ao outro um bom final de semana. Mais uma vez, cabe ao entrevistador determinar o momento em que a conversa deve ser finalizada. No

instante em que considera adequado, ele se responsabiliza pelo agradecimento e pelo encerramento do turno do convidado. A autoridade, por sua vez, ao contrário da que participou da primeira entrevista comentada, deixa transparecer que entende o contexto e respeita a proposta do interlocutor. Ela não tenta manter o turno ou fazer novos comentários após o encerramento anunciado pelo entrevistador.

(6) o delegado lá.. o homem sério.. teve que manter um preso algemado dois dias na.. lá na escada da seccional Centro enquanto aguardava uma vaga pra levá-lo pra delegacia. (A1)
 pastor.. um abraço.. muito obrigado meu querido. (E)
 (um abraço). (A1)
 bom final de semana (pro senhor). (E)
procê também.. Paulo. (A1)
 são cinco horas.. trinta e dois minutos. (E)

3.2 Entrevistas gravadas

O segundo padrão de estrutura de entrevistas de acordo com a troca de turnos e a seqüência de atos de fala reúne a maior parte das interações que integram os nossos dados. Treze das quinze entrevistas analisadas foram gravadas antes do programa ir ao ar. As interações parecem refletir os resultados de uma conversa rápida, anterior à gravação, entre o entrevistador e o entrevistado, especialmente quando se trata do grupo das autoridades e das vítimas, conforme veremos nesta seção. No caso dos suspeitos, percebe-se que provavelmente essa conversa prévia não teve lugar a julgar pelos atos de fala que dominam a entrevista.

Antes, porém, de comentarmos sobre o sistema de troca de turnos e a seqüência dos atos de fala, é interessante abordar algumas características desse tipo de entrevista. O entrevistador realiza o procedimento jornalístico chamado de apuração antes de fazer a gravação da

entrevista. Nessa conversa rápida que pode ser com o próprio entrevistado ou com outra pessoa que tenha informação sobre o assunto, ele verifica alguns dados que lhe garantam a condição mínima para conduzir a conversa sem permitir que o entrevistado divague sobre o assunto. Ao mesmo tempo, é essa apuração inicial que vai gerar alguns elementos importantes para a elaboração das perguntas, que devem ser eficazes no sentido de estabelecer um clima comunicativo capaz de permitir a espontaneidade tanto do entrevistador quanto do entrevistado, envolvendo o ouvinte da emissora de rádio. A partir dessa rápida conversa, procede-se à gravação da entrevista.

O curioso na produção dessas entrevistas é a tentativa de simular uma conversa feita ao vivo. Apesar de terem sido gravadas antes do programa, elas tentariam passar ao ouvinte a impressão de que a interação acontece de forma espontânea, sem cortes ou montagens nas falas dos entrevistados ou, até mesmo, inversão da ordem das perguntas, como é comum acontecer em alguns programas jornalísticos.

O *Itatiaia Patrulha* parece conseguir manter um estilo de produção que preservaria grande parte da naturalidade na conversa gravada. Como o próprio ritmo de captação de notícias e de entrevistas é intenso e há pouco tempo para editar o material que será levado ao ar, privilegia-se esse tipo de entrevista, que apresenta as perguntas e as respostas organizadas como numa conversa.

A abertura das entrevistas gravadas difere daquela adotada para as entrevistas ao vivo, apesar de contar com uma introdução para a conversa feita pelo entrevistador, como parece lógico para a situação da entrevista. O entrevistador faz um resumo das informações principais do caso, em forma narrativa, e menciona o nome completo e a profissão ou o cargo do

entrevistado. A diferença em relação ao primeiro modelo é que essa fase da conversa não conta com os pares adjacentes cumprimento-cumprimento. Ao introduzir o tópico conversacional, o entrevistador inicia imediatamente a seqüência de perguntas e respostas que constituem a maior parte da interação, sem se preocupar em dar as boas vindas ao entrevistado.

Notamos ainda uma diferença em relação às entrevistas gravadas com autoridades e aquelas gravadas com suspeitos e vítimas. O entrevistador, apesar de não cumprimentar a autoridade, se refere a ela com uma certa intimidade. Ora a autoridade é chamada pelo nome, ocorrendo a omissão do cargo, quando o entrevistador se dirige diretamente a ela para fazer a pergunta (exemplo 7), ora quebra a formalidade da entrevista adotando uma entonação de voz mais cordial e simpática (exemplo 8).

(7) três adolescentes aforam apreendidos no início da tarde de hoje.. depois de terem praticado um assalto a uma casa lotérica que fica na rua da Bahia com rua Timbiras.. no Centro de Belo Horizonte. os três entraram na casa lotérica.. renderam os funcionários e clientes e levaram todo o dinheiro do caixa. quando saíam da casa lotérica.. um dos funcionários resolveu seguir os assaltantes e acabou apontando os autores pra polícia. a gente vai conversar com o **soldado Maia** que é da quarta companhia. A quarta companhia que fica a menos de dois quarteirões do local onde os meninos entraram e levaram todo o dinheiro da casa lotérica. **Maia.. o rapaz acabou apontando os assaltantes pra vocês.. aí cês deram início à perseguição.**
(E)

(8) sete pessoas.. dentre elas.. três menores de idade foram presas durante a madrugada de/ depois de terem assaltado.. agredido e roubado a arma de um policial militar no bairro Boa Vista.. região de Vespasiano. **quem vai contar a história pra gente é o delegado que tá respondendo pela delegacia do Morro Alto.. doutor. Ailton Aparecido Lacerda. que que essa moçada aprontou doutor. Ailton?**

Já as entrevistas realizadas com as vítimas evidenciam o desespero e o sofrimento dos entrevistados logo na abertura da conversa. A apresentação do interlocutor é feita com uma

breve narrativa sobre o caso, seguida pelo nome e pela ocupação da vítima. Mas a fala dela é introduzida por meio de discurso indireto, o que elimina a primeira pergunta, como no exemplo (9). Não encontramos atos de fala que evidenciam cumprimentos ou outro tipo de recepção ao convidado, o que caracterizaria um certo distanciamento entre os falantes.

(9) um caso chocante de abuso sexual de criança levou uma mulher ao desespero e aos limites do ódio no bairro General Carneiro em Sabará.. na região metropolitana da capital. dona Cléumia Regina dos Santos de trinta e dois anos.. foi hoje para a porta da delegacia da cidade pra ter certeza de que o homem suspeito de abusar do filho dela de apenas onze aninhos.. ficaria realmente trancafiado. o jardineiro e capoeirista Ronaldo Elias dos Santos de dezoito anos.. foi preso e levado para a delegacia depois de apanhar e muito da mãe do garoto que estava irada com o que aconteceu. principalmente porque depois de toda a violência sofrida pelo menino.. ela descobriu que o agressor pode estar com aids. a mulher contou que o filho escapou das mãos dela pra cair nas garras do jardineiro numa fração de segundos. o garoto saiu de casa correndo depois de uma discussão boba com a mãe. (E)

eu fui chamar a atenção dele.. ele fugiu pra .. pra rua. nele fugir pra rua.. esse cara pegou ele. eu procurando ele prum lado/ enquanto eu tava pro lado de cá.. ele tava pra esse lado de.. pra.. pra.. pra esse lado de cá. foi.. foi nessa hora que o cara pegou.. pegou e levou. ele ficou com ele de meia noite até seis hora da manhã. (V4)

Há uma ocorrência no nosso *corpus* na qual o entrevistador identifica a vítima pelas iniciais e não pelo nome completo: *para a viúva.. FSC de quarenta e quatro anos.. mãe de três filhos.. sobram todos os sentimentos de quem vê uma longa jornada voltar à estaca zero.* Provavelmente ocorre a pedido da própria entrevistada, como é comum em algumas situações jornalísticas, quando a mesma não quer se identificar. O procedimento costuma ser utilizado para preservar a segurança da vítima. As iniciais são usualmente um recurso para aqueles entrevistados que testemunharam um crime, se sentem em perigo ou vão fazer uma denúncia grave. Por isso, preferem manter o anonimato para evitar problemas decorrentes da entrevista. No meio jornalístico, pode ser uma condição estabelecida pelo entrevistado para que ele concorde em participar de um programa radiofônico ou televisivo, por exemplo. Outros

entrevistados escolhem o anonimato para ter mais liberdade durante a interação, sem se preocupar em ser reconhecidos por ouvintes que, eventualmente, façam parte do seu meio social. Essa estratégia poderia ser uma maneira de se distanciar de uma imagem pública já consolidada. No exemplo citado, durante a entrevista, o entrevistador acaba chamando a entrevistada pelo primeiro nome, *Fernanda*, o que revelaria a sua identidade. Além disso, o nome completo do marido assassinado foi falado no ar.

As entrevistas com os suspeitos revelam uma estrutura semelhante às com as vítimas no que diz respeito à abertura sem cumprimentos, mas trazem uma distinção notável. Os entrevistados não são apresentados pelo nome, mas por termos genéricos ou artigos indefinidos, como mostram os exemplos (10) e (11). Nesses casos, não importaria quem está falando, mas o que ele está falando, o que caracterizaria, segundo Prado (1989), uma entrevista noticiosa.

(10) vou conversar **com eles** aqui. conversar com **um aqui**. diz ele/ **cê** tem dezessete anos mesmo? (E)
tenho. (S4)

(11) já? vou conversar com **o outro aqui**.. ele tem dezesseis anos.. faz dezessete agora no mês que vem.. é? (E)
nada a declarar não. (S5)

A seqüência de perguntas e respostas tem início logo após a abertura, como é comum a quase todas as entrevistas analisadas. Encontramos perguntas que se encaixariam na categorização de Tsui (1994) para as subclasses de elicitacões, especialmente para três tipos, que ocorrem com mais freqüência: *inform* (que busca informação); *confirm* (que busca confirmação) e *agree* (que busca concordância) e suas respectivas respostas.

As eliciações que visam conseguir informação ocorrem com mais freqüência em nossos dados; constatação que confirmaria a proposta do *Itatiaia Patrulha* de informar o público sobre os casos policiais de destaque e do entrevistador de levantar dados que detalhem o relato em curso. O exemplo (12) indica como esse tipo de pergunta é ainda mais comum nas entrevistas com os suspeitos. As respostas, por sua vez, podem ser, como nos exemplos, relatos, subclasse de atos de fala informativos que relatariam um acontecimento (Tsui, 1994).

(12) quem é que decidiu fazer esse assalto hoje? (E)
 nós encontramos.. aí decidimos e fomos. (S4)
 quem é que tava com as armas? (E)
 eu tava com uma. (S4)

Buscar a confirmação do interlocutor para o seu enunciado é o objetivo do falante ao optar por uma eliciação confirmativa (Tsui, *ibid.*). Esse tipo de eliciação é comum nas entrevistas gravadas, principalmente naquelas realizadas com as vítimas. No exemplo (13), temos uma idéia de como a informação prévia obtida pelo entrevistador é usada a seu favor na entrevista na medida em que facilita a condução da pergunta com o objetivo de obter uma determinada resposta. Nesse caso, assim como na maior parte dos depoimentos das vítimas, as respostas constituem atos de fala expressivos, considerados por Tsui (*ibid.*), como uma subclasse de atos de fala informativos, que expressariam os sentimentos dos falantes. Esse seria um tipo de entrevista emocional (Cf. capítulo 1).

(13) e ela sempre teve costume de brincar (na porta)? (E)
(sempre) teve costume de brincar.. jogar bola assim no passeio assim..
 entendeu? sempre teve costume de ficar lá fora. (V3)
 tava com os amiguinhos dela. (E)
tava.. ela.. os irmãos dela.. entendeu? a rua sempre fica movimentada de
 gente. (V3)
 e a senhora dentro de casa? (E)

eu tava dentro de casa.. tava tomando banho.. entendeu? aí eu tomei banho e fui chamar eles pra poder passar pra dentro.. só escutei os disparos e ela entrando corren/entrando correndo gritando “aí mãe.. acertaram ni mim.. acertaram ni mim”. (V3)

(xxx) cheia de sangue? (E)

é ela tava sangrando.. tava sangrando. (V3)

a senhora deve ter ficado apavorada na hora.. (E)

fiquei muito apavorada.. né? a gente vê o filho da gente na hora eu peguei ela e saí pra rua gritando.. meu marido tirou o carro da garagem.. a gente levou ela até a policlínica.. entendeu? (V3)

O falante convida o interlocutor para que concorde com a verdade da proposição ao escolher uma elicitación (Tsui, 1994). Esse tipo de questão pode vir acompanhado por pergunta posposta, como vimos na fala da vítima no exemplo (13). Em nosso *corpus*, essas elicitaciones seriam usadas também pelo entrevistador para demonstrar que domina determinado assunto ou tem informação prévia sobre o tema em discussão. Ao mesmo tempo, ele precisaria da concordância do interlocutor para que a sua fala não pareça infundada perante o ouvinte da emissora (exemplo 14).

(14) um dos meninos chegou a levar o maior tomboço.. né.. (na hora da perseguição). (E)

(é). **é um deles sofreu uma queda** quando chegou na Curitiba com Goitacazes.. ele sofreu uma queda. (A4)

os três serão levados pro dopcad? (E)

com certeza. (xxx) (A4)

Há ainda o uso de elicitación que busca concordância nos casos em que o entrevistador tentaria passar ao interlocutor a idéia de que captou os seus sentimentos. Ele conseguiria resumir, em algumas palavras, o que apreendeu durante a conversa, como mostra o exemplo (15), no qual o enunciado também aparece acompanhado por uma pergunta posposta.

(15) porque a **família fica marcada..** né? (E)

pra sempre.. pra sempre.. é um/ pra sempre.. acabou.. acabou com a nossa família pra sempre. acabou. cadeia pra ele é muito pouco. é muito pouco.. o negócio dele.. é.. ele tem que morrer. e se eles colocar ele na rua.. eu vou matar. eu tou falando pu.. pu.. pu.. pro mundo inteiro escutar.. eu vou matar.. eu sou a mãe dele.. eu vou/ele num vai.. ele num vai/mãe nenhuma vai passar pelo que eu tou passando agora. mais mãe nenhuma porque se depender de mim.. eu vou matar esse cara (V4)

O fechamento das entrevistas gravadas, a exemplo do que ocorre com a abertura, não é formado por atos de fala expressivos e fica a cargo do entrevistador, que faz um comentário final (exemplo 16) ou simplesmente fala o seu nome, constituindo o que no rádio é chamado de assinatura da matéria (exemplo 17).

(16) bom.. é isso. o outro aqui é bravo.. né.. não fala não. pro rapaz ali ele fala. o terceiro adolescente de dezesseis anos foi levado pro hospital de pronto socorro João XXIII pra ser medicado e os três em seguida serão levados para o dopcad a delegacia de menores..depois serão encaminhados ao juiz de menor que vai dar um destino pros três aí. **repórter Shirley Barroso.**

(17) mas pra que que cê fez isso? (E)

não.. porque ela tava pegando o revólver pra querer dar tiro dar tiro ni nós também. aí ela foi/ eu fui peguei o revólver da mão dele.. coloquei na cabeça dela.. aí o.. o Arlan.. foi pegou o revolver do polícia e deu uma cabada na cara dele. (S3)

repórter Shirley Barroso.. (E)

QUADRO 2: Estrutura das Entrevistas

	Autoridades		Vítimas	Suspeitos
	Ao vivo	Gravadas	Gravadas	
Abertura	Apresentação (nome e cargo)	Resumo narrativo	Resumo narrativo	Resumo narrativo
	Atos de fala expressivos: Cumprimento – cumprimento	Apresentação (nome e cargo)	Apresentação (nome e profissão)	Identificação pela idade ou pelo crime. Não ocorre uso do nome
	Boas vindas	-	-	-
	Comentário e pergunta	Pergunta: entonação cordial	Pergunta: entonação cordial	Pergunta
	Pergunta	Resposta	Seqüência comum a entrevistas (Relatos e avaliação)	Seqüência comum a entrevistas (Relatos e sentimentos)
Menção ao nome do entrevistado			Menção ao nome do entrevistado	
Fechamento	Atos de fala expressivos Agradecimento – retribuição Convite – aceitação Despedida	Comentário e/ou assinatura	Comentário e/ou assinatura	Comentário e/ou assinatura

4 TRABALHO ESTRATÉGICO DE FACE

*“A identidade, pois, não é o oposto da diferença:
a identidade depende da diferença.”
Woodward*

As categorias lingüísticas, compiladas durante a análise dos dados coletados, foram descritas por Valério (2003) a partir do conceito de trabalho de face estudado por Goffman e das estratégias para a realização desse trabalho, identificadas por Brown e Levinson (1987). Aquelas que foram encontradas em nosso *corpus* estão descritas e exemplificadas a seguir. Acrescentamos a esse modelo algumas categorias criadas por nós e que não estavam previstas na análise que nos embasa. Esse capítulo está dividido em três grandes seções: Polidez positiva, Polidez negativa e Agonística.

4.1 Polidez positiva

Típica de interações em contextos informais, a polidez positiva reflete relações sociais que envolvem falante e ouvinte como parceiros na intimidade, solidariedade e gentileza que confirmam o clima de amabilidade entre eles na troca conversacional. O comportamento lingüístico permite, até mesmo, exageros já que o interesse e a aprovação da personalidade de cada um está em jogo (Brown e Levinson, 1987, p.106). Nesses casos, Valério (2003) identificou que as interações são pautadas por estratégias que demonstram proximidade, conhecimento compartilhado, cooperação conversacional e expressividade.

4.1.1 Proximidade

Despertar o interesse do ouvinte com a intenção de atraí-lo para o discurso é uma das estratégias características de contextos de polidez positiva. A proximidade entre falante e ouvinte pode ocorrer através da cooperação de ambos durante a interação. O falante contribuiria com algumas pistas de que deseja envolver o companheiro no discurso ao passo que o ouvinte daria mostras de que está sendo incitado a aceitar o “convite”. Entre as possibilidades para que essa proximidade ocorra, Valério (2003) categorizou elementos que sinalizam tentativas de aproximação de opinião, de tempo e de esquemas mentais. Nossa análise mostrou, entretanto, a ocorrência de elementos que simbolizam estratégias linguísticas chamadas por Koch (1993) de *Indicadores atitudinais*. Acrescentamos, assim, essas estratégias ao esquema proposto por Valério.

Aproximação de pontos de vista

Compartilhar opiniões semelhantes sobre o tópico conversacional pode ser meta dos falantes em encontros sociais regidos pela polidez positiva. Um dos recursos utilizados para tal é a escolha da primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* em substituição à primeira pessoa do singular em enunciados argumentativos. Ocorre um efeito de coletivização do ponto de vista que parece não ser somente do falante, mas dos envolvidos na situação comunicativa. Leite (1997, p.87) observa que essas expressões são usadas tanto no discurso oral culto quanto no popular quando pretende-se indeterminar o sujeito do enunciado. Observamos, em nossos

dados, que a estratégia foi utilizada por autoridades e vítimas ao expor argumentos sobre determinada cobrança social e demonstrar sentimentos respectivamente. Faz-se importante esclarecer que a função por ela exercida em nosso *corpus* é a de coletivização e não de indeterminação. Quando os entrevistadores optaram pelo recurso, demonstraram, na maioria das vezes, o conhecimento sobre o trabalho das autoridades, a dor das vítimas ou a habilidade dos suspeitos, como se fossem um deles.

(18) **a gente** ficar longe da família **da gente** é a pior coisa que tem. (S1)

(19) **a gente** sente um sentimento de impotência.. de descrença muito grande mesmo.. né? (V1)

(20) e por mais que seja violento.. a gente nunca imagina que vai acontecer com a gente (E)

Aproximação temporal

Com a manipulação de certas categorias lingüísticas, a asserção sobre determinado fato pode cativar o outro do ponto de vista temporal, ou seja, o enunciado se torna mais próximo do ouvinte ainda que ele tenha ocorrido há algum tempo. O enunciado pode tornar-se também mais comovente quando o discurso direto é adotado pelo falante. O registro de alguns episódios ganha dramaticidade com a utilização desse recurso, que em nosso *corpus* foi codificado como estratégia que visa também a aproximar o tempo em que o fato ocorreu de seu tempo narrativo. Cunha e Cintra (2001, p.637) explicam que o episódio é atualizado pelo discurso direto. Os autores estabelecem uma analogia com a cena teatral para explicar que os personagens teriam a capacidade de manifestar-se e de ganharem vida.

(21) e ele tava embriagado e falando assim “**o primeiro que eu pegar hoje eu mato**”. (S1)

(22) aí eu tomei banho e fui chamar eles pra poder passar pra dentro.. só escutei os disparos e ela entrando corren/entrando correndo gritando “**ai mãe.. acertaram ni mim.. acertaram ni mim**”. (V1)

(23) (não é fazer) nada de cima pra baixo não pra /engu/ não. vamos fazer de cima pra ba/ não. ago/ é ouvir a comunidade.. fa/ olha.. “**vamos fazer aqui.. o que que cês querem?**” por que a sociedade é que sabe.. que tá lá.. a realidade é outra. (E)

Aproximação esquemática

O envolvimento do ouvinte na interação torna-se fundamental para consolidar não só o sucesso da troca conversacional, mas também da relação entre os participantes. O falante busca a adesão do ouvinte ao processo, atraindo-o para que ambos dividam emoções e reflexões que possam surgir durante o encontro social. O falante compartilha o discurso com o parceiro e o estimula a participar da construção desse discurso. Perguntas pospostas, apelos e direcionadores discursivos compõem o modelo de Valério. Acrescentamos a esses elementos, os *Indicadores Atitudinais*, que sinalizam o estado psicológico do falante e que exercem, como eles, a função de aproximar o ouvinte esquematicamente do discurso.

Indicadores atitudinais

A atitude ou o estado psicológico do falante pode ser revelado por meio de indicadores atitudinais, ou seja, aqueles que demonstram a maneira como “o locutor se representa diante

dos enunciados que produz” (Koch, 1993, p.53). Consideramos importante inserir essa categoria à nossa análise uma vez que no nosso *corpus*, esses elementos estão presentes em algumas interações desempenhando função estratégica para aproximar os interlocutores. Eles são percebidos nos cumprimentos, agradecimentos e despedidas cordiais na maioria das vezes entre entrevistadores e autoridades. Ocorreram em entrevistas ao vivo no estúdio, com os interlocutores demonstrando que se conhecem e que estão satisfeitos com o encontro e a troca conversacional. Há apenas uma ocorrência na fala do entrevistador durante a interação com um suspeito. Nesse caso, o agradecimento precede um elogio e um conselho, atos de fala que, segundo Brown e Levinson (1987), manipulam a face positiva do ouvinte.

(24) **boa tarde** (xxx).. **boa tarde ouvintes** da rádio Itatiaia. (A2)

(25) **prazer é meu Paulo**.. boa tarde. boa tarde aos ouvintes da Itatiaia. (A1)

(26) pastor.. um abraço.. **muito obrigado meu querido**. (E)

(27) coronel.. eu quero agradecer mais uma vez sua presença aqui no Itatiaia Patrulha. o espaço tá sempre aberto.. tá bom? (E)

(28) Juliana obrigada. cê é uma simpatia. boa sorte pra você e voltando pra rua procura outro tipo de vida que essa não vale a pena. (E)

Perguntas pospostas

As perguntas pospostas podem desempenhar funções distintas de acordo com o contexto em que ocorrem. Identificamos em nossos dados, apesar da dificuldade para codificá-las, dois padrões desse tipo de pergunta. O primeiro, sobre o qual falamos neste item, foi usado em contextos de polidez positiva com o objetivo não só de buscar a concordância do ouvinte com a fala do parceiro (Lakoff, 1975), mas também de facilitar a comunicação entre eles. As *tag*

questions permitiriam ao ouvinte expressar a sua opinião na medida em que abrem espaço para a participação na conversa (Cameron, 2002, p.73). O segundo, que será abordado adiante, exerce a função de confrontar o interlocutor e foi percebido em contextos de agonística.

(29) exatamente. na na gestão do coronel Murta.. naquele episódio que foram assassinados cinco jovens.. a polícia ocupou o morro.. **né?** e diminuiu em noventa e cinco por cento o índice de criminalidade. (A1)

(30) sou. já era. inclusive eu tenho uma.. uma mulher na rua.. **né?** o nome dela é Juliana. seis anos que eu moro com ela. (S1)

(31) vinte e dois anos. muito nova.. **né?** (E)

Apelos

Os vocativos *meu querido* e *senhora*, além dos nomes ou dos cargos dos entrevistados foram usados com entonação exclamativa para chamar a atenção do parceiro para o conteúdo proposicional do enunciado, aproximando-o do discurso. Houve registros de vocativo⁷ precedido pela interjeição de chamamento *ôh* que, a exemplo de *óh*, garante mais ênfase ao enunciado (Cunha e Cintra, 2001, p. 160).

(32) ele tava nervoso.. **senhora?** (E)

(33) é.. e o sistema prisional.. né **Paulo?** na seccional centro. (A1)

⁵ Registramos ainda em nosso *corpus* os vocativos *meus amigos* e *gente* utilizados apenas pelos entrevistadores para se referir ao ouvinte do rádio e não ao seu parceiro na interação. Esse recurso pretende chamar a atenção do público para um comentário feito pelo entrevistador no início ou no final da entrevista.

O vocativo *minha senhora* foi registrado apenas uma vez na fala de um suspeito em contexto misto de polidez positiva e negativa e de agonística. Ele tenta se aproximar do entrevistador, chamando-o para próximo de si com o objetivo de aliviar a tensão da conversa e de narrar a sua versão dos fatos diante de uma série de perguntas bastante incisivas e impositivas. Ocorre uma quebra no ritmo da troca conversacional quando o suspeito adota uma entonação cordial, como se desejasse dar um outro rumo à entrevista e mudar a sua imagem. Ele parece pedir uma pausa para se defender diante de acusações e cobranças explícitas do entrevistador, que não atende ao apelo e opta por fazer novas perguntas assaltando o turno do interlocutor.

(34) uai.. Arlan e aí? os meninos tão falando aqui que vocês.. que foi vocês que bateram. (E)
minha senhora.. foi o seguinte/ (S2)

A expressão *véio*, gíria que corresponde à expressão *meu velho* usada como forma de tratamento íntimo e de camaradagem para tratar as pessoas próximas, e que não são idosas⁸, foi registrada nas falas apenas dos suspeitos.

(35) nosso deus! a mulher me arranha toda.. **véio**. (S1)

Foram codificados ainda como apelo do falante alguns verbos no modo imperativo que iniciaram os enunciados e tiveram a função de interpelar o interlocutor.

(36) **olha..** eu não quero ser piegas não.. mas eu te confesso que nem é alívio não... tá? (V1)

⁸ De acordo com o Dicionário Aurélio (1999)

Direcionadores discursivos

Conservar o ouvinte na linha discursiva e tentar simultaneamente que ele permaneça próximo da instância de enunciação é a função desempenhada por alguns elementos lingüísticos como advérbios (*assim* e *agora*) e conectivos (*então*).

(37) foi por pouco **então**.. né.. senhora? (E)

(38) e aqui na cadeia? **agora** me conta aqui na cadeia.. como é que é? muita mulherada pro cê né? (E)

4.1.2 Conhecimento Compartilhado

Brown e Levinson (1987) chamam a atenção para o fato de o comportamento lingüístico em contextos de polidez positiva representar relações entre pessoas que teriam intimidade e, por conseguinte, que compartilham anseios e conhecimentos. De acordo com os autores, os mecanismos de conhecimento compartilhado podem ser reivindicados de três formas: o falante pode demonstrar que o objetivo do ouvinte é interessante também para ele (falante); o falante pode realçar a inclusão do ouvinte em um grupo do qual ele faz parte; e pode, por fim, reivindicar perspectivas comuns entre eles sem, contudo, ser necessário fazer parte do mesmo conjunto de pessoas (*ibid.*). Valério (2003) identificou elementos que simbolizam cinco estratégias lingüísticas: indicadores de identidade de grupo, vaguidade, interpelações, prefácios de desalinhamento e negações do senso comum. Essa última não foi encontrada em

nosso *corpus*. Ressaltamos que, nos indicadores de identidade de grupo, acrescentamos as *piadas conversacionais* (Boxer, 2002), que exercem dupla função. Revelam simultaneamente a diversão dos falantes no curso da interação e permitem a eles o desenvolvimento e a exibição de suas identidades, que vão sendo constituídas e transformadas de acordo com o comportamento lingüístico dos próprios interlocutores.

Indicadores de identidade de grupo

Muitas são as maneiras de comunicar o pertencimento ao mesmo grupo, segundo Brown e Levinson (1987). Estão entre elas os usos de gírias, jargões, clichês, entre outros elementos, que carregam implicitamente a reivindicação do falante de informação em comum. É como se ambos apresentassem um comportamento lingüístico que os identificasse como membros de uma mesma comunidade.

Gírias

O uso de gírias exerceria uma função pragmática importante ao provocar o sentimento de cumplicidade e de proximidade entre falante e ouvinte (Leite, 1997, p. 76). Esse recurso pode ocorrer em alguns contextos como o da entrevista no momento em que se pretende quebrar uma certa formalidade inerente a essa situação. Em nossos dados, há registro desse recurso na fala de entrevistadores quando se relacionam com autoridades e com suspeitos e nas repostas

dos suspeitos. Parece-nos uma estratégia de quem pretende atrair o ouvinte para perto de si, seja para compartilhar uma opinião, seja para apresentar uma informação de maneira despretensiosa.

(39) **nego** tá assaltando.. **metendo bronca** e a população que paga imposto.. precisando e a polícia tá lá.. “não.. o ônibus cê não pode depredar” ../ aí é **duro**.. hein?/. (E)

(40) ele gosta de namorar mais é com **coroa**. ele gosta mais de (**coroa**). (S1)

Jargões

Curiosamente, entrevistadores e suspeitos se apropriam dos jargões característicos do meio policial utilizados em larga escala pelas autoridades (Erbolato, 1981, p.56), o que nos remete à ressalva de Leite (1997, p.71) sobre o tema. Ela alerta sobre a dificuldade de demarcar dialetos culto e popular, uma vez que as pessoas deslocam-se por diferentes comunidades lingüísticas. O uso de determinadas expressões pode passar a pertencer a vários grupos lingüísticos, como pode ser constatado em nosso *corpus*. No jargão policial, *B.O.* significa boletim de ocorrência; *de maior*, cidadão que tem mais de 21 anos; *57* é uma corruptela do artigo 157 do Código Penal Brasileiro, que diz respeito ao roubo, assim como *55*, que se refere ao artigo 155 do mesmo código, que trata do furto. *Elemento* é um indivíduo suspeito de ter cometido um crime ou que tenha sido preso anteriormente. Em resumo, o uso da linguagem policial em nossos dados denota, em alguns casos, sentido pejorativo, como registrou o Dicionário Aurélio (1999, p.725) para outros exemplos. *Dopcad*, a sigla da Divisão de Orientação e Proteção à Criança e ao Adolescente, que é usada amplamente tanto no meio policial quanto no meio jornalístico com sentido que ultrapassa a abreviatura de um

nome, exerce a função de jargão para o local para onde os suspeitos *menores* (que ainda não completaram 21 anos) são levados após a apreensão.

(41) (nada.. eles tão querendo que nós segura o **b.o.** deles só porque eles são **de maior**)? (S3)

(42) é .. **cinco sete** também e **cinco cinco**. (S1)

(43) nos encontrávamos na Augusto de Lima.. no sinal da Augusto de Lima com rua da Bahia.. quando fomos aí.. éh.. solicitado por um **elemento** que havia se passado que três **elementos** tinham acabado de praticar um assalto na casa lotérica ali na rua da Bahia. (A4)

(44) os três serão levados pro **dopcad**? (E)

(45) três são **menores**... (E)

Clichês

Buscamos em Garcia (2002, p.113) o conceito de clichê para a nossa pesquisa: “quando a metáfora se estereotipa, se vulgariza ou envelhece, acaba como que embotada” (...), mas consideramos importante notar que Dubois e outros (1973) alertam que a definição de clichê incorpora expressões requintadas que têm o seu uso desgastado. Não estariam incluídas, na percepção desses autores, palavras estereotipadas que não caracterizam desvio estilístico. Apoiado em Rodrigues Lapa (1945), Garcia explica que algumas palavras tornam-se gastas por tanto uso. Os clichês aparecem em nosso *corpus* como identificadores de identidade de grupo exatamente por retratar o que é de senso comum.

(46) para a viúva.. FSC de quarenta e quatro anos.. mãe de três filhos.. sobraram todos os sentimentos de quem vê uma longa jornada voltar à **estaca zero**. (E)

(47) e de repente.. você descobre que a pessoa tá na rua nu/num **piscar de olhos**.. né? (V1)

Piadas conversacionais

A piada conversacional e não o ato de contar piadas é considerado por Boxer (2002, p.72) como um fenômeno de negociação de relações sociais. Apesar de não ter sido identificado por Valério (2003), esse tipo de comportamento lingüístico foi acrescentado à nossa análise, por levar os falantes a desenvolver e a exibir suas identidades ao mesmo tempo em que demonstram que estão se divertindo durante a conversa. A piada aqui pode ser entendida a partir da visão de Koch (1997, p.67), para quem o comentário jocoso tem a função de estimular ou sustentar o interesse do parceiro, criando uma atmosfera de cumplicidade ou de intimidade.

Em nossa pesquisa a piada é identificada nas interações entre entrevistadores e autoridades, como a realizada entre o entrevistador e um representante do Conselho Criminal de Ribeirão das Neves (exemplo 48). Os dois conversam sobre a possibilidade de autoridades se reunirem para discutir a segurança pública, mas em tom misto de ironia e brincadeira, alertam que a reunião não deve ser espaço de confraternização com bebidas e comidas finas.

(48) (é mas sem).. sem sentar (xxx) comendo salmão. sem.. sem aquela co/
cê sabe o que é caviar pastor? (E)
eu sei o que é couvear. (A1)

Em uma entrevista com uma presidiária homossexual, pautada por perguntas realizadas em tom de deboche e respondidas no mesmo estilo, também encontramos a piada conversacional (exemplo 49). Estimulada pela entrevistadora, a presidiária diz que se considera casada com uma companheira de cela por quem estaria apaixonada.

(49) **mas arrumou uma namorada.. né?** (E)
tenho.. minha namorada chama Naiara. (S1)
 a Naiara tá aqui por que? presa por que? (E)
 é.. cinco sete também e cinco cinco. (S1)
 é? e como é que... como é que é o relacionamento? cês ficam na mesma cela? (E)
 é. ela tava na cela um.. só que ela foi pra cela oito pra ficar do meu lado. (S1)
 é? (E)
do lado do marido dela (risos). (S1)

A entrevistadora alterna o enquadre sério com as piadas conversacionais, como no exemplo abaixo, quando questiona a presidiária sobre a vida dentro da cadeia.

(50) como é que/ como são suas noites aqui? sem contar a Naiara. não vai me contar detalhe não. **poupe-me dos detalhes com a Naiara..** mas como é que é suas noites? (E)

A ausência das piadas conversacionais nas interações entre vítimas e entrevistadores justifica-se por um motivo que parece óbvio nesse contexto. As vítimas invariavelmente se encontravam em um momento de fragilidade e de sofrimento e essa estratégia seria inadequada para o sucesso da interação.

Vaguidade

As expressões vagas e as frases incompletas conduzem o ouvinte para uma situação em que ele deve fazer inferências a partir do discurso do parceiro, caracterizando o que Grice (1975) definiu como implicatura conversacional. Nem sempre a informação está explícita e o entendimento da mensagem depende de conhecimento prévio adquirido e partilhado pelos falantes.

Brown e Levinson (1987) apontam algumas estratégias do falante que têm o objetivo de convidar o ouvinte a fazer implicaturas conversacionais. Entre elas, podemos citar expressões vagas, tais como, *coisas* e *tal*, que foram encontradas por nós. O falante, em nossos dados, parece partir do pressuposto de que o ouvinte tem habilidade para compreender o significado da sua mensagem ainda que ela não esteja claramente explicitada.

(51) sim.. sem capus.. sem qualquer máscara ou **coisa** parecida.. entraram e fizeram o.. o.. o roubo.. né? (A5)

(52) é? e ia comprar o que? roupa.. tênis?
tênis. essas **coisas**. (S4)

(53) ele é do conselho criminal lá de Ribeirão das Neves. tá com uns dados aqui terríveis e aí já foi até o governador do estado.. foi até inclusive ao secretário **e tal**. (E)

As frases incompletas são comuns em respostas quando o falante tenta evitar um ato de fala que ameace a face do interlocutor e, simultaneamente, demonstrar porque ambos compreendem o contexto e, por consequência, o complemento que foi descartado. A estratégia viola as máximas de qualidade e de modo de Grice (*op.cit.*). O falante teria optado

por deixar no ar uma implicatura que deveria ter o significado deduzido pelo parceiro (Brown e Levinson, 1987).

(54) não.. essa agência.. pelo que me parece.. ela ainda não possui aquele sistema de porta giratória que tem o detector de metais.. **então...** (A5)

(55) a gente faz um *cab* ligado? cola uns.. um pano na parede com cola.. aí tampa. **fica.. nó.. uma (coisa)...** (S1)

(56) a gente pastor até comentava depois da.. que a polícia ficou lá um tempo.. lá no riacho das.. no ria/ no.. (no) (E)

Interpelações

As interjeições *uai* e *ué*, além de *sô*, forma popular de senhor, podem demonstrar a surpresa do ouvinte diante de uma pergunta que lhe parece óbvia devido ao conhecimento que teoricamente ele e o falante têm em comum. Elas soariam, em nossa pesquisa, como espanto de vítimas e de suspeitos em relação ao que lhes perguntam os entrevistadores. Encontram ainda espaço na fala do entrevistador quando se surpreende com uma declaração de um suspeito que lhe parece estapafúrdia. No exemplo (59) os suspeitos que concedem entrevista simultaneamente não entram em acordo sobre a autoria do crime, o que provoca a admiração do entrevistador.

(57) não.. mas.. mas igualzinho.. eu fui esperando.. **ué**. (S2)

(58) **uai**.. eu fui na Carijós.. procurar o banco.. né.. que eu tinha que apanhar um cartão. (V1)

(59) **uai**.. Arlan e aí? os meninos tão falando aqui que vocês.. que foi vocês que bateram. (E)

(60) ninguém sabe não **sô** (S2)

Prefácios de desalinhamento

Algumas expressões como *pois é*, denominadas por Marcuschi (2003, p.72) como prefácios de desalinhamento ou de disjunção, podem garantir que os interlocutores continuam compartilhando informações, mas servem de pretexto para que quem está com o turno introduza um dado novo, explique melhor a situação ou ainda quebre a linha de argumentação do outro.

(61) **pois é..** mas.. o revólver tava aonde? (E)

4.1.3 Cooperação Conversacional

O sistema conversacional é regido pela colaboração entre os interlocutores na troca de turnos, que foi categorizada por Brown e Levinson (1987, p. 130) como uma das classes de estratégias de polidez positiva. A cooperação conversacional entre os parceiros indica que ambos têm objetivos semelhantes que podem ser compreendidos como o sucesso da interação. Essa colaboração pode ter a função de reparar atos de fala que são ameaçadores da face positiva do ouvinte. Apesar dos indicadores desse tipo de estratégia não serem comumente encontrados em entrevistas individuais (Valério, 2003, p. 129), há ocorrência de sobreposição de fala nas interações entre entrevistadores e autoridades, sombreamentos nas trocas de turno entre suspeitos e entrevistadores e nas trocas entre esses últimos e as vítimas, em contextos de

polidez positiva. Ainda como indicadores de cooperação conversacional, codificamos marcadores de apoio e complementação de turno.

Sobreposições e adendos cooperativos

As sobreposições de falas em nossos dados são semelhantes ao padrão que Marcuschi (2003, p.25) considera um dos mais comuns na conversação espontânea. Um dos interlocutores não espera a finalização da fala do outro para concordar ou endossar o que está sendo dito. Há duas ocorrências dessas no *corpus* analisado sendo uma entre entrevistador e vítima e a outra entre entrevistador e autoridade. No exemplo abaixo, os interagentes demonstram descontentamento com a violência em determinada região de Belo Horizonte. A sobreposição de fala indicaria alto envolvimento entre eles e compartilhamento de opinião.

(62) exatamente. algumas poucas viaturas.. policiais educados.. porque tão
mexendo com gente. não é porque é favelado (que) /.../ (A1)
/.../ (e vão parar com esse) papo também /.../ (E)
é /.../ (A1)

Sombreamentos

Um dos interlocutores pode repetir o enunciado do outro ou parte dele com uma distância mínima de tempo (Leite, 1997, p.100), caracterizando o fenômeno conhecido como eco ou sombreamento. A reprodução da fala do outro evidencia que ambos estão em harmonia em

relação às idéias e opiniões sobre o tópico conversacional (Brait, 1997, p.48). Há codificação de sombreamentos em interações de todos os grupos de interlocutores em nossa pesquisa.

(63) a gente pastor até comentava depois da.. que a polícia ficou lá um tempo.. lá no Riacho das.. no Ria/ no.. no (E)

(no Cabana) (A1)

no Morro das Pedras. (E)

no Morro das Pedras. (A1)

e no Cabana.. o senhor viu como é que tá a situação. (E)

(64) e eles entraram de cara limpa.. **sem capus?** (E)

sim.. **sem capus**.. sem qualquer máscara ou coisa parecida.. (A5)

(65) **tranqüilo**.. **frio?** (E)

tranqüilo. frio (V5)

(66) morou com ela **seis (anos)?** (E)

seis anos (S1)

Marcadores de apoio

Os marcadores de apoio são sinais produzidos pelo ouvinte durante o turno do parceiro e muitas vezes podem vir sobrepostos à fala dele (Marcuschi, 2003, p.71). Funcionam como baliza que permite ao falante ter retorno sobre a recepção do interlocutor a respeito do que está sendo dito. Na medida em que o ouvinte concorda com o falante, este pode se sentir mais à vontade e mais animado durante a conversa. As expressões *é* e *certamente* foram codificadas como marcadores de apoio nas falas de entrevistadores, autoridades e suspeitos.

(67) a gente vai conversar com o soldado Maia que é da quarta companhia. a quarta companhia que fica a menos de dois quarteirões do local onde os meninos entraram e levaram todo o dinheiro da casa lotérica. Maia.. o rapaz

acabou apontando os assaltantes pra vocês.. aí cês deram início à perseguição. (E)
é.. correto. (A4)

Complementação de turno

Em alguns momentos a interação se apresenta em perfeita sintonia, com os parceiros encontrando apoio e complemento na fala do outro. Percebemos em todos os grupos de interlocutores sinais de que o ouvinte parece antecipar o pensamento do interlocutor (Valério, 2003, p. 132), como se o estivesse socorrendo em um lapso de memória ou simplesmente demonstrando estar em harmonia com o outro, o que contribui para o desenrolar da troca conversacional.

(68) a gente pastor até comentava depois da.. que a polícia ficou lá um tempo.. lá no Riacho das.. no Ria/ no.. no (E)
(no Cabana) (A1)
 no Morro das Pedras. (E)
 no Morro das Pedras. (A1)
 e no Cabana.. o senhor viu como é que tá a situação. (E)

(69) agora.. quando houve a manifestação dos ônibus **aí/** (A1)
aí a polícia tá lá. (E)
 mais de cem policiais protegendo patrimônio privado. (A1)

(70) a senhora trabalhando... (E)
e vem uma desgraça dessa lá do fim/do meio dos inferno e acaba com a vida da família toda num prazo de dois segundos. (V4)

4.1.4 Expressividade

A expressividade está presente de maneira tão significativa na língua falada que ela seria mutilada se, por algum motivo, não contasse com essa característica (Urbano, 1997, p. 91). A expressividade está relacionada à capacidade do falante de demonstrar seus sentimentos e emoções, provocando um efeito semelhante no ouvinte que, por sua vez, seria despertado para fazer o mesmo. Consideramos elementos expressivos aqueles que têm a função de sugestionar o ouvinte (Câmara Júnior, 1986, p.110) por intermédio da externalização de suas emoções, extravasamento de atitudes negativas, promoção do exagero ou dramatização do enunciado, conforme constatou Valério (2003).

Externalização das Emoções

Alguns elementos lingüísticos são usados pelo falante como recurso para explicitar sentimentos que representam tanto emoções positivas, como afeição e solidariedade, quanto negativas, como desprezo e antipatia.

Interjeições e exclamações

As interjeições traduzem reações emotivas diante do enunciado. Nas palavras de Cunha e Cintra (1985), são uma espécie de grito liberado para explicitar alguns sentimentos de modo vivo. *Pô* é encontrada na fala dos entrevistadores em interações com autoridades como forma de deixar explícito o descontentamento do falante em relação a um problema social considerado crítico, como a violência. Interjeições, como *nossa*, *nó* e *nosso deus*, são usadas tanto por vítimas quanto suspeitos para demonstrar seus estados psicológicos diante de determinada situação de tensão ou de emoção.

(71) **nosso deus!** a mulher me arranha toda.. véio. (S1)

(72) **nossa!** tou tremendo ainda minha filha. (V5)

(73) bota uns três policiais lá.. **pô** (E)

Dupla negativa / dupla afirmativa

A dupla negativa surge em nossos dados como elemento típico das falas de vítimas e suspeitos ao expressarem seus sentimentos diante de determinada situação de tensão em confissões ou desabafos.

(74) sei não porque que eu sou assim.. **não escolhi ser assim não** gostar do mesmo sexo não. (S1)

(75) aí ficamos lá.. depois eles foram lá e falou “pode vim que eles já saíram”.. mas eu vi só um.. os outros **eu não vi não.** (V5)

Reiteraões e enumeraões expressivas

A repetição de alguns elementos lingüísticos e a enumeração de ações em seqüência narrativa aparecem em nossos dados como sinais que realçam a expressividade do enunciado e, conseqüentemente, o tornam mais comovente e enfático. O recurso foi notado em falas de vítimas ao comentar o episódio em que se viram envolvidas, revelando sentimentos e emoções. Parecem atender a uma demanda do entrevistador, que estaria estimulando o parceiro com a intenção de obter mais detalhes sobre o fato, a exemplo do que observou Koch (1993, p.117) nas interações entre alunos e professores.

(76) eu diria.. se eles não têm família.. se eles não sabem o que que é a dor de perder um pai e um irmão que também são pais de/ que também é pai de família. (V2)

(77) ele falou que esse filha da (ruído) colocou o pinto na boca dele.. tentou penetrar nele.. pôs meu filho pra chupar ele.. chupou meu filho também.. bateu nele.. torceu o braço do meu filho pra trás. tudo quanto é tipo de covardia com o meu filho ele/ele fez. e ameaçou ele de morte em vinte e quatro horas. (V4)

Diminutivos conotativos afetivos

O uso de algumas palavras no diminutivo⁹ apresentou em nosso *corpus* função similar àquela observada por Brown e Levinson (1987, p. 114) em alguns idiomas, ou seja, demonstrar apreço e carinho em contextos apreciativos. A maioria é composta por termos referentes a uma pessoa, conforme os dois exemplos a seguir.

(78) minha **filhinha** de sete anos viu isso tudo no banco de trás.. (V2)

(79) tava com os **amiguinhos** dela. (E)

Há registros dignos de nota em que a expressão *igualzinho* é utilizada por vítimas e suspeitos como estratégia para buscar a estima do interlocutor. Eles tentam quebrar a tensão conversacional promovendo a aproximação com o parceiro.

(80) eu não sabia.. vão supor.. eu.. **igualzinho**.. eu fiquei com medo na hora deu sair pra mim ir embora.. ele vim pegar e atirar ni mim. (S2)

⁹ A expressão *veadinho*, apesar de estar no diminutivo, foi codificada como palavra com sentido depreciativo e será comentada na seção *Extravasamento das Emoções ou Atitudes Negativas*.

Força expressiva

A força expressiva representa aqui a junção de três categorias propostas por Valério (2003): modificadores expressivos, extremos em escala de qualificação e palavras com grande carga expressiva. Entendemos que, em nossos dados, essas categorias exercem função similar e que não haveria, portanto, motivos para separá-las. Codificamos, assim, elementos usados pelo falante para emitir juízos de valor por meio de algumas expressões de avaliação (Koch, 1993, p.53) que desempenham a função de despertar no ouvinte o impulso para revelar seus sentimentos a exemplo do que o parceiro dele acabara de fazer.

Foram consideradas ainda nessa categoria modificadores expressivos, tomados como elementos lingüísticos ligados gramaticalmente a um outro elemento e que apresentam informações sobre ele (Trask, 2004, p.195), exercendo a função de expressividade quando garantem intensidade emocional ao enunciado. Por meio de algumas dessas expressões, o falante formula enunciados cujo teor é dotado de carga expressiva.

Essas expressões de força expressiva – que podem ser substantivos, adjetivos, advérbios e locuções adverbiais – denotam, na maioria das vezes, em nossos dados, sentimentos negativos do falante ou opiniões críticas sobre determinado tópico conversacional. Identificamos esses recursos especialmente quando entrevistadores e autoridades expõem inconformidade com os fatos que estão sendo comentados e quando vítimas e suspeitos falam de seus próprios sentimentos e de sua vida pessoal.

(81) esses documentos mostram o número **crescente** de assassinatos neste ano de dois mil e três em relação a dois mil e dois. só no mês de fevereiro foram cinqüenta assassinatos em Belo Horizonte em fevereiro de dois mil e dois e agora em dois mil e três.. noventa e três. tá faltando.. evidentemente um planejamento mais sério a nível de segurança pública e a presença da polícia preventiva/ (A2)

(82) nó.. é **horrível** véio. a gente ficar longe da família da gente é a **pior** coisa que tem. tenho **maior** arrependimento de ter roubado pra vim parar nesse lugar aqui eu.. eu tro/ (S1)

(83) na verdade é uma.. uma **indignação** muito grande.. né? a gente sente um sentimento de **impotência**.. de **descrença** muito grande mesmo.. né? você luta.. nós lutamos seis anos.. e a gente lutou muito pra colocá-lo na cadeia junto com as autoridades. e de repente.. você descobre que a pessoa tá na rua nu/num piscar de olhos.. né? ou seja.. a **fragilidade** do sistema penitenciário.. a.. a.. a **fragilidade** das instituições.. né.. que deveriam tá dando segurança ao cidadão.. (V1)

(84) cinco e vinte e oito. cinco horas vinte e oito minutos. recebendo aqui o pastor Roberto Luis. é o seguinte. ele é do conselho criminal lá de Ribeirão das Neves. tá com uns dados aqui **terríveis** e aí já foi até o governador do estado.. foi até inclusive ao secretário e tal. boa tarde.. pra/ prazer tá recebendo o senhor aqui pastor. (E)

Advérbios e locuções adverbiais de afirmação (Cunha e Cintra, 2001, p. 543) expressam a importância, a contundência ou a veracidade do conteúdo proposicional de alguns enunciados categóricos, como mostram os elementos em negrito.

(85) é.. a gente pretende casar.. lá: quando eu sair daqui a gente pretende ficar junto.. lá fora. (S1)
enquanto isso a cela pega fogo. (E)
lógico (xxx). (risos) (S1)

(86) eu acredito que daqui pra frente minha vida não vai ser mais a mesma..
com certeza. (V2)

(87) a gente tem que tirar o chapéu e tem que dar **realmente** parabéns a essa equipe do Barreiro e a equipe aí que prendeu esses meninos na rua da Bahia. são cinco horas mais trinta e nove minutos. (E)

Indicar a plenitude, a precisão ou a quantidade sobre a proposição é uma das funções que podem ser exercidas pelos advérbios e pelas locuções adverbiais de intensidade, tais como os exemplos relacionados abaixo.

(88) ficou. ficou **bastante** machucado. está.. inclusive com sangramento.. né? hemorragia nasal.. (A3)

(89) pra sempre.. pra sempre.. é um/ pra sempre.. acabou.. acabou com a nossa família pra sempre. acabou. cadeia pra ele é **muito pouco**. é **muito pouco**.. o negócio dele.. é.. ele tem que morrer. (V1)

(90) se **pelo menos** você tivesse o gostinho de vê-los presos .. né? (E)

Advérbios de modo foram usados somente pelos entrevistadores nas interações com as vítimas para demonstrar um certo exagero da percepção do falante sobre o tópico conversacional. Aparecem para intensificar a ação dos suspeitos e as conseqüências provocadas por ela.

(91) a covardia de dois assaltantes conseguiu destruir **tragicamente** um família da capital que perdeu ao mesmo tempo pai e filho assassinados a tiros na noite desta quarta-feira no bairro Glória.. na região da Pampulha. (E)

(92) **covardemente**. seu pai nem tinha reagido.. feito nada.. só tentou ajudar? (E)

Conectivos expressivos

Conjunções e advérbios, que são considerados a forma mais comum de conectivos (Crystal, 2000, p.60), surgem em nosso *corpus* como elo entre o enunciado anterior e a conclusão que

será apresentada pelo falante. Eles conduzem o ouvinte para o arremate de uma linha de pensamento e tentam fazer com que ele compartilhe essa idéia.

(93) o outro.. devido ao nervosismo dos funcionários e também devido aos clientes que estavam na agência.. vários clientes.. né.. éh.. éh.. não foi possível características específicas.. **então** a gente prefere não fazer suposições. (A5)

(94) é. ela tava na cela um.. **só que** ela foi pra cela oito pra ficar do meu lado. (S1)

Macedo e Silva (1989) alertam que a maior parte das gramáticas tradicionais considera *ai* como um advérbio de lugar e detêm pouca ou nenhuma atenção para o seu uso como conectivo especializado. Ao seqüenciador *ai* estaria atribuída a função de indicar a continuidade do discurso, especialmente em narrativas, como parece ser o caso de alguns enunciados encontrados em nossos dados. O seqüenciador é registrado constantemente nas falas de todos os grupos de interlocutores: entrevistadores, autoridades, suspeitos e vítimas. E de novo com Macedo e Silva, *ai* se faz presente nas “citações de vida”, conforme os exemplos a seguir.

(95) eu tava saindo.. porque meu/minha filha fica aqui com a minha mãe e eu vim buscá-la pra ir embora pra minha casa. **ai**.. a hora que os rapazes subiram.. bateram a arma no carro (xxx) eu tinha travado o carro e fechado o vidro. “destrava.. destrava” e eu falei...(V3)

nervosos? (E)

é.. **ai** eu fiquei tremendo e não consegui destravar logo.. mas eu falei “calma moço.. eu vou destravar”. E destravei o carro e eu saí e fiz assim com a chave.. “pode levar.. só não faz mal pra gente” (V3)

Extravasamento das Emoções ou Atitudes Negativas

A atmosfera de intimidade entre os interlocutores permite a ambos, em contextos de polidez positiva, demonstrar algumas atitudes e emoções que seriam, em princípio, reprováveis em ambientes nos quais prevalece a formalidade.

Palavras com sentido depreciativo e expletivos

Algumas expressões que soam como insultos são usadas especialmente pelo locutor. A maioria das ocorrências está relacionada à palavra *bandido*¹⁰, que é escolhida pelo locutor para se referir aos suspeitos dos crimes nas interações com as vítimas. Essas, por sua vez, utilizam em alguns momentos a mesma expressão ao responderem uma pergunta ou fazerem um comentário sobre a ação dos suspeitos.

(96) se esses **bandidos** que fizeram isso pudessem te ouvir o que você diria pra eles? (E)

(97) já seria um grande alívio.. porque a impunidade tá demais.. e a gente não pode ficar desse jeito mais. é os **bandidos** soltos na rua e a gente presos em jaulas dentro de casa. (V2)

Em uma conversa com a viúva de um empresário, o entrevistador se refere em alguns momentos a um suspeito de assassinato como *sujeito*, que o dicionário Aurélio (1999)

¹⁰ A palavra bandido está presente também em interações em contextos agonísticos, analisados na próxima seção.

apresenta como vocábulo próprio do brasileirismo pejorativo para designar um indivíduo reles, imprestável e mau.

(98) hoje você teme pela sua família.. pelos filhos.. de saber que esse **sujeito** tá nas ruas? (E)

(99) porque o mínimo de alívio que uma família tem.. né Fernanda.. é ver um **sujeito** como esse condenado.. atrás das grades com a segurança de que ele não vai sair.. né? (E)

A expressão *veadinho* é utilizada pela presidiária homossexual para se referir a uma colega de prisão. Parece ter sido a maneira pejorativa encontrada por ela para reduzir a fama de quem, naquele contexto, se apresentaria como concorrente na disputa por namoradas.

(100) é.. tem um **veadinho** lá na cela também.. sabe (risos) tem um meio gay lá. (S1)

Elementos léxicos usados pejorativamente

As interações orientadas por estratégias de polidez positiva possibilitam intimidade significativa entre os parceiros, que se sentem descontraídos para usarem algumas expressões que refletem preconceitos ou pensamentos considerados politicamente incorretos (Valério, 2003, p.145). O recurso está presente em tom irônico notadamente de desaprovação e crítica na fala do entrevistador ao apresentar uma presidiária homossexual identificada como *figura*.

(101) boa tarde Paulo Sérgio. amanhã.. dia oito de março.. é dia internacional da mulher. nós estamos aqui na carceragem.. do departamento de investigações da Lagoinha.. onde ficam detidos as mulheres que são presas. eu tou aqui com uma **figura** na minha frente.. conhecida como Tulinha. (E)

Demonstrativos e advérbios de lugar usados em contornos pejorativos

O desprezo, a desconsideração e até mesmo a reprovação de atos e atitudes dos outros podem ser expressos através de pronomes demonstrativos e advérbios de lugar (Valério, 2003, p.145).

(102) então o que a gente sente além da tristeza de ver a pessoa que cometeu um ato **desse** tá solta.. é a vulnerabilidade das outras pessoas que estão aí. na sociedade.. ou seja.. tá sujeito a acontecer com outra família a mesma coisa que aconteceu com a minha. eu gostaria muito que isso não fosse verdade. (V1)

(103) porque o mínimo de alívio que uma família tem.. né Fernanda.. é ver um sujeito como **esse** condenado.. atrás das grades com a segurança de que ele não vai sair.. né? (E)

Exagero

Cometer exageros seja nos traços prosódicos seja nas escolhas lingüísticas é aceitável em encontros pautados pela polidez positiva de acordo com Brown e Levinson (1987, p.109). Exagerar no comentário sobre os acontecimentos, tornando-os mais ou maiores do que realmente são, integra a lista das estratégias para gerar implicaturas conversacionais em atos indiretos de fala de acordo com os autores. Valério (2003) identificou locuções adjetivas e

advérbios que representam extremos em escala de qualificação e expressões hiperbólicas nesta categoria. As expressões hiperbólicas constituem “um exagero da significação lingüística para fim de expressividade”, nas palavras de Câmara Júnior (1986, p.138). Elas podem tanto garantir proporções ampliadas quanto reduzidas à verdade dos fatos. Em nosso *corpus* essas expressões estão presentes em todos os grupos de interlocutores, principalmente em momentos de desabafo, com exceção das falas das autoridades. Extremos em escala de qualificação não foram codificados em nossa análise.

(104) nó é horrível ficar aqui nesse lugar a noite.. sozinha. **todo mundo** zoa um do lado.. zoa do outro mas é.. hum... todo dia a mesma coisa.. (S1)

(105) eu tou falando pro.. pro.. pro.. pro **mundo inteiro** escutar.. eu vou maçar.. eu sou a mãe dele.. eu vou/ele num vai.. ele num vai/mãe nenhuma vai passar pelo que eu tou passando agora. (V4)

(106) e **tudo polícia militar**. tem que parar com isso.. a polícia tem que fazer a segurança pública. (E)

Promoção de dramaticidade

A narração de alguns episódios e o comentário sobre determinadas situações sociais ganham comoção a partir do uso de elementos lingüísticos que visam ao envolvimento do ouvinte com a história. O falante parece buscar a colaboração do interlocutor, convidando-o a compartilhar o desenrolar dos fatos que são interpretados de maneira peculiar. Enfatizar as informações e a gravidade delas ou ressaltar a seqüência de ações e de sentimentos são estratégias identificadas em nosso *corpus* para captar o parceiro. No rádio, percebe-se ainda que esses elementos desempenham papel importante na tentativa de despertar no público da emissora sensação de que o discurso é tão expressivo e intenso que ultrapassa a proximidade entre

falante e ouvinte e chega até a audiência. Embora não prevista no esquema de Valério (2003), a categoria *Dramatização temporal* necessita de destaque a partir da especificidade dos nossos dados, como pode ser acompanhado a seguir.

Dramatização temporal

Algumas locuções adverbiais temporais garantem à narrativa, especialmente em diálogos veiculados no rádio, a idéia de que o fato está ocorrendo naquele momento em que o público está recebendo a informação ou que algo importante aconteceu até o instante da entrevista. Em nossos dados, identificamos a tentativa do falante – incluindo todos os grupos de interlocutores – de comprovar a instantaneidade do relato, dramatizando o período em que os fatos foram registrados. Criamos, assim, a categoria *Dramatização temporal*. Nesse item, consideramos estratégias lingüísticas que comprovam a observação feita por Salomão (2003, p. 83) a respeito do pretense caráter de imediatismo do veículo. Para esse autor, o discurso no rádio perpassa a idéia de que os acontecimentos estão em andamento.

(107) Conforme as informações que a gente já colheu **até agora**.. ontem por volta das vinte uma e quarenta e cinco horas.. o militar seguia com sua esposa e filhos para casa e foram abordados por quatro agentes.. (A3)

(108) não porque **na hora** que ele começou atirar eu me apavorei né? (S2)

(109) foi.. foi **nessa hora** que o cara pegou.. pegou e levou. (V4)

Locuções adverbiais enfáticas

O advérbio *só* enfoca parte da informação considerada grave, apresentada pela autoridade no exemplo (110) e pelo entrevistador no exemplo (111) e ainda o aspecto dramático dos momentos de sofrimento da vítima nos exemplos (112) e (113). É como se naquele instante da conversa, a expressão tivesse o poder de excluir outros elementos que não fazem parte dos objetivos comunicativos do falante salientar, chamando a atenção do ouvinte para o que é primordial (Possenti, 1996, p. 307).

(110) esses documentos mostram o número crescente de assassinatos neste ano de dois mil e três em relação a dois mil e dois. **só** no mês de fevereiro foram cinqüenta assassinatos em Belo Horizonte em fevereiro de dois mil e dois e agora em dois mil e três.. noventa e três. tá faltando.. evidentemente um planejamento mais sério a nível de segurança pública e a presença da polícia preventiva/ (A1)

(111) esse assalto a banco de hoje engrossou a lista dos sessenta e cinco que já aconteceram no estado **só** neste ano e prova como a segurança ainda é frágil nas agências. (E)

(112) pensei não (xxx). **só** olhei perto dela mesmo.. se não tinha/ não tinha nenhum policial lá nós foi e pegou. (S4)

(113) eu fiquei cega eu fiquei cega.. eu **só** enxerguei meu filho na minha frente.. o cara foi embora. (V4)

Construções enfáticas

O falante pode se abrir, deixando perpassar seus sentimentos, e, simultaneamente, garantir uma dose extra de drama ao discurso, com a elaboração de enunciados enfáticos.

Identificamos duas categorias de perguntas – retóricas e performáticas (Valério, 2003) – que buscam muito mais expressar emoção e despertar no ouvinte o desejo de fazer o mesmo do que obter respostas.

Perguntas Retóricas

As questões retóricas são apontadas por Brown e Levinson (1987, p.228) como uma estratégia para deixar o questionamento no ar e não como prova do interesse do falante que o ouvinte apresente uma resposta. Parece ser essa a intenção do entrevistador em contextos de polidez positiva. O objetivo dele seria chamar a atenção ou manter o interesse do interlocutor com a tendência de desenvolver um clima de intimidade e de cumplicidade (Koch 1997, p. 67). O recurso seria comum em conversas centradas na didática e na persuasão, o que faz sentido no exemplo abaixo, quando o entrevistador encaminha o ouvinte para o raciocínio que ele deseja desenvolver.

(114) pô.. **assegurar o quê?** (E)

Perguntas performáticas

A tensão afetiva do discurso pode ser interrompida em alguns momentos dramáticos quando, em nossos dados, um dos interlocutores se sente pressionado pela pergunta do parceiro. Para dar conta dessa situação constrangedora, o falante elabora perguntas que se tornam um espaço

no qual ele introduz elementos que visam comover o outro. As perguntas performáticas (Valério, 2003, p.150) seriam um artifício típico de um espetáculo, uma estratégia do falante para dramatizar a fala e ganhar tempo para encontrar a resposta adequada.

(115) valeu a pena? (E)
 não.. **onde que eu vim parar?** lugar mais próximo /que eu vim/ foi o DI.
 (S1)

(116) **quem bateu no policial?** fala pra ele contar a verdade.. manda ele pelo menos um vez na vida virar homem e contar a verdade. quem bateu nele foi ele. (S2)

Auto-exposição

Na polidez positiva, a familiaridade entre os parceiros parece ser tamanha que ambos se sentem à vontade para expor sua intimidade, não se importando em revelar, muitas vezes, aspectos do seu âmago. Insegurança, instabilidade, dor e angústia são relatados minuciosamente sem que isso signifique necessariamente constrangimento para os envolvidos. O estado psicológico do falante diante de um fato ou a opinião dele sobre determinada situação pode ser expressa por meio de locuções verbais ou adverbiais expressivas. O falante indica como se sente, revelando aspectos íntimos ou que provavelmente estariam restritos a um ambiente privado. O recurso é encontrado nas interações entre entrevistadores e vítimas.

(117) na verdade o período que a gente tava imaginando que nós távamos inseguros.. que era o período que ele estava na rua.. não é nem um pouco diferente do período que nós percebemos ele na.. na prisão. porque como já/ ele teve duas tentativas de fuga e uma fuga. ou seja.. **eu acho** que nós

sentimos mais instabilidade dele na prisão do que quando ele tava fora. Já/
(V1)

(118) **eu acho** que ninguém tem o direito de tirar a vida de ninguém..
entendeu? se as pessoas pensassem isso.. **acho** que não haveria tanta
violência.. entendeu? ah aí... ó.. a minha filha. (V3)

QUADRO 3: Estratégias de Polidez Positiva presentes no corpus analisado¹¹

POLIDEZ POSITIVA	TRAÇOS	FUNÇÕES	ESTRATÉGIAS LINGÜÍSTICAS				
	I. PROXIMIDADE	A. Aproximação de pontos de vista	Primeira pessoa do plural				
		B. Aproximação temporal	Manipulação de categorias lingüísticas temporais Discurso direto				
		C. Aproximação esquemática	Indicadores atitudinais Perguntas pospostas Apelos Direcionadores discursivos				
		II. CONHECIMENTO COMPARTILHADO	Reconhecimento do conhecimento compartilhado	Indicadores de identidade de grupo: gírias, jargões, clichês, piadas conversacionais Vaguidade Interpelações Prefácios de desalinhamento			
				Apoio ao interlocutor	Sobreposições e adendos cooperativos Sombreamentos Marcadores de apoio Complementação de turno		
					IV. EXPRESSIVIDADE	A. Externalização de emoções	Interjeições e exclamações Dupla negativa / dupla afirmativa Reiteraões e enumerações expressivas Diminutivos conotativos afetivos Força expressiva Conectivos expressivos
							B. Extravasamento de Emoções ou Atitudes Negativas
		C. Exagero	Expressões hiperbólicas				
		D. Promoção de Dramaticidade	Dramatização temporal Locuções adverbiais expressivas Construções enfáticas: perguntas retóricas e performáticas Auto-exposição				
	III. COOPERAÇÃO CONVERSACIONAL		Apoio ao interlocutor	Sobreposições e adendos cooperativos Sombreamentos Marcadores de apoio Complementação de turno			

¹¹ Os quadros apresentados neste capítulo foram baseados no modelo de Valério (2003) e acrescidos das categorias por nós analisadas.

4.2 POLIDEZ NEGATIVA

As estratégias de polidez negativa encontram espaço nas interações pautadas pela tentativa do falante de preservar a sua face negativa de possível reprovação pelo ouvinte de suas opiniões e idéias. Para atingir tal objetivo, o falante escolhe alguns elementos lingüísticos que podem desencadear conseqüências, como a minimização do ego do próprio falante, ou sobre o conteúdo proposicional do ato de fala, como o distanciamento, a imprecisão e a minimização (Valério, 2003). O falante se afasta, dessa maneira, do compromisso com a verdade do enunciado.

4.2.1 Distanciamento

O distanciamento, como o próprio nome nos leva a inferir, demonstra o não envolvimento pessoal do falante com o discurso. Ele pode se afastar do conteúdo proposicional pelo menos de duas maneiras, optando pelo distanciamento temporal ou pelo emocional (Valério, *ibid.*).

Distanciamento temporal

A percepção de que existe uma distância social entre os falantes pode ser intensificada por meio dos atenuadores da força ilocutória em situações de polidez negativa. Manipular tempos

verbais pode garantir ao falante o seu afastamento em relação ao enunciado. Koch (1993, p.54) se inspira em Benveniste para nos lembrar que o falante tem a opção de não se comprometer com o que foi dito e de não interferir diretamente no enunciado. O uso do subjuntivo e do futuro do pretérito seria uma estratégia para que o falante se distancie da instância da enunciação, conforme mostra o exemplo a seguir. O recurso não foi encontrado nas falas dos suspeitos, o que merece registro já que a princípio seria interesse deles evitar o comprometimento com o enunciado.

(119) a princípio.. o assassinato do adolescente.. segundo a polícia.. **teria** sido um acerto de contas por causa do tráfico de drogas.. mas a menina não tinha nada a ver com essa história..(E)

Distanciamento emocional (preocupação com o discurso)

Não envolver-se emocionalmente pode levar o falante a dedicar mais atenção ao discurso. A fala seria melhor elaborada já que existe a possibilidade de um enunciado ser reestruturado ou do falante usar recursos metadiscursivos, por exemplo.

Metalinguagem

As expressões metalingüísticas *a questão é de semântica, eu não diria e vamos dizer* aparecem como demonstração da atenção dispensada pelos falantes – entrevistador e autoridade – com a explicação que pretendem dar sobre o tópico em discussão. A estratégia,

segundo Brait (1997, p.59), seria uma maneira de traduzir o discurso para quem não o domina. Galembeck (1997, p.144), por seu turno, chama a atenção para o fato de *hedges* como esses, na taxonomia de Brown e Levinson (1987), atuarem como marcadores que sinalizam planejamento verbal.

(120) a questão é de semântica.. né não? (E)

(121) e nos levantamentos que fizemos naquela ocasião.. naquele momento não conseguimos obter dados suficientes para que pudéssemos.. éh.. obter sucesso.. **vamos dizer..** do ponto de vista da prisão ou da apreensão de pessoas ou materiais que tivesse envolvidos nessas mortes no caso específico de ontem. (A2)

(122) eu não **diria** um pouco mais de inteligência.. não que ela não tenha feito isso.. ela deve procurar privilegiar/ (A1)

Discurso Indireto

A independência emocional do falante pode ser identificada por meio da utilização do discurso indireto que, para Valério (2003, p. 98), revelaria o respeito do falante em relação ao distanciamento temporal entre a instância de enunciação e a fala do outro que está sendo relatada. Nos nossos dados, o discurso indireto, diferentemente do que observou a autora, tem a função de garantir distanciamento entre o enunciador e o conteúdo proposicional do enunciado, demonstrando que esse conteúdo pertence a outro falante. Simultaneamente, a estratégia parece ser utilizada para garantir credibilidade ao enunciado, preservando o entrevistador e o distanciando da informação, já que em nosso *corpus* essa é sempre atribuída a uma autoridade. O recurso foi usado somente pelos entrevistadores nas aberturas das interações com os entrevistados ou nos encerramentos de turnos. O objetivo parece ser

acrescentar uma informação repassada por uma autoridade que não está sendo entrevistada naquele momento ou que foi entrevistada, mas que não teve a sua fala veiculada durante o programa.

(123) **segundo a polícia**.. os bandidos foram atraídos pela notícia de que José Reinaldo estava com novecentos mil reais guardados como caixa de campanha eleitoral. (E)

(124) **segundo o titular da delegacia de Curvelo. André Luis Nonato**.. Amauri fugiu com outros três presos.. um condenado por homicídio.. outro acusado de estupro e o terceiro sentenciado por roubo. (E)

Estruturas gramaticais formais

A utilização de normas da gramática tradicional pode remeter à formação escolar do falante (Preti, 1997, p.22) e ao seu desejo de organizar bem o discurso, demonstrando o seu papel social. Além disso, esse recurso evidencia o monitoramento do discurso pelo falante, uma das conseqüências da observação. Em nossos dados, não foram identificadas tais estratégias na fala dos suspeitos. Em contrapartida, houve registro de estruturas gramaticais formais nas falas de entrevistadores, autoridades e vítimas mescladas com traços lingüísticos informais.

(125) e ao saber que se tratava de um militar.. aí que eles chegaram realmente a **agredi-lo** com socos e coronhadas.. **o deixando** desacordado no chão. (A3)

(126) se pelo menos você tivesse o gostinho de **vê-los** presos .. né? (E)

(127) eu tava saindo.. porque meu/minha filha fica aqui com a minha mãe e eu vim **buscá-la** pra ir embora pra minha casa. (V2)

Vocabulário técnico e honoríficos referenciais

Os honoríficos referenciais e o vocabulário técnico também podem ser indicativos da formação escolar do falante, a exemplo das estruturas gramaticais formais. Podem representar ainda domínio de diversos vocábulos por parte do falante. Preti (1997, p.21) avalia que o uso desse recurso constituiria busca por significação precisa. Em nossos dados, o vocabulário técnico e os honoríficos referenciais são usados em especial pelas autoridades ao fazerem referência às operações militares. Diversas expressões técnicas como *time tático* (referência aos policiais considerados peritos em determinada ação) e *incursão* (invasão militar) e honoríficos como *agente* (no lugar de assaltante), *meliante* (vagabundo), *disparos* (tiros), *rastreamento* (seguir pistas), *aglomerado vertical* (favela) e *subtraído* (furtado) revelam deferência e formalidade entre os interlocutores (Brown e Levinson, 1987), o que caracterizaria distanciamento entre eles.

(128) nós só **incursionamos** em cada ponto com.. no mínimo.. um **time tático** que é composto por seis militares.. (A2)

(129) é.. a **incursão** em **aglomerados verticais**.. como é o caso específico da Pedreira Prado Lopes.. ela tem facilidade do ponto de vista operacional e dificuldades.

4.2.2 Imprecisão

O falante pode recorrer também à imprecisão quando não deseja assumir o compromisso com a verdade do enunciado ou quando pretende minimizá-lo. Diversos autores se ocuparam do

estudo dos *hedges* ou marcadores que podem modificar o valor ilocutório de um enunciado (Galembeck, 1997, p. 144). Brown e Levinson (1987) recorrem às máximas de Grice para analisar os *hedges* em sua dimensão cooperativa na interação. A precisão ou não da informação estaria relacionada à máxima da quantidade (não diga mais nem menos do que o necessário), enquanto a incerteza seria uma violação à máxima da qualidade (não diga o que você acredita ser falso).

Índices de modalidade

Diversas são as formas de modalidade para expressar o grau ou o tipo de verdade do enunciado (Trask, 2004, p.196). Advérbios ou locuções adverbiais, verbos auxiliares modais, acompanhados ou não de infinitivo, e orações modalizadoras são alguns dos exemplos de indicadores modais (Koch, 1993, p.50). Algumas expressões como *a princípio* sugerem o domínio, campo ou enfoque ao qual a verdade do conteúdo proposicional está limitada (Valério, 2003, p.102), como nos exemplos (130) e (131). A verdade do enunciado pode ficar restrita ainda a um período de tempo determinado pelo falante ao fazer escolhas de expressões como *ainda*, conforme o exemplo (132).

(130) aposentados como dona Maria da Conceição de Souza de setenta e cinco anos.. que foi tirar o seu dinheiro e **a princípio**.. nem acreditou no que estava acontecendo. (E)

(131) **a princípio**.. o assassinato do adolescente.. segundo a polícia.. teria sido um acerto de contas por causa do tráfico de drogas.. (E)

(132) inclusive não tive nem como ouvi-lo agora pela manhã em razão do seu estado de saúde **ainda** se encontrar um pouco debilitado. (A3)

4.2.3 Minimização

O falante lança mão de algumas estratégias para minimizar a imposição do conteúdo proposicional de um enunciado ou de si próprio. A iniciativa visa evitar reações contrárias do interlocutor e preservar a face negativa do falante (Brown e Levinson, 1987, p.181). Utilizamos em nossa análise categorias sistematizadas por Valério (2003, p.105) de minimizadores proposicionais, ou sintagmas que desempenham função atenuadora.

Alguns advérbios, como *apenas*, minimizam o valor do elemento que foi modificado no enunciado.

(133) a criança estava **apenas** brincando na porta de casa.. como sempre fez.. (E)

A condição, qualidade ou conceito da proposição pode sofrer atenuação por meio da utilização de expressões como *algum (a)*.

(134) /.../.(tá provado então) onde a polícia tá não precisa daquele aparato de helicópteros não. bota uns três policiais lá.. pô. (E)
exatamente. **algumas** poucas viaturas.. policiais educados.. porque tão mexendo com gente. não é porque é favelado (que) /.../ (A1)

(135) tá próximo.. né.. se arrumar mais uma em janeiro.. já era. (E)
é. (S4)
cê já caiu **alguma** vez? já foi preso? (E)
já. (S4)

(136) tentou dar alguma explicação? (E)

QUADRO 4: Estratégias de Polidez Negativa presentes no *corpus* analisado

POLIDEZ NEGATIVA	TRAÇOS	FUNÇÕES	ESTRATÉGIAS LINGÜÍSTICAS
	I. DISTANCIAMENTO	A. Distanciamento temporal	Manipulação de tempos verbais
		B. Distanciamento emocional (preocupação com o discurso)	Metalinguagem
			Discurso indireto
			Estruturas gramaticais formais
			Autocorreções
		Vocabulário técnico e honoríficos referenciais	
	II. IMPRECISÃO	Limitação do grau de verdade	Índices de modalidade
	III. MINIMIZAÇÃO	Minimização de uma das instâncias da enunciação	Minimizadores proposicionais

4.3 AGONÍSTICA

As interações pautadas pela rivalidade ou pela disputa de espaço e de poder apresentam estratégias lingüísticas distintas daquelas encontradas em contextos de polidez positiva e negativa. Por estar preocupado em trabalhar a própria face sem demonstrar cuidado com a face do outro, o falante adota uma linha de conduta regida por dinâmicas que desencadeiam um conflito com o interlocutor (Valério, 2003). Os interagentes, nestes casos, se portariam como adversários e não como parceiros na troca conversacional. A cumplicidade e a solidariedade típicas da polidez positiva seriam substituídas por um certo embate travado pelos participantes.

4.3.1 Autoridade

Ao contrário de algumas dinâmicas interativas típicas de polidez negativa nas quais o falante se distancia da verdade do enunciado, aqui ele se compromete com o que diz e demonstra que está habilitado para falar sobre o tópico conversacional (Valério, 2003). Os temas tratados na conversa parecem fazer parte da sua área de conhecimento tanto empírico quanto intelectual.

Marcador de opinião

O falante que deseja expor a sua opinião recorre a elementos como expressões adverbiais (*pramim*) ou locuções verbais que contenham verbos opinativos (*a gente sabe, eu sei*), conforme Galembeck (1997, p.140), para frisar que tem compromisso com o que diz porque tem informação suficiente para isso. A estratégia surge nas falas de vítimas que se mostram inconformadas com algum episódio e demonstram que a vivência as capacita a defender um ponto de vista como quem fala com propriedade sobre o assunto.

(137) evidente que sim.. né? é: **a gente sabe muito bem** que é um preso de alta periculosidade.. é um pessoa que cometeu um crime hediondo que tá aguardando julgamento desde outubro do ano passado.. preso numa cadeia que **a gente sabe** que não tem nenhuma estrutura pra tá suportando isso e.. e: não se vê nenhuma coisa acontecer.. quer dizer.. é um.. é uma situação.. que a.. que sistema tem que repensar realmente.. né.. cê tem que repensar.. a insegurança do cidadão brasileiro é muito grande. (V1)

(138) é.. a família passa por uma situação como essa que nós passamos.. e tem.. **eu sei** que tem muitas me ouvindo agora.. o compromisso da gente passa a nem ser não só com a gente.. o compromisso da gente passa a ser com as outras pessoas. (V1)

Indicadores de certeza

Retirar o caráter impressivo do enunciado e atribuir a ele um aspecto factual é o objetivo do falante que pretende demonstrar engajamento com a verdade. O falante parece querer ultrapassar o limite entre a opinião subjetiva e a qualidade da informação que seria, então, correta sem motivos para contestação. Blum-Kulka, House e Kasper (1989) atribuem a algumas expressões a função de indicadores de comprometimento. Em nosso *corpus* encontramos *com certeza*, *é isso* e *de modo algum*, entre outros exemplos, que reforçam a asseveração, resultando em sentenças mais enfáticas (Castilho e Castilho, 1996, p.234).

(139) nós não podemos agir como bandos armados.. nós temos que atuar primeiramente visando a segurança do cidadão de bem pra restauração da ordem e garantir o mínimo de qualidade de vida nesses locais.. mas de **modo algum** esquecer da segurança do policial militar. e o modo que as formas de incursionar tem que ser feitas.. é.. observando todos esses detalhes. (A2)

(140) **com certeza** vou mudar de vida. procurar um emprego/ vou tentar.. né? se eu não arrumar vou ter que roubar de novo. (S1)

(141) agora.. não é amanhã.. porque a imprensa vai.. aparece todo mundo e tal e não resolve nada. porque o que acontece nesse país **é isso**. (E)

Amplificadores e focalizadores

A intensidade do conteúdo proposicional pode ser indicada pelo uso de amplificadores (*muito*, *nada*, *demais*, *bem*, *ainda*, entre outros) que determinam o grau em que o enunciado se realiza e o comprometimento do falante com ele.

(142) agora.. não é amanhã.. porque a imprensa vai.. aparece todo mundo e tal e não resolve **nada**. porque o que acontece nesse país é isso. (E)

Já os focalizadores podem chamar a atenção para um aspecto do enunciado, dando a idéia de que o falante dispõe de argumentos importantes que garantem a verdade da asserção (Ilari, 1996, p.211).

(143) e do ponto de vista operacional do batalhão rotam.. nós só incursionamos em cada ponto com.. no mínimo.. um time tático que é composto por seis militares.. de modo que eles são **devidamente** comandados e cada militar.. nesse time tático.. tem uma função. (A2)

Indicadores de aspectos temporais

A condição de especialista do falante pode ser referendada por meio de algumas locuções adverbiais temporais que têm a capacidade de alterar a força ilocutória dos enunciados. Em nossos dados, os indicadores de urgência (exemplo 146) e os de descontinuidade (147) foram identificados.

(144) e a maior dificuldade é exatamente uma rede de posicionamentos dessas pessoas que estão do lado do crime ou do lado do tráfico.. pra poder.. **de imediato**.. noticiar a presença da polícia militar e.. mais especificamente.. do batalhão rotam.. (A2)

(145) agora.. quando nós chegamos.. o cidadão **já** estava morto e o outro ferido. e nos levantamentos que fizemos naquela ocasião.. naquele momento não conseguimos obter dados suficientes para que pudéssemos.. éh.. obter sucesso.. vamos dizer.. do ponto de vista da prisão ou da apreensão de pessoas ou materiais que tivesse envolvidos nessas mortes no caso específico de ontem. (A2)

Modais indicando imposições

O falante demonstra segurança acerca do que diz por meio da utilização de construções categóricas que mesclam o modo imperativo de alguns verbos e de auxiliares modais. Em nosso *corpus* esses elementos lingüísticos, na maioria das vezes, se referem a pessoas ou a instituições não participantes da interação. Os enunciados apresentam sujeitos não específicos ou pluralizados (Castilho, 2002, p. 108) e também uma espécie de preceito que deveria ser cumprido por alguém fora do esquema falante-ouvinte (Câmara Júnior, 1986, p. 142). As asserções soam como imposição para que um problema seja resolvido ou apontam uma solução encontrada pelo falante para algo que o incomoda. Não há ocorrência desses modais na fala dos suspeitos.

(146) né? então **é preciso que haja** um planejamento de segurança pública. o secretário de defesa social.. o chefe de defesa de polícia que é sério **precisam reunir** com a comunidade Paulo **precisa ouvir** a comuni(dade).
(A1)

A exceção parece ser uma fala do entrevistador (exemplo 147) direcionada a um suspeito na qual o primeiro repreende publicamente o segundo pela decisão de ficar com uma arma clandestina em seu poder. Embora o falante utilize a atenuação do ato de fala, ele demonstra que deseja impor ao ouvinte o seu desejo sobre o comportamento dele (Câmara Júnior, 1986, p. 142).

(147) **tinha que ter entregado** era pra polícia.. não era levar pra sua casa.
(E)

Ameaças

Apesar dessa categoria não fazer parte do esquema de Valério (2003), consideramos importante inseri-la em nossa análise em função das características de alguns atos de fala desempenhados pelos participantes. O falante pode demonstrar autoridade suficiente para prever o futuro ou para alertar o ouvinte sobre determinada situação. De acordo com Fraser (1975), a ameaça é um ato ilocucionário que representa um tipo especial de aviso. As condições para que esse ato seja bem sucedido, ainda segundo esse autor, envolvem uma ação futura, conseqüências desvantajosas para o ouvinte e o reconhecimento da intenção do falante pelo ouvinte. Identificamos em nossos dados ocorrências que parecem se encaixar nessa categoria em falas de suspeitos e de vítimas. É importante ressaltar, no entanto, que apesar da primeira condição estar clara nos enunciados a seguir, não há como garantir a realização das duas outras. As conseqüências da ameaça, em nosso *corpus*, não dizem respeito diretamente ao ouvinte, mas à sociedade em geral (exemplo 148), na fala de um suspeito, ou a não participantes da interação (exemplo 149), na fala de uma vítima.

(148) com certeza vou mudar de vida. procurar um emprego/ vou tentar.. né?
se eu não arrumar vou ter que roubar de novo. (S1)

(149) ameaçou/ louca? louca é pouco **eu vou matar esse cara. eu vou.. eu vou matar esse cara.** se/ (V4)

Reiteraões e enumeraões enfáticas

O falante salienta a sua autoridade sobre o enunciado demonstrando que tem certeza a respeito das informações que estão sendo apresentadas por intermédio de reiteraões e enumeraões enfáticas. Estas, em contextos agonísticos, foram notadas somente na fala dos suspeitos nos momentos em que são pressionados para contar os motivos da prisão. O objetivo parece ser convencer o ouvinte com a versão deles sobre os crimes e provar que agiram em legítima defesa.

(150) **eu fui e tomei o revólver dele.. tomei o revólver dele e fui embora pra casa e guar/** eu tava com um vinte e dois. / (S1)

(151) **aí o policial tava embriagado pegou e sacou uma arma pra cima de mim e afastou.** no ele afastar eu abaixei por trás do carro e corri. eu tava com um vinte e dois. (S2)

Escolhas lexicais marcadas

Alguns vocábulos apresentam marcas explícitas de indignação do falante diante de determinado tópico introduzido pelo interlocutor. Ao mesmo tempo sinalizam que o falante está convencido sobre a verdade do seu enunciado. Codificamos como escolhas lexicais

marcadas verbos como *alegar* (apresentar um fato em defesa ou justificativa) e expressões com forte carga semântica (Valério, 2003, p.161) como *safado*, *bandido*¹² e *bandos armados*.

(152) exatamente. assim como tem **safado**.. como tem **bandido** na zona sul. nos (apartamentos de luxo). (A1)

(153) nós não podemos agir como **bandos armados**.. nós temos que atuar primeiramente visando a segurança do cidadão de bem pra restauração da ordem e garantir o mínimo de qualidade de vida nesses locais.. mas de modo algum esquecer da segurança do policial militar. de modo que as formas de incursionar tem que ser feitas.. é.. observando todos esses detalhes. (A2)

(154) (a espo/ a esposa) dele falou assim que viu eu pegando o revólver e colocando na cabeça dela isso eu **alego** que é verdade.. agora / (S2)

Dupla afirmativa e dupla negativa

A exemplo das reiterações, esse recurso reforça a postura do falante em relação à verdade do enunciado. Além de demonstrar que está comprometido com a veracidade do que está sendo dito, o falante frisa de maneira agressiva o que quer significar, podendo também demonstrar irritação (Urbano, 1997, p.108), como parece ser o caso do exemplo abaixo. Um suspeito mantém a firmeza ao dizer que havia roubado por necessidade e que não havia a possibilidade de promover uma comemoração ou fazer compras em grande monta, como sugeriu o entrevistador.

(155) comprar umas roupa pra mim.. ué **festa eu não ia fazer não**. (S4)

8 Há registros da palavra em contextos de polidez positiva e negativa, além de agonística. No primeiro caso ela foi categorizada como palavra de sentido pejorativo; no segundo surgiu em meio a outras estratégias e não foi analisada isoladamente. Por fim, em contextos de agonística, foi codificada como escolha lexical marcada.

4.3.2 Força argumentativa

As estratégias lingüísticas argumentativas são apresentadas pelos interlocutores como peças em um tabuleiro de xadrez. Eles disputam cuidadosamente quem tem mais habilidade retórica para que o seu argumento sobreponha o do adversário. Nosso *corpus* apresentou apenas um dos tipos de marcadores de força argumentativa identificados por Valério (2003), os operadores argumentativos. No entanto, surgiram em nossos dados perguntas pospostas que desempenham a função de dar sustentação à argumentação, formando, assim, uma categoria não codificada pela autora.

Pergunta Posposta

As perguntas posicionadas ao final do enunciado surgem em nossos dados como marcadores de força argumentativa, exercendo a função de confrontar o interlocutor em contextos de agonística. Apesar de Valério (2003) ter codificado as perguntas pospostas como estratégias típicas de contextos de polidez positiva, percebemos em nosso *corpus* que elas desempenham papel importante em determinadas situações agonísticas. O falante parece colocar em xeque o enunciado anterior do rival. Assim, ele demonstraria poder argumentativo e conduziria o ouvinte para a conclusão desejada.

(156) com certeza vou mudar de vida. procurar um emprego/ vou tentar.. **né?**
se eu não arrumar vou ter que roubar de novo. (S1)

(157) evidente que sim.. **né?** (V1)

Operadores argumentativos

Ducrot (1981) atribui a alguns operadores conversacionais a propriedade de direcionar a argumentação do enunciado, levando o ouvinte ao ponto conclusivo elaborado pelo falante. Diversos são os tipos de operadores argumentativos de acordo com a classificação de Koch (1993). Não entraremos aqui em detalhamento dessa taxonomia já que, grosso modo, os operadores representam em nossos dados a força argumentativa do falante no duelo traçado contra o outro interagente.

(158) e do ponto de vista operacional do batalhão rotam.. nós só incursionamos em cada ponto com.. **no mínimo**.. um time tático que é composto por seis militares.. de modo que eles são devidamente comandados e cada militar.. nesse time tático.. tem uma função. (A2)

(159) exatamente. **assim como** tem safado.. como tem bandido na zona sul. nos (apartamentos de luxo). (A1)

(160) você luta.. nós lutamos seis anos.. e a gente lutou muito pra colocá-lo na cadeia junto com as autoridades. e de repente.. você descobre que a pessoa tá na rua nu/num piscar de olhos.. né? **ou seja**.. a fragilidade do sistema penitenciário.. a.. a.. a fragilidade das instituições.. né.. que deveriam tá dando segurança ao cidadão.. na verdade o período que a gente tava imaginando que nós távamos inseguros.. que era o período que ele estava na rua.. não é nem um pouco diferente do período que nós percebemos ele na.. na prisão. (V1)

(161) /.../. (tá provado **então**) onde a polícia tá não precisa daquele aparato de helicópteros não.. bota uns três policiais lá.. pô (E)

4.3.3 Competitividade conversacional

Os interlocutores parecem deixar de ser cooperativos na interação em contextos pautados pela agonística e demonstram que estão interessados em apresentar argumentos a mais que o outro, ter maior espaço para falar e ser o autor das últimas considerações sobre o tema (Valério, 2003). Nesse sentido, a interação não seguiria uma organização amistosa perfeita, mas se tornaria um lugar privilegiado para o duelo pelo turno. Apesar das entrevistas apresentarem, em linhas gerais, uma seqüência bastante organizada de perguntas e respostas, com os interlocutores respeitando os direitos aos turnos de cada um, codificamos alguns elementos que sugerem competitividade conversacional.

Interrupção de fala

O turno de um dos interlocutores pode ser interrompido bruscamente pelo outro como demonstração de dominância (Cameron, 2002, p.74) em situações de disputa. Quase a totalidade dessa estratégia foi identificada nas interações entre entrevistadores e suspeitos, que tinham seus turnos assaltados (Koch, 1993, p.80). Não chegou a haver, entretanto, sobreposição de vozes porque o entrevistador agiu rapidamente no momento em que o interlocutor respirava, dava uma pausa rápida ou hesitava sobre o que responder. Percebe-se a interrupção da fala e a não conclusão das idéias, conforme mostra o exemplo a seguir.

(162) o revólver tava com o meu irmão. **aí** / (S2)

seu irmão tava fazendo o que com o revólver? (E)
 num.. num sei. (S2)

O único registro de interrupção em falas de vítimas ocorreu em momento singular já que o entrevistador adotou, na maior parte do tempo nessas interações, estratégias de polidez positiva. O entrevistador parece perder a paciência com a narrativa prolixa e repetitiva da vítima. Acaba interferindo para garantir o sucesso da informação.

(163) na hora eu saí procurando. **achei. que eu (achei)** / (V4)
 (a senhora) achou ele onde? (E)

Fechamento de turno

Valério (2003) identificou em sua pesquisa que os marcadores de fechamento de turno são usados pelo falante para evitar uma contra-argumentação, ou seja, o falante encerra o próprio turno e impede que alguém dê continuidade à discussão sobre determinado tópico conversacional. Em nossos dados, as expressões utilizadas para encerrar o turno têm uma função distinta dessa. Elas são usadas somente pelos entrevistadores para encerrar a interação e impedir que o interlocutor retome o turno para contra-argumentar. Algumas expressões como *perfeito* explicitaram que o entrevistador decide encerrar a participação do outro no momento em que lhe convém. Isso nem sempre significa que ele esteja satisfeito com as respostas do entrevistado. Mas em alguns momentos, como os exemplos (164) e (165) mostram, o uso dessa expressão se faz necessário depois de várias tentativas de agradecimento e de despedidas reiteradas.

(164) **perfeito**. coronel.. eu quero agradecer mais uma vez sua presença aqui no Itatiaia Patrulha. o espaço tá sempre aberto.. tá bom? (E)

(165) **perfeito**. muito agradecido ao tenente coronel Anísio Moura.. comandante do batalhão rotam. coronel.. boa tarde ao senhor.

QUADRO 5: Estratégias de Agonística presentes no *corpus* analisado

AGONÍSTICA	TRAÇOS	FUNÇÕES	ESTRATÉGIAS
	I.AUTORIDADE	Demonstrar Perícia e Convicção na Verdade do Enunciado	Marcadores de opinião
			Indicadores de certeza
			Amplificadores e focalizadores
			Indicadores de aspectos temporais
			Modais indicando imposições
			Ameaças
			Reiteraões e enumeraões enfáticas
			Escolhas lexicais marcadas
	Dupla afirmativa e dupla negativa		
	II. FORÇA ARGUMENTATIVA	Sustentar argumentação	a
Operadores argumentativos			
III. COMPETITIVIDADE CONVERSACIONAL	Tomar ou Manter o turno e Impedimento de contestação		Interrupção de fala
			Fechamento de turno

5 CO-CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

“Com a maior liberalidade e sem nenhuma responsabilidade civil ou criminal, chamam-se pessoas de assassinos, ladrões, contrabandistas etc. Neste tipo de programa ninguém é suspeito de nada. É ou não é culpado”.
Heródoto Barbeiro

Identificamos em nosso *corpus* características presentes nos dois estilos de entrevistas propostos por Labov (1972). Por um lado, está claro que as trocas conversacionais giram em torno de tópicos específicos que geram perguntas e respostas integrantes de uma entrevista formalmente reconhecida. Por outro lado, a utilização de gírias e de expressões populares, o despojamento da conversa, e a pouca preocupação com a elaboração do discurso propriamente dito, em alguns casos, aproximam essas entrevistas do vernáculo.

Os elementos lingüísticos avaliados refletem os padrões interativos utilizados pelos interlocutores. Apesar da nossa pesquisa não ter a intenção de realizar uma análise quantitativa dos dados, o resultado mostra a ocorrência de 990 elementos lingüísticos nas cinco entrevistas com cada um dos grupos de interlocutores que compõem o *corpus* – entrevistadores com vítimas, com suspeitos e com autoridades.

Predominam, nesse total, as estratégias de polidez positiva nas interações em todos os grupos de interlocutores – mais de setecentas ocorrências –, ao contrário do que era esperado por nós. Como a polidez positiva pressupõe intimidade entre os falantes, conforme atestam Brown e Levinson (1987, p.106), e a maior parte das entrevistas ocorre entre pessoas desconhecidas e que dificilmente vão desenvolver uma convivência após esse encontro social, pelo menos nos

grupos de suspeitos e de vítimas, acreditávamos que haveria uma conversa pautada por maior número de elementos indicadores de polidez negativa e de agonística. Obviamente, esperávamos que ocorressem variações e mescla de estratégias de polidez e de atos de fala assim como de enquadre (Goffman, 1979) nos três grupos de falantes.

O segundo padrão interativo dos interlocutores inclui a agonística ou o uso agressivo do trabalho de face (Valério, 2003). Conforme havíamos previsto, os entrevistadores optam por essa conduta nas conversas com os suspeitos, desenvolvendo uma espécie de arena na qual não está em jogo a preservação da face alheia, mas o salvamento da sua própria face. O interessante, no entanto, é que os suspeitos nem sempre recorrem a esse tipo de recurso (Cf. exemplos 18 e 21). Merece destaque ainda a presença de estratégias agonísticas na fala das autoridades (Cf. exemplos 139, 143, 145 e 146). Elas buscam se defender de perguntas diretas e que expressam uma cobrança do entrevistador para problemas que, algumas vezes, parecem insolúveis.

A polidez negativa constitui o padrão interativo menos utilizado pelos interlocutores, sendo mais presente na fala das autoridades, como era esperado, já que esse grupo reúne pessoas que costumam se apresentar formalmente em público até mesmo por exigência da profissão ou do cargo que ocupam.

QUADRO 6: Número de ocorrências de estratégias de trabalho de face nas interações observadas

Estratégias de Trabalho de Face	Polidez Negativa	Polidez Positiva	Agonística	Total
Entrevistador / Autoridade	6	67	23	96
Autoridade / Entrevistador	47	93	37	177
Entrevistador / Vítima	23	112	1	136
Vítima / Entrevistador	10	238	24	272
Entrevistador / Suspeito	5	65	42	112
Suspeito / Entrevistador	14	158	25	197
Total	105	733	152	990

Além da seqüência de atos de atos de fala que compõem a estrutura da entrevista descrita no capítulo 3, dos elementos lingüísticos característicos de contextos de polidez positiva, negativa e de agonística, apresentados no capítulo 4, observamos também os tópicos conversacionais predominantes nas entrevistas, e o enquadre estabelecido pelos interlocutores durante as interações, que serão comentados a seguir. Esse conjunto de fatores contribuiria para a co-construção de identidades dos falantes em programa radiofônico policial, objetivo de nossa investigação.

5.1 O tópico conversacional

A temática predominante no programa Itatiaia Patrulha, como não poderia deixar de ser, inclui assassinatos, mortes suspeitas, assaltos, seqüestros, tragédias urbanas como enchentes,

acidentes e infrações de trânsito, além de outras de expressão legal. Percebemos que, para cada grupo de interlocutores, o tópico conversacional adquire peculiaridades e é tratado de maneira especial pelo entrevistador.

Os programas por nós acompanhados reúnem entrevistas sobre ações criminosas e ainda o debate a respeito da violência na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Na maioria das entrevistas, predomina a temática sobre a *violência funcional derivada*, ou seja, aquela que reúne os pequenos delitos e crimes rotineiros como assassinato, estupro e roubo (Santos, 2000, p. 55). Descrevemos a seguir os temas abordados em cada uma das interações analisadas.

No grupo das autoridades, os tópicos conversacionais seguem a seguinte ordem de acordo com a data de gravação: 1) Autoridade 1: Pastor do Conselho Criminal de Ribeirão das Neves apresenta documento que revela aumento do número de assassinatos em Belo Horizonte; 2) Autoridade 2: Comandante do Batalhão Rotam analisa a dificuldade da polícia para agir contra o tráfico de drogas na Pedreira Prado Lopes; 3) Autoridade 3: Delegado de Vespasiano comenta a prisão de sete pessoas que teriam agredido e roubado a arma de um militar; 4) Autoridade 4: Soldado da Polícia Militar relata a prisão de três adolescentes que teriam assaltado uma casa lotérica no centro de Belo Horizonte e 5) Autoridade 5: Cadete da Polícia Militar revela como foi realizada a prisão de dois homens que teriam assaltado uma agência bancária no centro de Belo Horizonte.

No grupo das vítimas, as entrevistas estão concentradas nos seguintes tópicos conversacionais: 1) Vítima 1: Viúva narra o seu desespero ao tomar conhecimento da fuga do assassino do marido; 2) Vítima 2: Mulher relata o assassinato do pai e do irmão que tentaram

salvá-la durante um assalto; 3) Vítima 3: Mãe conta como a filha de oito anos foi baleada por uma gangue na porta de casa; 4) Vítima 4: Mãe revela que o filho de onze anos sofreu abuso sexual por parte de um jardineiro; 5) Vítimas 5 e 6 (entrevistadas simultaneamente): Duas aposentadas explicam como ocorreu o assalto a uma agência bancária no centro de Belo Horizonte.

Por fim, no grupo dos suspeitos, há ocorrência dos seguintes tópicos conversacionais: 1) Suspeito 1: Presidiária homossexual revela a intimidade atrás das grades; 2) Suspeitos 2 e 3 (entrevistados simultaneamente no mesmo programa): apresentam suas versões sobre a acusação que pesa contra eles de agressão e de roubo da arma de um policial militar; 3) Suspeitos 4 e 5 (entrevistados simultaneamente): contam o planejamento, a ação e os resultados de um assalto a uma casa lotérica na região central de Belo Horizonte.

Em geral, os temas escolhidos parecem estar inseridos em dois grandes grupos, com base na divisão de procedimentos discursivos proposta por Roberto DaMatta (1997) para a violência no Brasil. Segundo esse autor, há no país a *leitura teórica* ou *erudita* sobre a violência e o *discurso popular* ou do *senso comum*.

A leitura teórica, para DaMatta, atribuiria à violência um caráter normativo e disciplinador e acabaria por provocar uma certa confusão entre a violência e a estrutura da sociedade. Nesses casos, o Estado seria o responsável pelo cumprimento das leis e das normas e se transformaria em um “grande algoz” caso não fosse possível para ele assumir essa missão. Percebemos a presença desse tipo de discurso nas interações entre entrevistador e uma autoridade civil (A1, um pastor evangélico integrante do Conselho Criminal de Ribeirão das Neves), que dedicam boa parte do tempo da entrevista a críticas ao Estado, incluindo aqui instituições públicas e

corporações como a Polícia Militar e a Polícia Civil, que deveriam ser capazes, na visão de ambos, de cuidar da segurança da população. Leitura semelhante ocorre na entrevista com uma autoridade militar (A2, um coronel comandante do Batalhão Rotam da Polícia Militar). Entrevistador e autoridade discutem a ação de líderes do tráfico de drogas na Pedreira Prado Lopes e a dificuldade da Polícia Militar para ocupar o local e resolver o problema.

Já o senso comum perceberia a violência como prática rotineira na qual as ações se desencadeiam espontaneamente e permitem a invasão do espaço moral do adversário (DaMatta, 1997). A construção discursiva sobre o tema se daria, por sua vez, como um relato de experiências diárias vivenciadas pelas pessoas, o resultado desse *mecanismo indesejado* chamado violência. Esse tipo de leitura é registrado nas interações entre entrevistador e vítimas e entre entrevistador e suspeitos, como mostra o quadro a seguir. No primeiro caso, o tópico conversacional predominante é a violência sofrida pelas vítimas, que relatam como o fato ocorreu e fazem um desabafo normalmente carregado de angústia, ódio e revolta, especialmente quando há morte e abuso sexual. No segundo caso, a conversa fica em torno da ação criminosa na versão dos suspeitos, que são contestados pelo entrevistador. Em ambas as situações, ocorre a narração do episódio com riqueza de detalhes da experiência vivenciada por cada um dos envolvidos.

QUADRO 7: Processos discursivos para a violência utilizados no desenvolvimento de tópicos a ela relacionados nas interações entre os participantes dos grupos observados

Leitura da violência	Entrevistador/ Autoridade	Entrevistador/ vítima	Entrevistador/ Suspeito
Discurso popular ou do senso comum: Prática rotineira que permite invasão do espaço moral do adversário		X	X
Leitura teórica ou erudita: Caráter normativo e disciplinador	X		

5.2 O Enquadre

A presente pesquisa mostra que no programa *Itatiaia Patrulha* há ocorrência simultânea de enquadres *institucional* e *pessoal* (Baptista, 2002). Em princípio, o enquadre institucional, caracterizado pela formalidade, seria compulsório nas interações radiofônicas em virtude das relações assimétricas de poder. Percebe-se, todavia, que o enquadre pessoal, informal e espontâneo, faz parte de algumas entrevistas e são fundamentais para o desenvolvimento da conversa e da constituição de identidades dos falantes.

As entrevistas com autoridades, por exemplo, mantêm o enquadre esperado de uma interação formal via rádio. Apesar de haver ocorrências significativas de estratégias de polidez positiva, que remetem a contextos informais, essas interações preservam um distanciamento mínimo entre os falantes, caracterizando o enquadre institucional típico de entrevistas radiofônicas. O entrevistador usa itens lexicais como *senhor* e *doutor* para se referir às autoridades (ver páginas 144-150), especialmente quando essas exercem funções como as de coronel e delegado ou são religiosos, como o pastor. As entrevistas com os policiais que exercem funções mais modestas, como soldado e cadete, preservam o enquadre institucional, mas admitem o uso de alguns itens lexicais, como *você*, que caracterizariam um tratamento informal (ver páginas 150-153).

Há um registro neste grupo de interlocutores que merece destaque. Na entrevista com o pastor membro do Conselho Criminal de Ribeirão das Neves, os falantes, que demonstram já se conhecerem, permitem que ocorra a mudança de enquadre. A entrevista é iniciada da maneira convencional, com os cumprimentos entre os interlocutores e a troca de informações sobre o tópico conversacional. Em um dos momentos principais da conversa, há uma mudança de *footing*. Quando os falantes demonstram alto envolvimento e compartilham pontos de vista sobre o tema, o entrevistador abre espaço para introduzir uma piada, fazendo uma brincadeira com o entrevistado, que deixa claro ter entendido a negociação das relações interpessoais (Goffman, 1979). Nesse momento, o enquadre pessoal toma conta da entrevista, durante seis turnos de fala. Os falantes quebram o ritmo da conversa séria e até mesmo riem no ar. A seguir, o entrevistador altera novamente o *footing* e retoma o enquadre institucional para dar seqüência à interação.

(166) e outra coisa.. ouvir também os policiais. ouvir a comunidade.. que eu digo.. envolve também aqueles que estão nas delegacias.. os carcereiros que

não são nem são carcereiros.. a gente não sabe. Ouvir o soldado.. o sargen/
 ouvir.. sentar e ouvir e planejar pra que a comunidade seja de fato
 (resguardada). (A1)
 (é mas sem).. sem sentar (xxx) comendo salmão. sem.. sem aquela co/ cê
 sabe o que é caviar pastor? (E)
 eu sei o que é couvear. (A1)
 não.. mas caviar cê (sabe)? (E)
 (não).. não.. (caviar não). (A1)
 (num sabe).. nunca viu.. (xxx). ((risos)). (E)
 (Adorei). (A1)
 tem que sentar à mesa e reunir mesmo.. discutir. (E)
 exatamente (A1)

O enquadre dominante nas entrevistas com as vítimas é o pessoal, já que entrevistador e entrevistado interagem como se houvesse ali uma conversa espontânea e falam sobre temas próprios do ambiente privado da vítima, apesar de haver o uso de alguns itens lexicais que denotam formalidade, como *senhora*, por exemplo (ver páginas 186-187). A suposta intimidade entre ambos permite revelações sobre a vida particular do entrevistado, hábitos familiares e, especialmente, desabafo sobre os fatos ocorridos e a situação em que se encontram a vítima e as pessoas próximas a ela. Em pelo menos duas interações mais comoventes (Cf. Anexo A: Vítima 2, página 184 e Vítima 4, página 186), há registro de choro das vítimas, que não se importam com a exposição pública e deixam transparecer o quanto a situação é difícil para elas.

Já nas entrevistas com os suspeitos, como era esperado, predomina o enquadre institucional, com o entrevistador assumindo a postura de questionador de maneira explícita e o suspeito adotando a postura de seu próprio advogado. Mas haveria dualidade de enquadres, em certos momentos, com o entrevistador usando o tratamento informal *você* para os suspeitos. Um desses suspeitos utiliza o vocativo *minha senhora* (exemplo 34) em momento estratégico em que tentaria estabelecer proximidade com o entrevistador. Há espaço para aproximação entre os interlocutores, com pelo menos duas situações negociadas que fogem à regra e merecem

nota.

A primeira delas diz respeito a uma interação entre entrevistador e presidiária (S1) na qual, apesar de ser mantido o enquadre institucional em alguns momentos, ocorre abertura para um alinhamento que se aproxima do pessoal. O tópico conversacional, neste caso, difere das demais entrevistas com os suspeitos. Os falantes conversam sobre a vida das detentas na prisão em uma matéria veiculada um dia antes do Dia da Mulher, comemorado em 8 de março. Parece ser o objetivo da matéria explorar o sofrimento das presidiárias, as relações amorosas e o possível arrependimento por ter cometido um crime. A presidiária entrevistada é homossexual e fala como se fosse homem em determinados momentos ao ser estimulada pela entrevistadora. Aqui, a entrevistadora exerce o seu poder e aproveita a distância social entre ela e a interlocutora para fazer questionamentos que invadem a privacidade e a opção sexual dessa última.

A conversa nesse caso é dominada pelo enquadre pessoal com tons de brincadeira e de deboche de ambas as partes. Há turnos de fala, no entanto, que retomam o enquadre institucional com a entrevistadora assumindo a postura que é comum nas outras interações com os suspeitos. Ocorre, então, a pergunta que dá à presidiária a oportunidade para confessar arrependimento. Conforme explicitado no capítulo 3, não fazemos distinção entre a função dos repórteres e dos locutores, nem distinção em relação ao sexo desses falantes. Neste caso, porém, parece interessante notar que a repórter, talvez por ser do sexo feminino, se porte como uma confidente, como se compartilhasse a intimidade da interlocutora.

(167) tem concorrente aqui? tem outra/outras mulher aqui que gosta de mulher também? (E)
 é.. tem um veadinho lá na cela também.. sabe (risos) tem um meio gay lá.
 (S1)

mas quem que é melhor que ele? quem que é mais/ quem que é melhor? ela ou você? (E)
 sei lá.. véio. onde eu passo eles me chama.. não sei ele.. né? ele gosta de namorar mais é com coroa. ele gosta mais de (coroa). (S1)
 (ela gosta) de coroa. cê gosta de menininha? (E)
 eu gosto de jovem que nem eu.. ué. (xxx). (S1)
 como é que é/ agora vamos falar sério. como é que é sua vida aqui? preso.. encarcerado.. sem ver o que tá acontecendo lá fora? (E)
 nó.. é horrível véio. a gente ficar longe da família da gente é a pior coisa que tem. tenho maior arrependimento de ter roubado pra vim parar nesse lugar aqui eu.. eu tro/ (S1)
 por que que cê resolveu roubar? (E)
 ah... eu tinha que tratar da muié.. ué. eu procurava emprego.. num arrumava.. eu saí pra roubar. (S1)
 valeu a pena? (E)
 não.. onde que eu vim parar? lugar mais próximo /que eu vim/ foi o DI. (S1)

O segundo caso diz respeito a uma entrevista com o suspeito (S2), acusado de ter agredido um policial e roubado a arma dele. A conversa segue o ritual de perguntas e respostas quando, em um turno de fala há mudança de *footing*. O entrevistador muda o curso da entrevista para uma acusação direta: *isso é roubo. cê roubou a arma dele!* O entrevistador estaria repreendendo o interlocutor que parece entender a mensagem e também molda o seu comportamento lingüístico. Nesse instante, o suspeito assume o erro e ouve nova repreensão por parte do entrevistador, como se fosse um direito ou até mesmo um dever desse falante se portar assim. Dessa vez, ocorre a tentativa de dar uma lição no suspeito com a conclusão sobre o que ele deveria ter feito: *tinha que ter entregado era pra polícia.. não era levar pra sua casa* (Cf. exemplo 147).

5.3 A interação e a identidade

A estrutura da entrevista descrita no capítulo 3 indica que a escolha do entrevistador por

determinado tipo de abertura, seqüência de perguntas e fechamento conversacional possivelmente influencia as relações interpessoais que vão ser negociadas durante a interação. A abertura da entrevista sinalizaria para o interlocutor e para o ouvinte do programa de rádio a opção feita pelo entrevistador naquela situação comunicativa.

Cumprimentar um entrevistado, dar as boas vindas a ele e reiterar convites para que volte a participar do programa podem ser uma demonstração de que naquela interação estaria prevalecendo a deferência e o respeito ao entrevistado, que teria o *status* de convidado. Como esse tipo de ocorrência é registrada apenas nas interações ao vivo com as autoridades, parece-nos que elas, principalmente as policiais, seriam reconhecidas pelos entrevistadores como uma referência em assuntos de segurança pública, a exemplo do que constatou Giddens (1999) sobre o poder das autoridades que têm permissão legal para usar a força (Cf. capítulo 1). As autoridades seriam apresentadas, então, nas entrevistas, como representantes de instituições que ainda mantêm a hegemonia, apesar da descentralização de poder característica da contemporaneidade, que traria incerteza para a sociedade. Esse reconhecimento não impediria, no entanto, que a eficiência das autoridades seja cobrada e que tenham o trabalho questionado.

A abertura em forma narrativa ocorrida nas interações gravadas, em especial com as vítimas e os suspeitos, por sua vez, eliminaria o espaço destinado a cumprimentos e traria reflexos também para o desenvolvimento da interação e para o fechamento conversacional. Os entrevistados nesse tipo de interação não seriam considerados convidados do programa, mas sim personagens – protagonistas e antagonistas - de dramas cotidianos que envolvem violência.

As vítimas seriam protagonistas de histórias dramáticas, permeadas por sofrimento. Por isso, ao ser entrevistadas contariam com uma certa condescendência do entrevistador. Além disso, estariam em uma posição razoavelmente cômoda, apesar das situações traumáticas, sendo cuidadosamente estimuladas a relatar os episódios. As entrevistas com as vítimas podem ser consideradas os momentos mais emocionantes do programa e, por conseguinte, aqueles em que haveria investimento do entrevistador para que detalhes sejam revelados e para que a história não se perca.

Já os suspeitos estariam na condição de antagonistas de um enredo trágico. Em um primeiro momento estariam ali para prestar contas ao público e aos próprios entrevistadores, que naquele momento seriam vistos como cidadãos, representantes da sociedade. Talvez por isso não mereceriam ser apresentados convencionalmente como os demais participantes do programa, como parece ser a lógica adotada pelo programa, e contariam com a simpatia do entrevistador nos momentos necessários para que a interação não corra o risco de ser prejudicada.

5.3.1 Entrevistadores e autoridades

As interações entre autoridades e entrevistadores vão de encontro à nossa primeira expectativa que era a de encontrar um número predominante de estratégias lingüísticas relacionadas com a polidez negativa. O pressuposto de que esse tipo de estratégia dominaria o comportamento lingüístico de ambos não se confirmou durante a análise dos dados. Conforme mencionamos no início desse capítulo, houve predomínio de polidez positiva seguida de polidez negativa e

de agonística no discurso desse grupo.

As autoridades demonstram dominar as estratégias que visam à aproximação com o interlocutor. Prova disso é a utilização recorrente de elementos que buscam atrair o parceiro da interação para o discurso. A proximidade é traço lingüístico marcante nos contextos de polidez positiva para esse grupo de interlocutores na nossa análise. Autoridade e entrevistador estariam interessados em buscar simultaneamente a atenção do parceiro, reduzindo a possível distância social entre eles. Recorrer à proximidade seria uma maneira de demonstrar que compartilham pontos de vista na maior parte do tempo, possivelmente com o objetivo de passar para o público a idéia de que o entrevistador e a autoridade estariam juntos no combate à violência, como podemos observar nos gráficos 1 e 2 que se seguem.

Gráfico 1: Distribuição percentual do uso de estratégias de polidez positiva, polidez negativa e agonística nas interações entre entrevistadores e autoridades

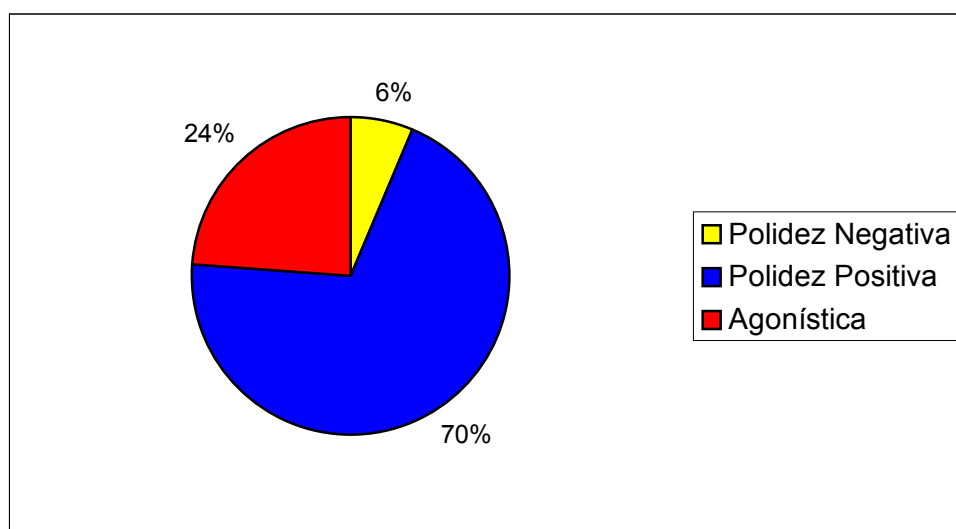
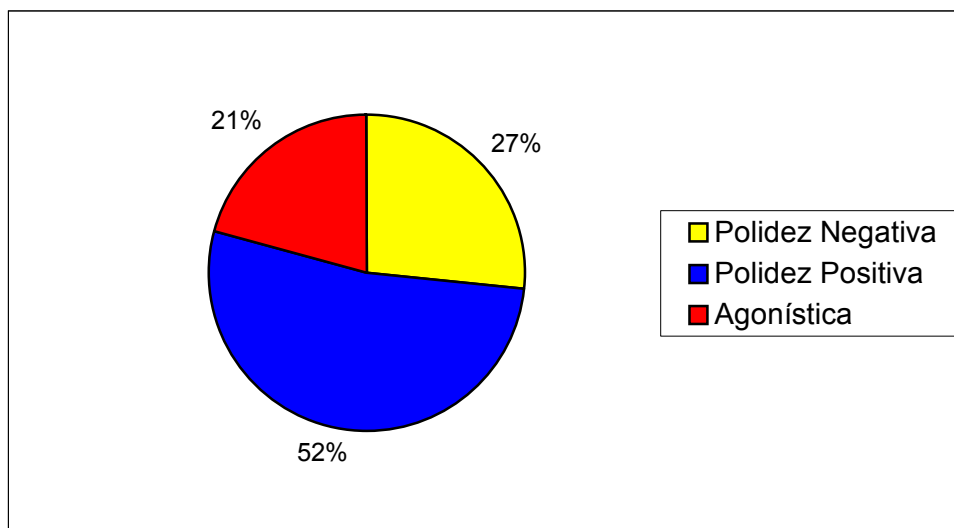


Gráfico 2: Distribuição percentual do uso de estratégias de polidez positiva, polidez negativa e agonística nas interações entre autoridades e entrevistadores



Mas essa estratégia pode variar de acordo com a autoridade entrevistada e a gravidade do tema abordado. Podemos destacar alguns tópicos frequentemente abordados nas entrevistas com autoridades. Aquelas consideradas representantes da sociedade civil, tais como um pastor que integra um Conselho Criminal de Ribeirão das Neves (A1), são chamadas para falar sobre situações violentas e estatísticas que comprovam índices de criminalidade registrados em determinada região. Nesses momentos, há espaço para uma abordagem semelhante à leitura teórica de DaMatta (1997) sobre a violência. Entrevistador e autoridade se unem em torno de um discurso comum que cobra do Estado uma ação e uma política mais eficientes para a segurança pública. Assim, é aberto espaço para a cooperação conversacional (Cf. exemplos 62, 63, 68 e 69), outro traço marcante nessas interações, que torna a entrevista um ambiente propício para o diálogo (Medina, 2002). Os interlocutores estariam conversando naturalmente sobre o tema e se permitiriam até mesmo deixar transparecer comportamentos típicos de situações privadas (Cf. exemplos 81 e 84), tais como a externalização de emoções, o exagero

e a promoção de dramaticidade. O entrevistador e a autoridade, nesse caso, estariam juntos contra um inimigo comum, o Estado, que seria apresentado publicamente em uma posição dúbia. Ele seria considerado ao mesmo tempo responsável pela missão de cuidar do bem-estar e da segurança pública e incapaz de realizá-la.

Outra interação com autoridade civil, um delegado da Polícia Civil de Vespasiano (A3), mostra que os interlocutores se conhecem, mas que respeitam um certo distanciamento existente entre eles. O entrevistador deixa fluir um discurso informal e faz perguntas amenas, que podem ser facilmente respondidas pelo policial. Em meio a traços típicos de polidez negativa, ambos utilizam expressões como jargões, por exemplo, que podem refletir a proximidade dos interlocutores. Seria espaço na interação para momentos que apresentam o conhecimento compartilhado pelos falantes, como se ambos pudessem pertencer a um mesmo grupo e, até mesmo, uma certa intimidade.

Esse tipo de discurso, que narra a ação policial e os resultados alcançados por ela, é recorrente na fala das autoridades militares. Normalmente, elas são entrevistadas em pelo menos duas situações. Aqueles policiais militares que trabalham nas ruas e pertencem a patentes mais modestas (A4 e A5) são convidados a relatar uma operação realizada para prender um suspeito. Nessas interações, estariam presentes características que Goffman (1975) considera a dramatização do trabalho. Os *atores*, que desempenham papéis como os de policiais, narrariam seus pretensos atributos e qualidades, ou de suas ações, como parece ser o caso das interações por nós analisadas, para comprovar que a atividade deles enquanto indivíduos é significativa para o outro.

Curiosamente esse tipo de relato não se dá apenas com os policiais da chamada linha de frente da Polícia Militar (PM). Um tenente-coronel da PM (A2) também comenta detalhes sobre a invasão, que ele denomina de incursão, da Pedreira Prado Lopes ao avaliar os problemas enfrentados pelos policiais para obter sucesso nesse tipo de operação. Estaria, na perspectiva de Goffman (*op.cit.*), tentando chamar a atenção do interlocutor e da platéia para a importância do seu trabalho para a sociedade.

Quando não se contenta com a resposta da autoridade sobre determinado tópico conversacional, o entrevistador inicia uma nova dinâmica interativa. Entrevistador e autoridade podem se encontrar, em alguns momentos, em posições antagônicas, como é o caso de alguns trechos da entrevista com a Autoridade 5. Aquela cobrança feita genericamente pelo entrevistador e pela autoridade civil pode ser dirigida diretamente a uma autoridade militar que parece, na ótica dos interlocutores, um representante oficial do Estado. As perguntas, então, atos de fala que ameaçam a face do falante, se tornam mais diretas e incisivas: *mas não tinha detector de metais na porta?* Parece ser uma tentativa do entrevistador de demonstrar que o tópico conversacional exige respostas objetivas e imediatas do militar: *então foram flagrados pelo circuito interno de TV? que características vocês têm dos suspeitos? o outro não tem não?*

As autoridades militares (A2, A3 e A5), em geral, utilizam estruturas gramaticais formais que podem remeter, na visão de Preti (1997), à formação escolar do falante, codificada como estratégia típica de polidez negativa. A preocupação com o discurso está presente também na fala da autoridade policial, que usa vocabulário técnico (Cf. exemplos 128 e 129), outra marca de distanciamento entre os falantes. Essa estratégia, para Brown e Levinson (1987), seria indicativa de deferência e formalidade entre os interlocutores. As autoridades militares,

mesmo aquelas de baixa patente, que participam do programa *Itatiaia Patrulha* nos dias por nós analisados, parecem querer demonstrar que estão preparados para falar em público.

5.3.2 Entrevistadores e vítimas

A pesquisa confirma a nossa expectativa de codificação de estratégias lingüísticas relacionadas à polidez positiva como padrão das interações entre locutores e vítimas. A fragilidade das vítimas parece ser compreendida pelo entrevistador, que demonstra solidariedade e atenção especiais às pessoas que sofreram alguma ação violenta e se encontram abaladas emocionalmente.

A expressividade é o traço mais presente na fala do entrevistador nas interações com esse grupo social, o que poderia estar relacionado a um duplo objetivo. O falante demonstraria seus sentimentos em relação à dor do outro e, simultaneamente, provocaria no parceiro o desejo e a confiança para se abrir e revelar detalhes sobre o fato em questão. Assim, o entrevistador garantiria uma conversa permeada por fortes emoções, com depoimentos intensos e verdadeiros, que atrairiam o público de um programa policial. O entrevistador parece querer despertar na vítima a idéia de que ali há um ombro amigo, onde os desabafos podem ser feitos sem cerimônia ou preocupação com quem estaria ouvindo; isto é com a platéia que acompanha o programa pelo rádio. A audiência, por sua vez, se sentiria incluída na atmosfera construída pelos interlocutores, conforme observou Prado (1989), e compartilharia o sofrimento do entrevistado.

A escolha do entrevistador parece surtir efeito na medida em que as vítimas, em sua maioria, respondem com elementos lingüísticos que também caracterizam a expressividade, um dos traços mais marcantes da língua falada (Urbano, 1997) e mais presentes na fala desse grupo social. Não seria interesse das vítimas esconder seus sentimentos. Pelo contrário, a entrevista se tornaria um canal para dar vazão a um desgosto imenso, a uma perda irreparável. Em pelo menos duas entrevistas (V2 e V4), a comoção é tal que as vítimas não conseguem disfarçar o choro. A entrevista seria também uma alternativa para as vítimas reclamarem da situação e exigirem a apuração do caso e a prisão dos envolvidos, criticando até mesmo a possível falha da polícia ou do Estado (V1). Em alguns casos (V1, V2 e V3), as solicitações de providências e o desejo de punição são explicitados pelas vítimas após estímulo do entrevistador.

Aqui, merece menção o uso de expressões que compõem a categoria proposta por nós, que foi denominada de *Força expressiva*. Ao emitir juízos de valor, por meio de expressões de avaliação (Koch, 1993), o falante incitaria o outro a adotar postura semelhante. Percebemos esse tipo de recurso em todos os grupos de falantes, incluindo o de entrevistador e vítimas. A percepção da vítima sobre a situação comunicativa na qual está envolvida moldaria o seu comportamento lingüístico (Goffman, 1967). Assim, ao confirmar a possível preocupação do entrevistador e o interesse dele em ajudá-la, pedindo punição para os culpados, a vítima se sentiria bastante à vontade para fazer comentários que, em princípio, estariam restritos ao seu âmbito privado (V2, V3 e V4).

Esse clima pode ser reforçado por algumas atitudes do entrevistador, como a escolha de expressões que denotem o seu posicionamento de defesa da vítima. A palavra *bandido*, por exemplo, aparece diversas vezes na fala do entrevistador em contextos de polidez positiva. O entrevistador manifesta suas emoções, depreciando o suspeito do ato criminoso, e se

alinhando à vítima, que está a seu lado (V1 e V2). O ambiente amigável, capaz de confortar a vítima, traria uma relativa tranquilidade para ela se expor, falar livremente sobre o que lhe aflige.

Nesse sentido, entrevistador e vítima vão construindo uma relação de cumplicidade. Para consolidar a aproximação entre eles, o entrevistador busca elementos lingüísticos que caracterizam pontos de vista semelhantes sobre o fato (Cf. exemplo 20), como se estivesse sentindo o mesmo que a vítima e, por isso, estivesse apto a compartilhar a sua dor. Outro recurso é se aproximar esquematicamente do interlocutor (Cf. exemplo 32), envolvendo-o na situação discursiva. A vítima, mais uma vez, seria cativada e estaria disposta a cooperar com a produção do discurso. Ela, então, responderia positivamente ao convite e retribuiria a oferta do parceiro, com a utilização de elementos que visam à aproximação (Cf. exemplos 19, 22 e 36) segunda ocorrência mais freqüente nesse grupo de falantes.

As vítimas recorrem a estratégias agonísticas, em algumas situações, com o objetivo de preservar a própria face. A defesa contundente de um ponto de vista (Cf. exemplos 137 e 138) indicaria uma resposta dotada de autoridade para uma pergunta que possa parecer questionadora ou invasiva para a vítima, que eventualmente se sentiria ameaçada pelo questionamento. As estratégias lingüísticas argumentativas, por outro lado, fariam parte do repertório discursivo das vítimas, que estariam desafiando o entrevistador para um duelo retórico (Cf. exemplos 157 e 160), colocando em xeque a habilidade do interlocutor.

Há poucas ocorrências de polidez negativa nas interações entre vítimas e entrevistador. Dois traços, no entanto, merecem ser citados, o distanciamento e a minimização. Apesar de buscar a proximidade e a expressividade nas interações com as vítimas, o entrevistador demonstra

um certo distanciamento em relação ao discurso. A utilização de estruturas gramaticais formais (Cf. exemplo 126), por exemplo, revelariam o seu grau de escolaridade (Preti, 1997), assim como o seu papel social e o monitoramento do próprio discurso. Esses elementos também são registrados nas falas de algumas vítimas (Cf. exemplo 127) simultaneamente ao uso de estruturas gramaticais informais.

Outra alternativa relacionada à polidez negativa, conforme mostram os gráficos a seguir, é escolhida pelo entrevistador para evitar a imposição do conteúdo proposicional do enunciado é a minimização do próprio conteúdo (Cf. exemplo 133). O falante evitaria possíveis reações desfavoráveis da vítima, o que poderia não só prejudicar o sucesso da entrevista, como também arranhar a reputação do próprio entrevistador, sua face positiva, já que haveria o risco de ameaçar a face negativa do entrevistado. Como lembra Goffman (1975), a reputação de uma pessoa está ligada ao conhecimento que uma massa de cidadãos tem a respeito dela. Os meios de comunicação de massa, dentre os quais se encontra o rádio, seriam fundamentais para que uma pessoa se torne pública.

Gráfico 3: Distribuição percentual do uso de estratégias de polidez positiva, polidez negativa e agonística nas interações entre entrevistadores e vítimas

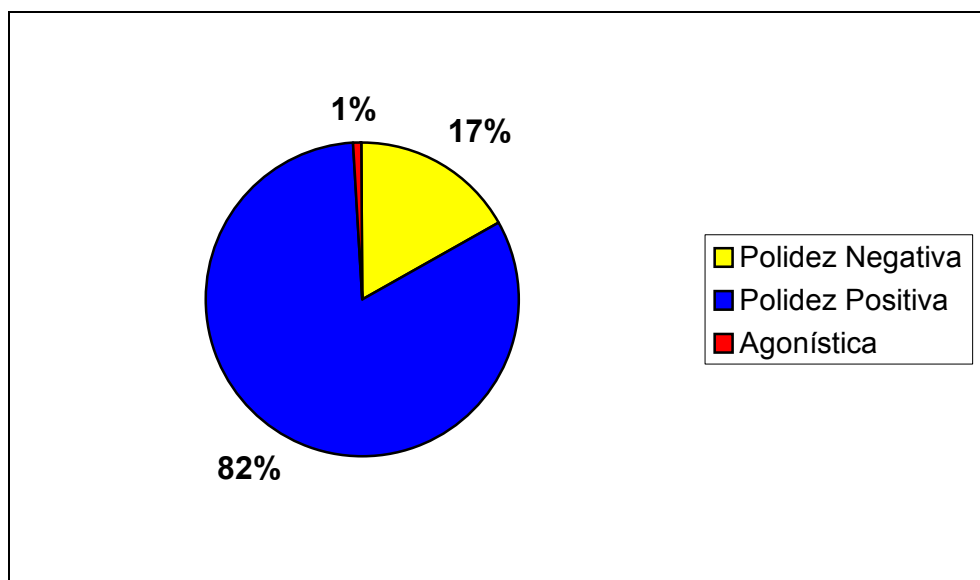
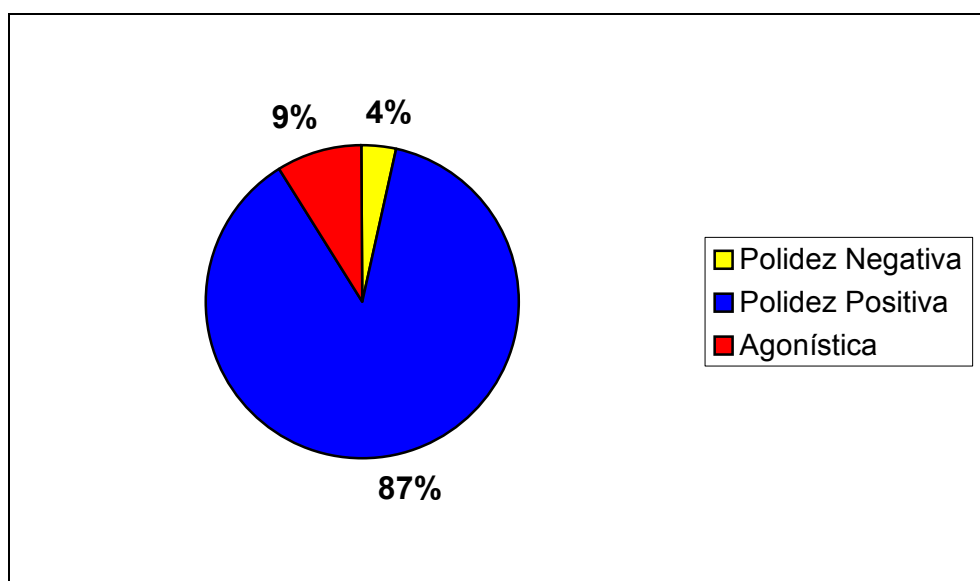


Gráfico 4: Distribuição percentual do uso de estratégias de polidez positiva, polidez negativa e agonística nas interações entre vítimas e entrevistadores



5.3.3 Entrevistadores e suspeitos

Ao contrário do que esperávamos, o maior número de ocorrências nas interações entre entrevistadores e suspeitos está relacionado com a polidez positiva e não com a agonística. Um dos fatores que possivelmente teriam incentivado o uso em larga escala de elementos típicos de contextos informais seria a tentativa tanto do entrevistador quanto dos suspeitos de amenizar a tensão comum nas interações entre eles, já que esses interlocutores parecem estar, quase sempre, em lados opostos. As entrevistas são realizadas, na maioria das vezes, em delegacias, em penitenciárias ou no local onde a prisão foi feita. Muitas ocorrem na presença de policiais e de testemunhas, com os suspeitos algemados, sendo pressionados pelos presentes para que contem a verdade e confessem o crime.

Assistimos a diversas apresentações de suspeitos pelas polícias civil e militar nos anos em que trabalhamos como repórter em emissoras de rádio de Belo Horizonte, incluindo a Rádio Itatiaia, onde participamos inúmeras vezes do *Itatiaia Patrulha*. Os presos são usualmente anunciados como uma espécie de troféu, um símbolo, conquistado pelos policiais que realizaram a ação, especialmente quando o crime tem grande repercussão. A apresentação ocorre geralmente na delegacia ou no batalhão responsável pela prisão, onde é feita também a exibição do material apreendido com o suspeito junto com o logotipo da corporação, uma prática comum na divulgação do trabalho policial e na parceria entre polícia e veículos de comunicação.

Os jornalistas aproveitam essa apresentação para fazer questionamentos rotineiros aos suspeitos, que nem sempre são perguntados sobre a vontade ou não de dar entrevista. Quando

se recusam a fazê-lo podem ser repreendidos até mesmo no ar pelo repórter, como é o caso da interação (168), ou por um comentário do apresentador do programa na seqüência da entrevista, (Cf. exemplo 169).

(168) **ou cê já acha que não tem que defender.. tá feito.. tá feito? (E)**
 falar nada não. eu não tenho nada a declarar não. (S5)
bom.. é isso. o outro aqui é bravo.. né.. não fala não. pro rapaz ali ele fala. (E)

(169) **menino aí.. escamou a Shirley Barroso.. né? “num tenho nada a declarar não”.. fala mais grosso do que eu e diz que tem dezessete anos. “tem nada a declara não”.. dezesseis.. né? esse tem dezesseis. o que diz que não tem nada a declara não. gente.. de dia.. eles vão assaltar casa lotérica no centro de Belo Horizonte. o primeiro que a Shirley entrevistou.. disse o seguinte “eu queria garantir o meu natal.. o do dono da casa lotérica não me interessa”.. só que que a PM foi muito mais inteligente.. foi muito mais ágil.. muito mais rápida.. muito mais competente do que os três assaltantes. (E)**

Outras vezes, os jornalistas são convidados a acompanhar uma operação policial para prender um suspeito e o repórter tem a oportunidade de gravar a entrevista praticamente no instante em que a prisão acontece. Casos corriqueiros, como os que foram relatados nas edições por nós analisadas, têm as entrevistas gravadas até mesmo dentro de viaturas ou de celas, em poucos minutos de conversa. Os suspeitos estariam em desvantagem no momento da interação devido à exposição pública e à diferença de *status* social entre ele e o entrevistador.

Os três traços de polidez positiva mais freqüentes nas interações desse grupo de falantes são o conhecimento compartilhado, a proximidade, e a expressividade. A exemplo do que ocorre na conversa com as vítimas, o entrevistador lança mão de algumas estratégias talvez no intuito de atrair a atenção do interlocutor e a sua confiança para que ele se sinta à vontade durante a entrevista. O entrevistador teria percebido a enorme distância social que impediria a troca de informações entre eles e que, por conseguinte, inviabilizaria o objetivo da entrevista. Em

outras palavras, o entrevistador precisaria se empenhar para que os suspeitos se sintam mais próximos e mais interessados em dividir idéias, medos, anseios e culpas. Possivelmente por isso, a estratégia de polidez positiva mais usada pelo entrevistador inclui elementos que sugerem o compartilhamento de conhecimento por ele – falante – e pelo ouvinte (S1 e S3), dando a impressão de que ambos teriam um relacionamento no qual está pressuposta a intimidade (Cf. Anexo A, páginas 177-179).

O entrevistador, então, recorre a gírias, jargões e clichês, que levariam ao interlocutor a impressão de que ambos pertencem ao mesmo grupo. As gírias e os jargões do meio policial são adotados tanto pelo entrevistador quanto pelos suspeitos. Esses elementos parecem unir os interlocutores em torno de um objetivo comum, revelar algumas informações sobre o crime, ao mesmo tempo em que servem para garantir proximidade e cumplicidade, ainda que temporárias e com interesses definidos. Os suspeitos correspondem à proposta do entrevistador e, de modo semelhante e com frequência, se apropriam da linguagem típica dos policiais, mesclando-a com as gírias comuns no seu meio social (Cf. exemplos 41 e 42).

Essa situação seria análoga ao fenômeno descrito por Fairclough (1998) no qual as pessoas comuns se inspirariam na linguagem adotada por especialistas para constituir o seu próprio discurso. Apresentadores de programas radiofônicos, neste contexto, apareceriam como mediadores do discurso desses peritos e, como ocorre no *Itatiaia Patrulha*, os entrevistadores constituiriam identidades ambivalentes de acordo com o interlocutor ou até em uma mesma interação.

A proximidade é um outro traço marcante na conversa entre suspeitos e entrevistadores. Alguns suspeitos buscariam cativar o entrevistador com elementos que garantem a

aproximação temporal, tornando o enunciado mais próximo do interlocutor. O uso do discurso direto, por exemplo, não só aproximaria o fato do seu tempo narrativo como também tornaria o discurso mais dramático e comovente (Cf. exemplo 21). A aproximação esquemática, por meio de perguntas pospostas (Cf. exemplo 156), também é registrada como maneira de atrair o interlocutor, conquistando a sua simpatia e participação no discurso.

Se por um lado são notáveis as estratégias de polidez positiva, por outro lado, não se podem desconsiderar os elementos que simbolizam a agonística nas interações entre os suspeitos e os entrevistadores. A harmonia aparente nessas entrevistas pode ser interrompida de maneira brusca com a utilização de elementos que sinalizam as divergências entre os interlocutores e o antagonismo que subjaz nessas relações.

A abertura da entrevista, conforme descrito no capítulo 3, é um indicador de que a relação não será, necessariamente, amistosa. O fato dos suspeitos não serem, na maioria das vezes, apresentados e abordados pelo nome, mas por artigos indefinidos ou termos genéricos sugere a sua descaracterização como pessoa (S2, S3, S4 e S5). O entrevistador estaria despersonificando os suspeitos o que, simbolicamente, pode significar não atribuir a ele qualidades reconhecidas em outras pessoas. Assim, a imagem dos suspeitos e, conseqüentemente, a sua identidade estariam sendo destituídas e não constituídas a partir da escolha do entrevistador, já que o nome, de acordo com Goffman (1975), é um modo comum de fixar a identidade.

É preciso levar em consideração, entretanto, que muitos suspeitos escondem os seus nomes verdadeiros na tentativa de desassociar os crimes de sua vida cotidiana. Outros escolhem um nome falso ou um pseudônimo, possivelmente com o objetivo de não serem identificados por

conhecidos, a exemplo de Tulinha (V1), a presidiária entrevistada no *Itatiaia Patrulha*. O pseudônimo seria a estratégia do suspeito para construir uma imagem de si próprio, afastando-o de sua identidade (Goffman, *ibid.*). Os suspeitos se veriam, assim, diante de um estado de incerteza, com uma certa dificuldade para decidir se assumem a responsabilidade pelos crimes dos quais são acusados ou se negam terem participado de atos delituosos para preservar a sua imagem.

Nas estratégias de agonística, tem destaque a autoridade, traço marcante tanto na fala dos suspeitos (Cf. exemplo 140) quanto na dos entrevistadores (Cf. exemplo 147). O embate entre os falantes se dá com o entrevistador demonstrando conhecimento sobre o crime que está sendo abordado e os detalhes que, eventualmente, não estão sendo revelados espontaneamente pelo entrevistado. Por isso, o entrevistador o pressiona, mais do que aos outros entrevistados, e chega a acuá-lo publicamente para que confesse o crime do qual é acusado.

Os suspeitos, por sua vez, em algumas ocasiões, tentam demonstrar que estão aptos para o duelo. Eles alternam estratégias que sinalizariam a admissão da culpa (Cf. exemplo 154) ou usam o conhecimento sobre o tema e a vivência das ruas para esquivar-se dela (Cf. exemplo 151). Em alguns casos, recorrem à autoridade típica da agonística, como podemos observar nos gráficos a seguir, para responder aos questionamentos que, em momentos diversos, se assemelham a interrogatórios (Cf. exemplos 140, 150, 151 e 155).

Gráfico 5: Distribuição percentual do uso de estratégias de polidez positiva, polidez negativa e agonística nas interações entre entrevistadores e suspeitos

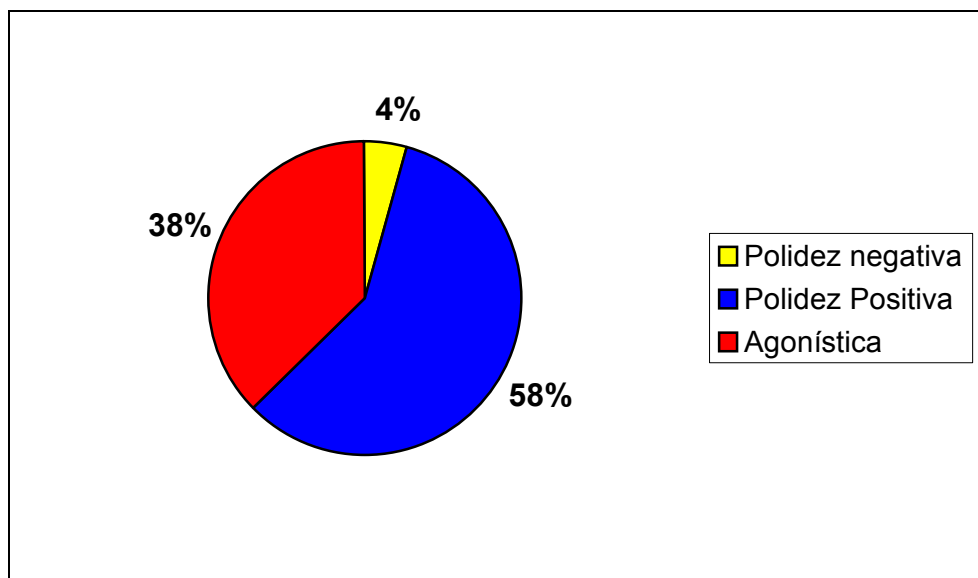
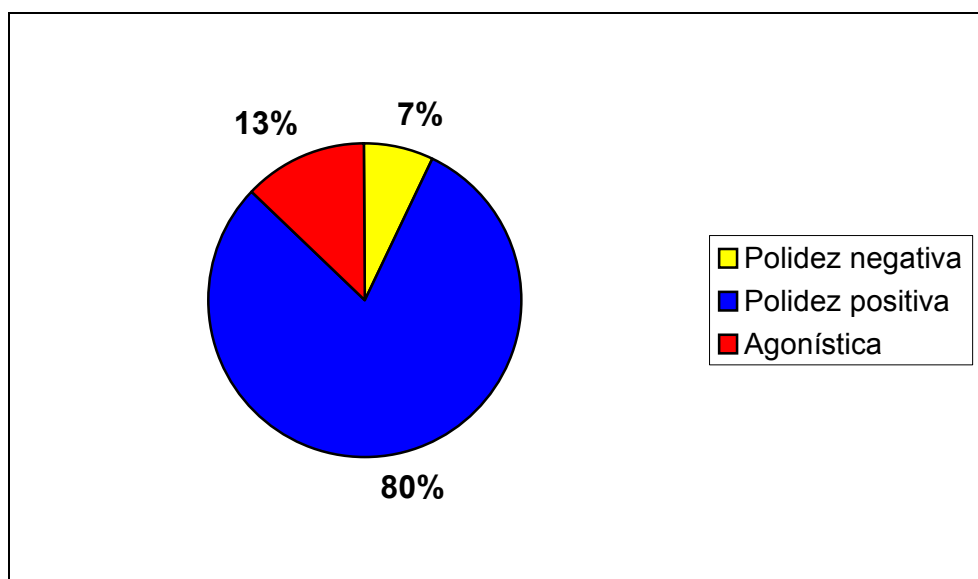


Gráfico 6: Distribuição percentual do uso de estratégias de polidez positiva, polidez negativa e agonística nas interações entre suspeitos e entrevistadores



6 CONCLUSÕES

“A identidade pessoal, então, está relacionada com a pressuposição de que ele pode ser diferenciado de todos os outros e que, em torno desses meios de diferenciação, podem-se apegar e entrelaçar, como açúcar cristalizado, criando uma história contínua e única de fatos sociais que se torna, então, a substância pegajosa à qual vêm-se agregar outros fatos biográficos”.
Goffman

Partimos do pressuposto, para a realização dessa pesquisa, de que os falantes de uma entrevista policial radiofônica adotam estratégias discursivas para construir as suas próprias identidades e para colaborar na constituição de identidades dos outros. Esperamos ter demonstrado que os parceiros desse tipo de interação radiofônica negociam relações sociais para sustentar sua face, uma imagem pública reivindicada por cada um deles (Goffman, 1967). Percebemos que os eventos discursivos que reúnem entrevistador e um representante de cada um dos três grupos analisados – autoridades, vítimas e suspeitos – são ambientes propícios para a escolha e o desenvolvimento das estratégias de trabalho de face, uma vez que possibilitam a interação entre os interlocutores e a exibição para a audiência, um componente disputado em algumas situações sociais (Goffman, *ibid.*).

Trabalhamos com 15 horas de gravação do programa *Itatiaia Patrulha*, veiculado de segunda a sábado na Rádio Itatiaia. Desse total, selecionamos aleatoriamente, de acordo com a proposta de Oliveira e Silva (2003) para pesquisas acadêmicas, cinco entrevistas com cada um dos grupos de interlocutores que interessam aos nossos estudos. Os dados, que foram coletados entre março e dezembro de 2003, estão disponibilizados parcialmente nos anexos desse trabalho. Tendo em mente as ressalvas apontadas no capítulo 1, essas interações se assemelham, até certo ponto, àquelas interações encontradas nas relações cotidianas.

Analisamos as entrevistas nas quais ocorre a interação face a face, com o compartilhamento de algumas normas, como o conhecimento do momento de participação de cada falante e a colaboração para a troca de turnos entre os interagentes.

Os dados coletados no programa *Itatiaia Patrulha* indicam que as entrevistas radiofônicas se apresentam como uma interação ambígua. Se, por um lado, elas podem ser tomadas a partir da perspectiva tradicional de um encontro assimétrico, com o poder concentrado no entrevistador; por outro lado, podem ser concebidas como uma oportunidade para apresentação de um *jogo de vozes*. Assim, seria possível aos entrevistados se manifestar sobre assuntos diversos, o que estabeleceria um ritmo capaz de prender a atenção da audiência, além de demonstrar situações que denotam o contexto e a identidade dos falantes (Meditsch, 1999). Os entrevistadores, devidamente treinados para conduzir a conversa, se relacionam com os entrevistados, que podem ser considerados amadores (*ibid.*). Seria uma das justificativas para essas interações apresentarem características tanto de uma entrevista formalmente reconhecida, com perguntas e respostas, quanto do vernáculo, que inclui o despojamento dos falantes e o uso de expressões populares (Labov, 1972).

É do entrevistador, então, a responsabilidade pela condução da entrevista. Justamente por isso, ele adota estratégias que permitem ao entrevistado se sentir à vontade. Mas o entrevistador não pode deixar de lado a sua missão de fazer perguntas que satisfaçam a curiosidade do público. Por isso, não se pode desprezar a aptidão do entrevistador para “produzir outros seres” (Moita Lopes, 2001:308). Por outro lado, o entrevistador depende do retorno dos seus interlocutores para o desenrolar da interação e para que a entrevista mantenha a sua condição dialógica.

Os falantes alternam os enquadres pessoal, com o compartilhamento de idéias e a aproximação social como se estivessem em um ambiente privado, e institucional, que respeita a distância e o *status* entre os falantes (Baptista, 2002). Simultaneamente, cabe ao entrevistado, defender a imagem que gostaria de sustentar publicamente e compor personagens diante do outro (Morin, 1973).

Identificamos, na análise dos nossos dados, as estratégias que constituem o trabalho de face desempenhado pelos falantes. Tomamos como referência os conceitos propostos por Goffman (1967), que constituem a base do modelo de Brown e Levinson (1987) e que, por sua vez, foram sistematizados por Valério (2003) em diversas categorias lingüísticas.

Acrescentamos ao modelo adotado para a análise dos nossos dados quatro categorias lingüísticas relacionadas à polidez positiva – indicadores atitudinais, piadas conversacionais, força expressiva e dramatização temporal – e duas categorias relacionadas à agonística – ameaças e perguntas pospostas. Entendemos que elas poderão ser úteis para pesquisadores que estiverem interessados no estudo das interações face a face na medida em que oferecem novos exemplos e possibilidades de análise.

Quanto aos resultados alcançados, a pesquisa revela que os falantes assumem atitudes diversas para trabalhar a sua própria face, manipular a face alheia e até mesmo atacá-la em algumas situações. Os interlocutores ora adotam uma atitude que os aproximam e ao mesmo tempo os resguardam, ora assumem opiniões contundentes e conceitos, o que os expõe perante o outro e a platéia. A polidez positiva é o padrão interativo usado com mais frequência por todos os grupos de interlocutores, o que se justificaria pela intenção do entrevistador de tentar deixar o entrevistado à vontade, como se ambos fossem íntimos e

pudessem conversar livremente sobre os temas em debate, e pela resposta positiva a esse tipo de estímulo por parte do entrevistado. O segundo padrão interativo mais freqüente no nosso *corpus* é a agonística. Em campos opostos, estão, especialmente, entrevistador e suspeitos, que são acusados publicamente pelos crimes que teriam cometido, e entrevistador e autoridade que, eventualmente, sentem a cobrança de responsabilidade pela violência relatada no programa *Itatiaia Patrulha*. A polidez negativa surge como marca da fala das autoridades, que estariam interessadas em refletir a imagem da corporação que representam.

O entrevistador parece simpático e tranqüilizador nas interações com as vítimas, o que abre espaço para que estas vençam a possível inibição inicial a ponto de fazer confidências e revelar segredos que estariam restritos aos familiares e aos amigos. Ambos podem compartilhar detalhes sobre os momentos complicados para o entrevistado, que encontra um certo conforto para desabafar. O mais frágil é amparado por alguém que oferece um ombro amigo.

As vítimas, por seu turno, se apresentam sensibilizadas e, em alguns momentos, deixam transparecer o sofrimento de tal maneira que não escondem o choro. Por outro lado, encontram espaço para demonstrar o inconformismo com a situação e para cobrar providências das autoridades.

As autoridades se mostram peritas no exercício de suas funções. Pelo menos é o que estariam tentando passar ao interlocutor e ao público ao narrar as conquistas com a prisão de determinados suspeitos. Elas sustentam uma imagem positiva da corporação, sempre pronta para intervir em momentos críticos para a segurança da sociedade. Por isso, as autoridades demonstram estar preparadas não só para a ação nas ruas, mas para representar a corporação,

com um discurso permeado por termos técnicos e construções gramaticais que primam pela correção. Assim, elas passariam a idéia de que tanto a polícia militar quanto a polícia civil são compostas por pessoas capacitadas. Estaria em jogo não a imagem de cada policial, mas a imagem institucional das polícias, a exemplo do que constatou Chen (1999) ao analisar o discurso do porta-voz da Casa Branca, sede do governo norte-americano.

A ação dos policiais encontra respaldo e, em alguns casos, aplausos por parte dos entrevistadores. Mas encontram também cobranças por atitudes mais enérgicas e mais eficientes quando o tema abordado sugere que houve falhas ou que a ação policial não foi tão bem sucedida quanto se esperava. Nesses casos, o alinhamento inicial dá lugar a um embate travado entre os interlocutores, com o objetivo de provar quem tem mais capacidade para argumentar e conquistar a simpatia do público.

Os suspeitos e os entrevistadores também adaptam as estratégias discursivas na medida em que vão negociando as relações durante a interação. O entrevistador atrai os suspeitos por meio de conhecimento compartilhado, proximidade e expressividade, mas não abre mão de pressioná-los para obter as respostas e, até mesmo, as confissões sobre os crimes. Ocorre, assim, um misto de polidez positiva e de agonística nessas interações.

Ao se posicionar contrariamente aos suspeitos, o entrevistador demonstraria não aprovar o comportamento desses entrevistados. Notamos isso em seu discurso, quando, por exemplo, produzem atos ameaçadores de face como as críticas, como que estabelecendo ali uma espécie de julgamento. O poder público passaria para o entrevistador, que realizaria a tarefa de *vingar* a sociedade, como se a libertasse da violência (Nunes, 1993).

Goffman (1975) acredita que os viciados em drogas, delinquentes e criminosos formam um grupo amplo de pessoas que teriam um comportamento considerado desviante pelas outras pessoas em geral. Por isso, essa classificação seria um mecanismo necessário para o controle social:

A estigmatização daqueles que têm maus antecedentes morais pode, nitidamente, funcionar como um meio de controle social formal; a estigmatização de membros de certos grupos raciais, religiosos ou étnicos tem funcionado, aparentemente, como um meio de afastar essas minorias de diversas vias de competição (...) (Goffman, 1975, p.149)

A fala do próprio estigmatizado pode refletir, em situações de tensão, um “eu precário, sujeito ao insulto e ao descrédito” (Goffman, *ibid.*), que permitira ao outro adotar certas práticas discursivas, como a agonística, com o objetivo de esclarecer para a audiência que haveria ali um confronto de interesses e de idéias. Por outro lado, os suspeitos sentiriam um certo prazer por conseguir enganar autoridades, entrevistadores e a audiência, ao esconder as suas verdadeiras identidades (*ibid.*).

As identidades dos grupos de interlocutores analisados – entrevistadores, autoridades, vítimas e suspeitos – são constituídas a cada interação, em uma negociação permanente entre os falantes, não sendo possível definir uma identidade fixa para cada um desses grupos. Os interlocutores ajustariam a sua auto-apresentação de acordo com o contexto, o que permitiria a ocorrência de uma multiplicidade de identidades, que podem ser fragmentadas ou integradas em uma mesma pessoa (Giddens, 1999). Por isso, os padrões interativos são modificados de acordo com os interesses e com a necessidade de cada falante de sustentar a sua face (Goffman, 1967) e a sua própria identidade, corroborando a proposta de Hall (1992) para a construção de identidades no mundo contemporâneo. Em outras palavras, a concepção

tradicional, atrelada a categorias fixas, cederia espaço para uma reunião complexa de histórias e de memórias.

Esperamos ter colaborado para a ampliação do conhecimento teórico sobre o discurso radiofônico, que se encontra em estágio insipiente na comunidade acadêmica, pois não está entre os temas abordados com frequência pelos pesquisadores, ainda que o rádio seja um dos veículos de comunicação mais populares no Brasil e em outros países.

Para se ter uma idéia sobre algumas pesquisas sobre rádio realizadas até o momento, é importante registrar que a maior parte delas no país (Moreira, 1991; Ortriwano, 1985; Martins, 1999; Tavares, 1999) partiu de uma perspectiva histórica, que explora as diversas fases da comunicação radiofônica. Outras pesquisas se concentraram na estrutura da informação radiofônica (Prado, 1989) ou na vinculação social do rádio (Salomão, 2003), mas não se atêm à riqueza discursiva e à sua importância no estabelecimento e manutenção de relações sociais. Baptista (2002), que estudou a co-construção do enquadre pessoal por meio de conversas telefônicas entre locutores e ouvintes, registra que poucos pesquisadores estrangeiros se ocuparam do rádio. Aqueles que o fizeram centraram-se na análise das entrevistas como fonte de poder (Goffman, 1981; Heritage, 1985; Greatbatch, 1988, 1992; Gaik, 1992; Moss & Higgins, 1984, Liddicoat et al., 1993; e Hutchby, 1996). Dessa maneira, esperamos que o presente trabalho contribua para que estudiosos de Comunicação Social e de Lingüística, possam contar com subsídios para melhor entendimento da comunicação radiofônica.

Acreditamos que o presente trabalho pode contribuir para a compreensão das interações cotidianas, com seus confrontos e desafios, veiculadas e refletidas em programa policial

radiofônico. Essas interações constituem lugar profícuo para a ocorrência de estratégias de polidez como um fenômeno pragmático (Brown e Levinson, 1987), que contribuem para a co-construção, em permanente desenvolvimento, de identidades em grupos sociais contemporâneos. As *histórias da vida* constituem um roteiro privilegiado para a exibição e o entendimento das imagens sustentadas pelos falantes.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, Patrícia Rodrigues Tanuri. *Nas ondas do rádio: um estudo da co-construção do enquadre pessoal*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- BARBEIRO, H. e LIMA, P. R. de. *Manual de Radiojornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BARROS, D.L.P. *A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: a língua e as transformações sociais*. In: PRETI, D. (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1997 (Projetos Paralelos, 2). p. 45-62.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o abuso: Ensaio crítico III*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BLUM-KULKA, S., HOUSE, J. & KASPER, G. *Investigating cross-cultural pragmatics; an introduction overview*. In: BLUM-KULKA, S., HOUSE, J. & KASPER, G. (Org.). *Cross-cultural pragmatics: requests and apologies*. Norwood: Ablex, 1989 (Advances in Discourse Processes Series, 31). p. 1-34.
- BOXER, Diana. *Applying Sociolinguistics: Domains to face to face interaction*. Philadelphia: John Benjamins, 2002.
- BRAIT, B. *Imagens da norma culta, interação e constituição do texto oral*. In: PRETI, D. (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1997 (Projetos Paralelos, 2). p.45-62.
- BROWN, P., LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CÂMARA JÚNIOR, Mattoso J. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CAMERON, Deborah. *Working with spoken discourse*. Londres: Sage Publications Ltd,

2002.

CASTILHO, A.T. *Aspecto Verbal no Português Falado*. In: ABAURRE, M.B.M., & RODRIGUES, A.C.S. (Org.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 83-122.

CASTILHO, A. T., & CASTILHO, C.M.M. *Advérbios Modalizadores*. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 213-260.

CHANTLER, P. e HARRIS, S. *Radiojornalismo*. São Paulo: Summus, 1998.

CHEN, Rong. Self-politeness: a proposal. *Journal of Pragmatics*, 33, 2001, p. 87-106.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e fonética*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000.

CUNHA, C. e CINTRA, L.F. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DAMATTA, Roberto. *Os discursos da violência no Brasil*. In: *Conta de mentiroso: sete ensaios sobre Antropologia brasileira*. São Paulo: Rocco, 1997.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, [s.d.].

DUCROT, O. *Provar e dizer: linguagem e lógica*. São Paulo: Global, 1981.

ERBOLATO, Mário. *Jornalismo Especializado*. São Paulo: Atlas, 1981.

FAIRCLOUGH, N. Political Discourse in the Media: an Analytical Framework. In: BELL, A. & GARRET, P. (eds.). *Approaches to Media Discourse*. Oxford, UK/Malden, USA: Blackwell Publishers Ltd., 1998, p.142-162.

FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 6. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

FRASER, Bruce. Warning and Threatening. *Centrum*, v. 3, n. 2. p.169-180, 1975.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GALEMBECK, P.T. *Preservação da face e manifestação de opiniões; um caso de jogo duplo*. In: PRETI, D. (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Hamanitas Publicações – FFLCH/USP, 1997 (Projetos Paralelos, 2). p. 135-150.

GARCIA, Othon. *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

GIDDENS, Anthony. *Modernity and Self-Identity: Tribulations of the Self*. In: JAWORSKI, A. & COUPLAND, N. (eds.). *The Discourse Reader*. London and New York: Routledge, 1999, p.415-427.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

GOFFMAN, Erving. *Interaction ritual; essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor Books, 1967.

GOFFMAN, Erving. *A situação negligenciada* (1964). In: RIBEIRO, B.T., GARCEZ, P.M. (Orgs.) *Sociolingüística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 13-20.

GOFFMAN, Erving. *Footing* (1979). In: RIBEIRO, B.T., GARCEZ, P.M. (Orgs.) *Sociolingüística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p.107-148.

GRICE, H.P. *Logic and conversation*. In: Cole, P. & Morgan, J.L. (Org.). *Syntax and semantics*. New York: Academic Press, 1975 (Speech Acts, 3). p. 41-58.

GUMPERZ, J. *Convenções de Contextualização* (1982). In: RIBEIRO, B.T., GARCEZ, P.M. (Orgs.) *Sociolingüística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 149-182.

GUMPERZ, J., COOK-GUMPERZ, J. *Language and the communications of social identity* (1982). Cambridge: Cambridge University Press, 1987. Introduction.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade* (1992). 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HYMES, D. Models of the interaction of language and social life. In: GUMPERZ & HYMES (Org.). *Directions on Sociolinguistics : the ethnography of communication*. New York: Holt,

Rinehart & Winston, 1972. p.35-71.

ILARI, Rodolfo. Sobre os advérbios focalizadores. In: Ilari, R. (Org.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 193-212.

KOCH, Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem* (1993). São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos* (1997). São Paulo: Contexto, 2000. (Coleção Caminhos da Lingüística).

LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAKOFF, George. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LAKOFF, Robin. *Language and woman's place*. New York: Harper & Row, 1975.

LEITE, M. O purismo no discurso oral culto. In: PRETI, D. (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Hamanitas Publicações – FFLCH/USP, 1997 (Projetos Paralelos, 2). p. 63-90.

MACEDO, A.T. e SILVA, G.M.O. O papel dos marcadores na interação. In: ANPOLL, IV, 1989, Recife. *Anais do IV ANPOLL*. Recife: UFPE, 1989. p. 718-726.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003. Série Princípios.

MARTINS, Fábio. *Senhores ouvintes, no ar... : a cidade e o rádio*. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

MCLEISH, Robert. *Produção Radiofônica : um guia abrangente de produção radiofônica*. São Paulo: Summus, 2001.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.

MEDINA, Cremilda. *Entrevista, o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 2002. Série Princípios.

MEDITSCH, Eduardo. A nova era do rádio: o discurso radiofônico enquanto produto

intelectual e eletrônico. In: DEL BIANCO, N.R. e MOREIRA, S.V. (Org.). *Rádio no Brasil: tendências e perspectivas*. Brasília: UNB, 1999. p. 109-129.

MOITA LOPES, L.P. da. Discursos de identidade em sala de Leitura de L1: a construção da diferença. In: Signorini, Inês (Org.). *Linguagem e Identidade: Elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 303-330.

MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham A. et. al. *Linguagem da Cultura de Massa*. Petrópolis: Vozes, 1973.

NUNES, Mônica R. Ferrari. *O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica*. São Paulo: Annablume, 1993.

OCHS, E. Constructing Social Identity: a language socialization perspective. *Research on Language and Social Interaction*, v. 26, n.3, 1993, p. 287-306.

OLIVEIRA, Valdir de Castro. *Comunicação, identidade e mobilização social na era da informação*. In: VIII SIMPÓSIO DA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 2001, Vitória.

OLIVEIRA E SILVA. Coleta de dados. In: MOLLICA, M.C. e BRAGA, M.L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 117-133.

ORTRIWANO, G.S. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

PAIVA, V. L. M. O. e RODRIGUES JÚNIOR, A. S. *Fóruns on-line: intertextualidade e footing na construção do conhecimento*. No prelo.

PHILIPS, Susan U. Algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala. In: RIBEIRO, B.T., GARCEZ, P.M. (Orgs.) *Sociolinguística Interacional* (1976). São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 21-43.

PORCHAT, Maria Elisa. *Manual de Radiojornalismo*: Jovem Pan. São Paulo: Editora Ática,

1993.

POSSENTI, Sírio. Ordem e interpretação de alguns advérbios do Português. In: Ilari, R. (Org.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 305-314.

PRADO, Emílio. *Estrutura da informação radiofônica*. São Paulo: Summus, 1989.

PRETI, D. A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: a língua e as transformações sociais. In: PRETI, D. (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Hamanitas Publicações – FFLCH/USP, 1997 (Projetos Paralelos, 2). p. 17-29.

REDE ITATIAIA. *Rede Itatiaia*. Belo Horizonte. Disponível em <http://www.itatiaia.com.br>. Acesso em: 13 fev. 2005.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: Signorini, Inês (Org.). *Linguagem e Identidade: Elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 21-45.

REIMÃO, Sandra. *O que é romance policial*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. e JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, v. 50, p. 696-735, 1974.

SALOMÃO, Mozahir. *Jornalismo radiofônico e vinculação social*. São Paulo: Annablume, 2003.

SANTOS, Milton. As exclusões a globalização: pobres e negros. In: FERREIRA, Antônio Mario (Org.). *Na própria pele: os negros no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Corag, 2000.

SEARLE, John R. *Os actos de fala: um ensaio de Filosofia da Linguagem*. Coimbra: Livraria Medina, 1981.

SEARLE, John R. *Expressão e Significado: estudos da teoria dos atos da fala* (1975). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SEARLE, John R. Indirect Speech Acts. In: COLE, P. & Morgan, J. (Org.). *Syntax and*

semantics. New York: Academic Press, 1975. p.59-82.

SCHIFFRIN, Deborah. *Approaches to discourse* (1994). Cambridge: Blackwell Publishers, 1995.

TANNEN, Deborah, Wallat, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. In: RIBEIRO, B.T., GARCEZ, P.M. (Orgs.) *Sociolingüística Interacional* (1987). São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 183-214.

TAVARES, Reynaldo C. *Histórias que o rádio não contou*. São Paulo: Harbra, 1999.

THOMAS, Jenny. *Meaning in Interaction: an Introduction to Pragmatics*. Nova Iorque: Longman Group Limited, 1995.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRASK, R.L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. São Paulo: Contexto, 2004.

TSUI, Amy B.M. *English Conversation*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

URBANO, Hudinilson. A expressividade na língua falada de pessoas cultas. In: PRETI, D. (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Hamanitas Publicações – FFLCH/USP, 1997 (Projetos Paralelos, 2). p. 91-110.

VALÉRIO, Kátia Modesto. *Dinâmicas interativas no discurso da mulher: o papel da inserção social*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

Autoridade 1 (A1)

E: cinco e vinte e oito. cinco horas vinte e oito minutos. recebendo aqui o pastor Roberto Luis. é o seguinte. ele é do conselho criminal lá de Ribeirão das Neves. tá com uns dados aqui terríveis e aí já foi até o governador do estado.. foi até inclusive ao secretário e tal. boa tarde.. pra/ prazer tá recebendo o senhor aqui pastor.

A1: prazer é meu Paulo.. boa tarde. boa tarde aos ouvintes da Itatiaia.

E: e aí pastor? e esse documento aí?

A1: esses documentos mostram o número crescente de assassinatos neste ano de dois mil e três em relação a dois mil e dois. só no mês de fevereiro foram cinquenta assassinatos em Belo Horizonte em fevereiro de dois mil e dois e agora em dois mil e três.. noventa e três. tá faltando.. evidentemente um planejamento mais sério a nível de segurança pública e a presença da polícia preventiva/

E: a gente pastor até comentava depois da.. que a polícia ficou lá um tempo.. lá no Riacho das.. no Ria/ no.. (no)

A1: (no Cabana)

E: no Morro das Pedras.

A1: no Morro das Pedras.

E: e no Cabana.. o senhor viu como é que tá a situação.

A1: exatamente. na na gestão do coronel Murta.. naquele episódio que foram assassinados cinco jovens.. a polícia ocupou o morro.. né.. e diminuiu em noventa e cinco por cento o índice de criminalidade. Mas só que não continua.. não há solução de continuidade nos trabalhos /.../

E: /.../(tá provado então) onde a polícia tá não precisa daquele aparato de helicópteros não. bota uns três policiais lá.. pô.

A1: exatamente. algumas poucas viaturas.. policiais educados.. porque tão mexendo com gente. não é porque é favelado (que) /.../

E: /.../ (e vão parar com esse) papo também /.../

A1: É /.../

E: a questão é de semântica.. né não? “oh.. nós vamos invadir morro”. morro tem muita gente boa.. a maioria é trabalhador.

A1: exatamente. assim como tem safado.. como tem bandido na zona sul. nos (apartamentos de luxo).

E: é.. com certeza

A1: né? então é preciso que haja um planejamento de segurança pública. o secretário de defesa social.. o chefe de defesa de polícia que é sério precisam reunir com a comunidade Paulo precisa ouvir a comuni(dade).

E: (não é fazer) nada de cima pra baixo não pra /engu/ não. vamos fazer de cima pra ba/ não. ago/ é ouvir a comunidade.. fa/ olha.. “vamos fazer aqui.. o que que cês querem?” por que a sociedade é que sabe.. que tá lá.. a realidade é outra.

A1: e outra coisa.. ouvir também os policiais. ouvir a comunidade.. que eu digo.. envolve também aqueles que estão nas delegacias.. os carcereiros que não são nem são carcereiros.. a gente não sabe. ouvir o soldado.. o sargen/ ouvir.. sentar e ouvir e planejar pra que a comunidade seja de fato (resguardada).

E: (é mas sem).. sem sentar (xxx) comendo salmão. sem.. sem aquela co/ cê sabe o que é caviar pastor?

A1: eu sei o que é couvear.

E: não.. mas caviar cê (sabe)?

A1: (não).. não.. (caviar não).

E: (num sabe).. nuncaviu.. (xxx). ((risos)).

A1: (adorei).

E: tem que sentar à mesa e reunir mesmo.. discutir.

A1: exatamente.

E: agora.. não é amanhã.. porque a imprensa vai.. aparece todo mundo e tal e não resolve nada. porque o que acontece nesse país é isso.

A1: é.. ô Paulo.. assusta.. Paulo.. num mês (o crescimento) de quase cem por cento de assassinatos e a polícia não está presente.

E: (não.. é loucura)

A1: agora.. quando houve a manifestação dos ônibus aí/

E: aí a polícia tá lá.

A1: mais de cem policiais protegendo patrimônio privado.

E: pois é.. empresário que tem dinheiro é que tem que custear segurança.. não é polícia militar ir lá pá/

A1: exatamente.

E: pô.. assegurar o quê?

A1: e tudo polícia militar. tem que parar com isso.. a polícia tem que fazer a segurança pública.

E: (eu vou) até trazer o presidente do sindicato dos vigilantes aqui pra questionar isso aqui.. porque o negócio é o seguinte.. a polícia militar.. ela tem que trabalhar em prol da comunidade.. não é chegar lá pra ficar.. o que que é.. assegurando a.. a.. a integridade física.. sabe de quem? de empresário.. porque os cara não tão nem invadindo.. cê entendeu como? agora fica lá.. os ônibus lá.. os coletivo lá.. os caras enchendo.. é.. a.. a.. as burras de dinheiro.. porque eu ia falar outra coisa.. numa boa.. e a polícia lá.. um aparato lá.. enquanto todo mundo aí. nego tá assaltando.. metendo bronca e a população que paga imposto.. precisando e a polícia tá lá.. “não.. o ônibus cê não pode depredar ../“aí é duro.. hein?”/.

A1: e outra coisa (Paulo Sérgio) (xxx).

E: oh.. ninguém tá pregando.. oh.. ninguém tá pregando aqui também (xxx) o contrário.. agora.. negócio de botar a polícia pra ficar olhando ônibus.. aí é brincadeira.. pô

A1: é.. e o sistema prisional.. né Paulo? na seccional centro.

E: é.

A1: o delegado lá.. o homem sério.. teve que manter um preso algemado dois dias na.. lá na escada da seccional centro enquanto aguardava uma vaga pra levá-lo pra delegacia.

E: pastor.. um abraço.. muito obrigado meu querido.

A1: (um abraço).

E: bom final de semana (pro senhor).

A1: (procê também.. Paulo).

E: são cinco horas.. trinta e dois minutos.

Autoridade 2 (A2)

E: eu vou conversar com o tenente coronel Anísio Moura que é comandante do batalhão rotam.. não é a primeira vez que ele vem ao programa para abordar esse assunto. coronel.. boa tarde.

A2: boa tarde (xxx).. boa tarde ouvintes da rádio Itatiaia.

E: coronel.. o senhor acabou de ouvir essa pessoa que deu uma entrevista para a graziele. até.. a gente percebe claramente.. que é uma pessoa bem esclarecida.. que tá fazendo aí. um grande desabafo. como é que a polícia militar pode agir.. porque ontem no final do jogo do Cruzeiro.. eu conversei com o

senhor por telefone e o senhor.. naquele momento estava dentro da Pedreira Prado Lopes já que que existiam três pessoas baleadas.. três inocentes.. um bandido morto e outro baleado na cabeça. o senhor estava lá dentro.. enquanto o Mineirão tava com oitenta mil pessoas. como é que o senhor avalia.. mesmo com a prisão do Ronei.. esse momento que a Pedreira Prado Lopes tá vivendo?

A2: o momento.. realmente.. é um momento de muita preocupação. e a avaliação que nós fazemos é que a polícia militar tem que adotar medidas no sentido de conter qualquer possibilidade de agravamento da situação. essa que pessoa falou.. sugeriu que a polícia militar deve agir com um pouco mais de inteligência. eu não diria um pouco mais de inteligência.. não que ela não tenha feito isso.. ela deve procurar privilegiar/

A2: contudo.. quando nós fazemos essas incursões.. elas são decorrentes em grande medida.. senão da ação de presença normal em razão de fatos que estão necessitando.. ou melhor.. exigindo a presença naquele momento.. como foi a situação de ontem. como você bem disse.. nós estávamos fazendo a.. a segurança no Mineirão desse grande número de pessoas. uma festa que aconteceu.. que exigia a presença maciça da polícia militar e no entanto o batalhão teve que se deslocar pra dois outros/dos/dois outros pontos da capital que é exatamente a Pedreira Prado Lopes e a Cabana em que houve fatos semelhantes. e resultaram.. inclusive.. na morte em ambos os locais. (xxx) dessa forma nós tivemos que realmente incursionar. agora.. quando nós chegamos.. o cidadão já estava morto e o outro ferido. e nos levantamentos que fizemos naquela ocasião.. naquele momento não conseguimos obter dados suficientes para que pudéssemos.. éh.. obter sucesso.. vamos dizer.. do ponto de vista da prisão ou da apreensão de pessoas ou materiais que tivesse envolvidos nessas mortes no caso específico de ontem.

E: coronel.. eu conheço bem a Pedreira Prado Lopes porque nesses anos todos cobrindo.. éh: matérias policiais.. a gente tem costume de subir lá. a Pedreira tem quatro posições privilegiadas lá de cima.. quer dizer.. em qualquer das posições que a polícia tente acessar o morro.. ela é vista lá de cima. Isso é um complicador.. não é? o que não acontece na Cabana e em outros pontos.

A2: é.. a incursão em aglomerados verticais.. como é o caso específico da Pedreira Prado Lopes.. ela tem facilidade do ponto de vista operacional e dificuldades. e a maior dificuldade é exatamente uma rede de posicionamentos dessas pessoas que estão do lado do crime ou do lado do tráfico.. pra poder.. de imediato.. noticiar a presença da polícia militar e.. mais especificamente.. do batalhão rotam.. de modo que nós temos que aliar a questão da técnica e da segurança através dos chamados times táticos de incursão. nós não pode/ podemos fazer incursão de qualquer maneira ou isoladamente.. existe toda uma doutrina pra isso. e do ponto de vista operacional do batalhão rotam.. nós só incursionamos em cada ponto com.. no mínimo.. um time tático que é composto por seis militares.. de modo que eles são devidamente comandados e cada militar.. nesse time tático.. tem uma função. nós não podemos agir como bandos armados.. nós temos que atuar primeiramente visando a segurança do cidadão de bem pra restauração da ordem e garantir o mínimo de qualidade de vida nesses locais.. mas de modo algum esquecer da segurança do policial militar. de modo que as formas de incursionar tem que ser feitas.. é.. observando todos esses detalhes.

E: perfeito. coronel.. eu quero agradecer mais uma vez sua presença aqui no Itatiaia Patrulha. o espaço tá sempre aberto.. tá bom?

A2: nós é que agradecemos e reconhecemos não só o papel da imprensa mas principalmente da rádio Itatiaia como veículo que tem proporcionado não só à polícia militar mas como a comunidade de poder prestar contas daquilo que nós estamos fazendo e é um veículo de anseio de recepção da sociedade e ao meu modo de ver.. ela deve procurar recorrer a vocês realmente pra que nós possamos.. se for o caso.. inclusive rever algum posicionamento nosso.. porque não somos perfeitos e estamos.. éh: receptivos a qualquer crítica que venha no sentido de somar e construir. porque o objetivo é atender a população de bem volto a dizer.

E: perfeito. muito agradecido ao tenente coronel Anísio Moura.. comandante do batalhão rotam. coronel.. boa tarde ao senhor.

A2: boa tarde.. muito obrigado e bom trabalho.

E: muito obrigado. são cinco horas e vinte minutos. gente.. eu fiz questão de mais uma vez trazer o coronel Moura aqui.. exatamente pra mostrar à comunidade.. porque nós que somos repórteres de

polícia.. nós sabemos da luta que a polícia tem contra o crime. que tem desvio de comportamento.. tem; que tem nêgo na/pegando na moleza.. tem; mas a grande maioria.. olha.. vocês imaginem bem o que que é um pai de família sair de manhã de casa.. sair pra trabalhar e não saber se vai voltar. que é o que acontece com os policiais civis e militares. então eu fiz questão de mos/de trazer o coronel aqui pra que ele mostre o trabalho que a polícia militar tem feito. tem que fazer algum ajuste? provavelmente tenha que ter. o serviço de inteligência da polícia militar tá trabalhando? tá. tem que trabalhar mais? talvez tenha.. não sei.. não sei que tanto que estão trabalhando até porque.. é um serviço secreto. mas que a comunidade sofre.. que a comunidade paga caro pela presença desses marginais soltos.. ela paga. e é procurando essa aliança entre as polícias civil e militar.. ministério público e judiciário.. como aconteceu com Ronei Peixoto.. é que a coisa vai funcionar. porque se essas quatro forças estiverem unidas.. o povo ganha. Porque.. do contrário.. quem ganha é a turma da band.. é a bandidagem.. é a bandidagem. por isso que eu digo “ligue zero oitocentos trezentos cento e noventa e denuncie”. vá lá no orelhão no centro da cidade e denuncie uma boca de fumo aí perto da sua casa.. um marginal diferente.. um desmanche. a polícia vai lá. são cinco horas e vinte e dois minutos. depois do intervalo eu tô voltando com vocês.

Autoridade 3 (A3)

E: sete pessoas.. dentre elas.. três menores de idade foram presas durante a madrugada de/ depois de terem assaltado.. agredido e roubado a arma de um policial militar no bairro Boa Vista.. região de Vespasiano. quem vai contar a história pra gente é o delegado que tá respondendo pela delegacia do Morro Alto.. doutor. Ailton Aparecido Lacerda. que que essa moçada aprontou doutor. Ailton?

A3: conforme as informações que a gente já colheu até agora.. ontem por volta das vinte uma e quarenta e cinco horas.. o militar seguia com sua esposa e filhos para casa e foram abordados por quatro agentes.. né? os quais anunciaram assalto.. mas ao tentar tirar a arma que levava na sua pochete.. o militar foi agredido com coronhadas na cabeça. houve aí um princípio de troca de tiros.. ele conseguiu ainda efetuar alguns disparos contra os meliantes e por sua vez os meliantes efetuaram uns disparos contra ele.. mas não chegaram a ferir ninguém. logo em seguida.. chegou uma das testemunhas o Leacir que é amiga da vítima e pediu pra que eles não fizer/fazer/num atirarem contra o militar. e ao saber que se tratava de um militar.. aí que eles chegaram realmente a agredi-lo com socos e coronhadas.. o deixando desacordado no chão.

E: e ainda leva/pegaram a arma dele?

A3: e ainda pegaram a arma.. o celular e o relógio que é importado. com a insistência da esposa e do senhor Leacir em impedirem que não o matassem.. aí os meliantes acabaram deixando ele lá e fugiram do local. a vítima.. por sua vez.. foi levada até o veículo.. né.. de Leacir.. uma das testemunhas e conduzido ao pronto socorro.. os militares tomaram conhecimento do ocorrido e passaram a efetuar um rastreamento dos meliantes.. aí retornaram ao local onde os fatos ocorreram e conseguiram localizar um dos autores.. um menor e esse por sua vez foi indicando os outros.. né? e tão logo conseguiram prender um.. esse foi delatando os outros até chegar aos sete envolvidos e presos.. inclusive com apreensão /de três anos/ e o revólver do policial que foi subtraído.

E: qual que é o estado do militar Fernando Antônio Higino? ele ficou muito machucado?

A3: ficou. ficou bastante machucado. está.. inclusive com sangramento.. né? hemorragia nasal.. inclusive não tive nem como ouvi-lo agora pela manhã em razão do seu estado de saúde ainda se encontrar um pouco debilitado. certamente nós vamos ouvi-lo posteriormente.. mas eu preferi deixar pra outra oportunidade em razão das condições de saúde dele agora.

Autoridade 4 (A4)

E: três adolescentes aforam apreendidos no início da tarde de hoje.. depois de terem praticado um assalto a uma casa lotérica que fica na rua da Bahia com rua Timbiras.. no centro de Belo Horizonte. os três entraram na casa lotérica.. renderam os funcionários e clientes e levaram todo o dinheiro do

caixa. quando saíam da casa lotérica.. um dos funcionários resolveu seguir os assaltantes e acabou apontando os autores pra polícia. a gente vai conversar com o soldado Maia que é da quarta companhia. a quarta companhia que fica a menos de dois quarteirões do local onde os meninos entraram e levaram todo o dinheiro da casa lotérica. Maia.. o rapaz acabou apontando os assaltantes pra vocês.. aí cês deram início à perseguição.

A4: é.. correto. nos encontrávamos na Augusto de Lima.. no sinal da Augusto de Lima com rua da Bahia.. quando fomos aí.. éh.. solicitado por um elemento que havia se passado que três elementos tinha acabado de praticar um assalto na casa lotérica ali na rua da Bahia. aí nós desembarcamos na viatura e começamos a.. a subir a Augusto de Lima.. (xxx) surpresa quando nós chegamos na Augusto de Lima com esquina com a Espírito Santo.. os três tavam embarcando num táxi. quando eles vi/é.. observaram que a gente tava aproximando deles.. eles começaram a correr.. desceram a Augusto de Lima. aí desceram a Augusto de Lima.. subiram a rua São Paulo.. e depois desceram a Goitacazes. e possivelmente eles subiram a Curitiba.. quando chegou na Curitiba com Amazonas.. nós conseguimos.. éh.. alcançá-los.. né? onde foi feita a abordagem dos três.

E: o que que foi encontrado com eles?

A4: foi encontrado aí a importância de mil quinhentos e nove reais.. dois revólveres calibre trinta e dois com nove munições intactas.

E: um dos meninos chegou a levar o maior tomboço.. né.. (na hora da perseguição).

A4: (é). é um deles sofreu uma queda quando chegou na Curitiba com Goitacazes.. ele sofreu uma queda.

E: os três serão levados pro dopcad?

A4: com certeza. (xxx)

Autoridade 5 (A5)

E: esse assalto a banco de hoje engrossou a lista dos sessenta e cinco que já aconteceram no estado só neste ano e prova como a segurança ainda é frágil nas agências. O crime desta manhã aconteceu no Unibanco da Avenida Olegário Maciel.. na região central da cidade. Uma das mais movimentadas de Belo Horizonte. Dois assaltantes entraram.. um deles armado e passaram tranqüilamente pela porta como se fosse clientes.. porque a agência simplesmente não tem detector de metais. Lá dentro eles anunciaram o assalto.. renderam os clientes que estavam no banco.. tomaram as armas dos vigias.. foram direto para o caixa.. roubaram cerca de quatro mil e duzentos mil reais e fugiram a pé.. como confirmou o cadete Juliano Brandão responsável pela ocorrência.

A5: no momento em que eles saíram da agência e empreenderam fuga aqui pela Olegário Maciel em direção °.ao terminal rodoviário.

E: e eles levaram as armas dos vigias?

A5: sim.. sim.. as armas junto com o dinheiro dentro de uma malote da própria agência.

E: além das outras duas armas que eles já traziam?

A5: não.. não.. na verdade a informação que se tem é que um deles.. ao entrar na agência.. estava armado.. °. °. o outro não.. e.. aí renderam os vigias e levaram as armas dos respectivos.

E: e entraram como se fossem clientes (normais)/

A5: (normalmente).. entraram normalmente.. é sem despertar nenhuma suspeita. Ao estarem no interior da agência que anunciaram o assalto.

E: mas não tinha detector de metais na porta?

A5: não.. essa agência.. pelo que me parece.. ela ainda não possui aquele sistema de porta giratória que tem o detector de metais.. então...

E: e eles entraram de cara limpa.. sem capus?

A5: sim.. sem capus.. sem qualquer máscara ou coisa parecida.. entraram e fizeram °. °. o roubo.. né?

E: então foram flagrados pelo circuito interno de TV?

A5: bom.. a gente espera que essa tenha sido/que as câmeras estejam em perfeito estado de funcionamento pra que a imagem possa ser recuperada e nos ajudar aí nas investigações pra que a gente possa conseguir o mais rápido possível.. localizá-lo.. né?

E: que características vocês têm dos suspeitos?

A5: bom.. um suspeito tem a característica perfeita dele que.. éh.. foi o que rendeu o vigilante.. e.. e também anunciou o assalto.. que é um indivíduo alto.. moreno escuro.. cabelos curtos.. né.. éh.. vestido de calça jeans e camiseta clara e foi quem entrou armado e anunciou o assalto.

E: o outro não tem não?

A5: o outro.. devido ao nervosismo dos funcionários e também devido aos clientes que estavam na agência.. vários clientes.. né.. éh.. éh.. não foi possível características específicas.. então a gente prefere não fazer suposições.

Suspeito 1 (S1)

E: quero falar.. quero falar agora.. contigo. qlô Shirley Barroso.. alô e.. boa tarde.

E: boa tarde Paulo Sérgio. amanhã.. dia oito de março.. é dia internacional da mulher. nós estamos aqui na carceragem.. do Departamento de Investigações da Lagoinha.. onde ficam detidos as mulheres que são presas. eu tou aqui com uma figura na minha frente.. conhecida como Tulinha.

S1: (Risos).

E: é a Juliana Rodrigues Pereira de vinte e dois anos que está presa há nove meses por assalto artigo um-cin-co-sete. ela foi condenada a cinco anos por assalto. Tulinha.. por que Tulinha?

S1: o que...

E: por que Tulinha? por que o pessoal te chama de Tulinha?

S1: (xxx) desde quando eu nasci que eu tenho esse apelido. não sei porque não.

E: amanhã é dia da mulher. cê comemora seu dia?

S1: não.. eu comemoro o dia da minha muié ué.. não o meu. (risos)

E: por que que cê/ por que que cê resolveu não ser mulher mais? conta pra mim.

S1: sei não porque que eu sou assim.. não escolhi ser assim não gostar do mesmo sexo não.

E: nunca teve nenhum tipo de relacionamento com homem?

S1: não.. nunca.

E: vinte e dois anos. muito nova.. né?

S1: é.. né não.. já tou véio já ué .

E: e aqui na cadeia? agora me conta aqui na cadeia.. como é que é? muita mulherada procê né?

S1: é.. tem um pouquinho véio.. onde eu passo tem uma me chamando.

E: mas arrumou uma namorada.. né?

S1: tenho.. minha namorada chama Naiara.

E: a Naiara tá aqui por que? presa por que?

S1: é .. cinco sete também e cinco cinco .

E: é? e como é que... como é que é o relacionamento? cês ficam na mesma cela?

S1: é. ela tava na cela um.. só que ela foi pra cela oito pra ficar do meu lado.

E: é?

S1: do lado do marido dela (risos).

E: e como é que é pra namorar? conta.. tem um monte de gente na sala/ da cela.. né?

S1: a gente faz um *cab* ligado? cola uns.. um pano na parede com cola.. aí tampa. fica.. nó.. uma (coisa)...

E: (e o) resto fica na vontade?

S1: só fica assistindo (risos).

E: e como é que é? ela tem ciúme de você?

S1: nosso deus! a mulher me arranha toda.. véio. não posso conversar com ninguém. tem ciúme/ tem mais ciúme que um homem.. véio!

E: é?

S1: ela tem (má)/

E: (e a) hora que cê passa no corredor? a mulherada fica (xxx). elas querem também?

S1: quer uai!

E: elas dão de cima?

S1: dá. parece que sou um homem. todo lugar que eu vou tem uma querendo.. me chamando (risos).

E: cê tem um trejeito de homem.. né? jeitinho todo de homem.

S1: normal.

E: quem olha de longe fala que é homem mesmo.

S1: ainda mais que eu fiz esse cavanhaque esses dias saí tirando onda aí.. né não? (risos)

E: agora conta pra mim. quando cê cê/ foi presa.. cê já.. já era desse jeito?

S1: sou. já era. inclusive eu tenho uma.. uma mulher na rua.. né? o nome dela é Juliana. seis anos que eu moro com ela.

E: morou com ela seis (anos)?

S1: (seis anos)

E: desde os treze anos?

S1: é. ela tinha treze anos quando eu comecei a namorar com ela. e até hoje ela é doida comigo. ela... eu proibi ela de vim aqui porque eu não gostava mais dela.. falei com ela. e a família dela vem ainda me visitar.. ainda.. querendo que volto com ela. eu não/

E: cê quer voltar pra ela?

S1: não porque eu já tou namorando com outra pessoa. num quer/

E: tá apaixonada com a Naiara.

S1: tou (risos). pior que tou (risos).

E: mas sem ser a Naiara já namorou outras aqui?

S1: já. namorei duas Juliana e uma.. uma/

E: cê.. cê é terrível aqui da carceragem.

S1: e uma menina chamada Mara.

E: tem concorrente aqui? tem outra/outras mulher aqui que gosta de mulher também?

S1: é.. tem um veadinho lá na cela também.. sabe (risos) tem um meio gay lá.

E: mas quem que é melhor que ele? quem que é mais/ quem que é melhor? ela ou você?

S1: sei lá.. véio. onde eu passo eles me chama.. não sei ele.. né? ele gosta de namorar mais é com coroa. ele gosta mais de (coroa).

E: (ela gosta) de coroa. cê gosta de menininha?

S1: eu gosto de jovem que nem eu.. ué. (xxx).

E: como é que é/ agora vamos falar sério. como é que é sua vida aqui? preso.. encarcerado.. sem ver o que tá acontecendo lá fora?

S1: nó.. é horrível véio. a gente ficar longe da família da gente é a pior coisa que tem. tenho maior arrependimento de ter roubado pra vim parar nesse lugar aqui eu.. eu tro/

E: por que que cê resolveu roubar?

S1: ah... eu tinha que tratar da muié.. ué. eu procurava emprego.. num arrumava.. eu saí pra roubar.

E: valeu a pena?

S1: não.. onde que eu vim parar? lugar mais próximo /que eu vim/ foi o DI.

E: como é que/ como são suas noites aqui? dem contar a Naiara. não vai me contar detalhe não. poupe-me dos detalhes com a Naiara.. mas como é que é suas noites?

S1: nó é horrível ficar aqui nesse lugar a noite.. sozinha. todo mundo zoa um do lado.. zoa do outro mas é.. hum... todo dia a mesma coisa.. num dá certo não.

E: e a azaração com a mulherada?

S1: é.. um pouquinho. zoa pra caralho as mulheres(xxx) aí. (risos)

E: e a Naiara? vai rolar casamento?

S1: é.. a gente pretende casar.. lá: quando eu sair daqui a gente pretende ficar junto.. lá fora.

E: enquanto isso a cela pega fogo.

S1: lógico (xxx). (risos).

E: então amanhã não é seu dia não.

S1: é o dia dela não o meu (risos).

E: mas você é mulher na identidade.

S1: é. sô uai.

E: mas amanhã cê dá parabéns só pra ela.

S1: lógico. se eu tivesse na rua.. dava um buquê de flor. (risos).

E: Juliana obrigada. cê é uma simpatia. boa sorte pra você e voltando pra rua procura outro tipo de vida que essa não vale a pena.

S1: com certeza vou mudar de vida. procurar um emprego/ vou tentar.. né? se eu não arrumar vou ter que roubar de novo.

E: e vai levar a Jussara com cê? a Naiara.

S1: com certeza. tem meu barraquinho lá na minha casa lá esperando. vou sair daqui e comprar uns móveis e jantar. (risos)

E: repórter Shirley Barroso.

E: meu filho. eu queria falar com a Shirley. oh Shirley sai daí sai daí rapidão Shirley. saia daí Shirley. cuidado. cuidado querida. cuidado. pára.. to fican/ quem mandou colocar música aí? quê que/ que que isso aí meu filho? (xxx) vai pros infernos. tira isso daí. tira. tira isso daí. o programa é sério. a Shirley continua lá? tira a Shirley de lá. ô meu filho.. passa pra cá. ô gente.. tá difícil. que negócio de lacraia aqui meu filho? aí: aí ti/ pára com isso. eu não mando mais nada aqui não.. cabo. ai lacraia.. sai capeta. cinco e vinte.

Suspeitos 2 e 3 entrevistados simultaneamente (S2 e S3)

E: os rapazes estão detidos aqui na delegacia de Vespasiano. estão sendo ouvidos pelo delegado. três são menores... os maiores são Alexandre Tadeu Alves Pedro de dezoito anos.. Arlan Antônio do Nascimento de vinte e quatro anos.. Laudinei Coelho Barbosa de vinte e cinco anos e Éderson Lima

Tavares de dezoito anos. no meio da entrevista.. um tentou jogar pra cima do outro a responsabilidade da confusão.

S2: foi o seguinte.. eu fui levar um fogão na casa de uma amiga da minha sogra.. e deparei com esse homem subindo com a arma na mão.. né? e ele tava embriagado e falando assim “o primeiro que eu pegar hoje eu mato”. aí nós desceu com o fogão e fomos entregar. assim que nós entregamos/

E: quem tava embriagado? o polícia?

S2: esse policial. assim que nós entregamos.. nós subimos.. aí.. aí o (xxx) foi o seguinte.. ele tava parando todo mundo na rua/

E: ele tinha sido roubado?

S2: tinha sido roubado.. não sei quem foi. “esses cara roubam gente”.. não sei que que tem.. já “tou cansado disso” e tava embriagado falando. aí neu.. neu subi.. ele pegou e falou assim “foi ocê que me roubou” e tinha dois rapazes num gol.. um gol branco.. falou assim “foi ele mesmo”.. eu falei assim “ou.. cê tem prova que foi eu?” ês assim “ah não.. não foi ocê não.. é engano”. aí o policial tava embriagado pegou e sacou uma arma pra cima de mim e afastou. no ele afastar eu abaixei por trás do carro e corri. eu tava com um vinte e dois.

E: vinte e dois de quem? do Arlan?

S2: não.. é do meu irmão.

E: o que que cê tava fazendo com um vinte e dois?

S2: não porque na hora que ele começou atirar eu me apavorei né? aí eu fui e falei assim

E: pois é.. mas.. o revólver tava aonde?

S2: o revólver tava com o meu irmão. aí /

E: seu irmão tava fazendo o que com o revólver?

S2: num.. num sei. aí pegou.. aí aconteceu isso.. dele atirar.. aí (xxx) foi assim.. eu dei dois tiros pro alto e esperei aí ele pegou e em seguida deu/disparou a arma dele todinha (xxx). eu fui e tomei o revólver dele.. tomei o revólver dele e fui embora pra casa e guar eu tava com um vinte e dois /

E: tomou o revolver do policial?

S2: tomei o revólver do policial e guardei lá em casa. até os PM foram lá em ca/

E: isso é roubo. cê roubou a arma dele!

S2: eu não sabia.. vão supor.. eu.. igualzinho.. eu fiquei com medo na hora deu sair pra mim ir embora.. ele vim pegar e atirar ni mim. aí eu peguei.. assim.. como ele virou as costas.. eu fui lá e puxei a arma da mão dele.

E: tinha que ter entregado era pra polícia.. não era levar pra sua casa.

S2: não.. mas.. mas igualzinho.. eu fui esperando.. ué.

E: e quem é que bateu nele depois?

S2: quem bateu nele foi meu irmão.. o Guru.

E: por que que o Guru bateu nele?

S2: aí.. eu num sei. por que/

E: sabiam que ele era polícia?

S2: não.. ninguém.. sabia que era polícia não.. sô. o cara tava revoltado dando tiro pro alto sô.

E: é?

S2: dando tiro pro alto eh. mas ninguém sabia que era polícia não.. pra mim/

E: quem é que assaltou ele? quem é que roubou ele?

S2: ninguém sabe não sô.. que ele veio do bar.. ele tava embriagado.. só veio falando assim “ah quem me a/me a/ me roubou”/ (vozes ininteligíveis ao fundo)

E: por que que cês tão querendo jogar pra cima dele?

S2: não.. não.. eu num tou querendo jogar não.. tou querendo empurrar não.

E: eles tão querem/ tão querendo jogar pra cima docê?

S3: tão querendo jogar pra cima de nós porque nós é de menor e eles é de maior. pra nós segurar as onda deles.

E: quem trocou tiro com a polícia foi os dois?

S3: foi os dois.. os dois. ele pe/ o Arlan pegou o revólver do policial e deu cabada na cabeça do policial.

E: quem é que bateu no poli/ no.. no.. no policial?

S3: o Arlan mais o Edinho.

E: uai.. Arlan e aí? os meninos tão falando aqui que vocês.. que foi vocês que bateram.

S2: minha senhora.. foi o seguinte/

E: mas quem é que bateu no policial?

S2: quem bateu no policial? fala pra ele contar a verdade.. manda ele pelo menos um vez na vida virar homem e contar a verdade. quem bateu nele foi ele.

E: vou perguntar pros três aqui. então cês três não fizeram nada não?

S3: nada.. eles tão querendo que nós segura o B.O. deles só porque eles são de maior?

S2: (a espo/ a esposa) dele falou assim que viu eu pegando o revólver e colocando na cabeça dela isso eu alego que é verdade.. agora /

E: Você pegou o revolver do polícia e pôs na cabeça dela?

S2: O trinta e dois que tava na mão do Arlan.

E: cê tomou dele e colocou na cabeça dela?

S2: aí ele foi e (pegou)/

E: mas pra que que cê fez isso?

S2: não.. porque ela tava pegando o revólver pra querer dar tiro dar tiro ni nós também. aí ela foi/ eu fui peguei o revólver da mão dele.. coloquei na cabeça dela.. aí o.. o Arlan.. foi pegou o revolver do polícia e deu uma cabada na cara dele.

E: repórter Shirley Barroso

Suspeitos 4 e 5 entrevistados simultaneamente (S4 e S5)

E: vou conversar com eles aqui. xou conversar com um aqui. siz ele/ cê tem dezessete anos mesmo?

S4: tenho.

E: faz dezoito quando?

S4: em janeiro.

E: tá próximo.. né.. se arrumar mais uma em janeiro.. já era.

S4: é.

E: cê já caiu alguma vez? já foi preso?

S4: já.

E: quem é que decidiu fazer esse assalto hoje?

S4: nós encontramos.. aí decidimos e fomos.

E: quem é que tava com as armas?

S4: eu tava com uma.

E: cê tava com uma e o outro menino que tá lá no hps tava com outra?

S4: é.

E: é? cês escolheram a loteria como? cês já tavam.. éh.. observando ela há algum tempo ou foi o primeiro lugar que cês viram?

S4: nós chegamos.. vimos ela e tava/ tinha poucas pessoas nós foi e pegamos ela mesmo.

E: cês não ficaram receosos.. não? com essa companhia da pm aqui a menos de dois quarteirões do local. não imaginavam que podia ter polícia por perto?

S4: ah...

E: não?

S4: pensei não (xxx). só olhei perto dela mesmo.. se não tinha/ não tinha nenhum policial lá nós foi e pegou.

E: agora.. mil e quinhentos reais.. cês iam fazer a festa.. né?

S4: comprar umas roupa pra mim.. ué festa eu não ia fazer não.

E: o dinheiro é pra que? pra comprar droga?

S4: tchutchu. pra passar meu natal uê.. bem vestido.

E: é? e ia comprar o que? roupa.. tênis?

S4: tênis. essas coisas.

E: como é que ia ser o natal do dono da casa lotérica que cês levaram toda a fêria dele do dia?

S4: aê.. eu num sei uê.. num conheço ele!

E: num conhece.. azar dele.. né? cê precisava garantir o seu natal.

S4: eu tava querendo garantir o meu.. né?

E: é?

S4: tava querendo.

E: cê já foi preso outras vezes por assalto?

S4: já

E: já? vou conversar com o outro aqui.. ele tem dezesseis anos.. faz dezesseis agora no mês que vem.. é?

S5: nada a declarar não.

E: cê não quer falar não por que?

S5: falar nada não.

E: deixa por conta dele? do seu amigo lá?

S5: por conta de ninguém não.. num vou falar nada não.

E: por que que cê num quer falar? num quer se defender.. falar o que que aconteceu?

S5: falar nada não.

E: ou cê já acha que não tem que defender.. tá feito.. tá feito?

S5: falar nada não. eu não tenho nada a declarar não.

E: bom.. é isso. o outro aqui é bravo.. né.. não fala não. pro rapaz ali ele fala. o terceiro adolescente de dezesseis anos foi levado pro hospital de pronto socorro João vinte e três pra ser medicado e os três em seguida serão levados para o dopcad a delegacia de menores..depois serão encaminhados ao juiz de menor que vai dar um destino pros três aí. repórter Shirley Barroso.

E: São cinco horas.. trinta e oito minutos. menino aí.. escamou a Shirley Barroso.. né? “num tenho nada a declarar não”.. fala mais grosso do que eu e diz que tem dezesseis anos. “tem nada a declara não”.. dezesseis.. né? esse tem dezesseis. o que diz que não tem nada a declara não. gente.. de dia.. eles vão assaltar casa lotérica no centro de Belo Horizonte. o primeiro que a Shirley entrevistou.. disse o seguinte “eu queria garantir o meu natal.. o do dono da casa lotérica não me interessa”.. só que que a PM foi muito mais inteligente.. foi muito mais ágil.. muito mais rápida.. muito mais competente do

que os três assaltantes. por falar em pm.. o Isaías do Barreiro me ligou ainda agora dizendo que gostaria de parabenizar uma equipe que está trabalhando no Barreiro na região do Via Shopping.. na Sinfrônio Bo/ Brochado e na Visconde de Ibituruna. segundo ele.. são policiais militares que só na tarde de hoje fizeram várias abordagens e diversas prisões de ladrões que estão agindo na região do Barreiro. a gente tem que tirar o chapéu e tem que dar realmente parabéns a essa equipe do Barreiro e a equipe aí que prendeu esses meninos na rua da Bahia. são cinco horas mais trinta e nove minutos. eu tou voltando já já depois do intervalo comercial. aqui a notícia não pára.. ela chega rapidinho.. rapidinho.

Vítima 1 (V1)

E: o alívio de ver atrás das grades os suspeitos de matar a pessoa que tanto amava.. durou pouco para a família do empresário José Reinaldo Álvares Correia. é que o homem apontado como o mentor do crime fugiu na manhã dessa sexta-feira da delegacia de Curvelo na região central do estado.. com uma facilidade acintosa. esse assassinato foi um dos crimes mais chocantes para a população da cidade. isso porque na época.. José Reinaldo era o mais cotado candidato a prefeito do município.. com vitória garantida através de um imenso apoio popular. mas não foi um crime político.. tudo não passou de pura ganância. segundo a polícia.. os bandidos foram atraídos pela notícia de que José Reinaldo estava com novecentos mil reais guardados como caixa de campanha eleitoral. o empresário.. proprietário de uma rede de postos de combustíveis.. foi seqüestrado por dois bandidos quando ia com o tempera dele.. de casa para um destes postos em vinte e nove de março de mil novecentos e noventa e seis. os bandidos interceptaram o veículo.. empurraram a vítima para dentro do porta malas e seguiram para o cativeiro que já estava preparado em Corinto.. só que no meio do caminho.. na br cento e trinta e cinco.. entre Curvelo e Montes Claros.. José Reinaldo conseguiu abrir o porta mala e se jogou na estrada. os bandidos viram.. pararam o carro e um deles atirou em José Reinaldo que foi deixado às margens da rodovia . seis anos depois.. ou seja.. em outubro passado.. policiais do departamento de operações especiais.. prenderam Wesley Delão Pereira.. que teria atirado na vítima.. e o ex-policial militar Amauri Vidal de Freitas de trinta e nove anos apontado como mentor do crime. foi Amauri que fugiu da delegacia de Curvelo nesta sexta-feira. a família da vítima estava revoltada. para a viúva.. F S C de quarenta e quatro anos.. mãe de três filhos.. sobram todos os sentimentos de quem vê uma longa jornada voltar à estaca zero.

V1: na verdade é uma.. uma indignação muito grande.. né? a gente sente um sentimento de impotência.. de descrença muito grande mesmo.. né? você luta.. nós lutamos seis anos.. e a gente lutou muito pra colocá-lo na cadeia junto com as autoridades. e de repente.. você descobre que a pessoa tá na rua nu/num piscar de olhos.. né? ou seja.. a fragilidade do sistema penitenciário.. a.. a.. a fragilidade das instituições.. né.. que deveriam tá dando segurança ao cidadão.. na verdade o período que a gente tava imaginando que nós távamos inseguros.. que era o período que ele estava na rua.. não é nem um pouco diferente do período que nós percebemos ele na.. na prisão. porque como já/ ele teve duas tentativas de fuga e uma fuga. ou seja.. eu acho que nós sentimos mais instabilidade dele na prisão do que quando ele tava fora. Já/

E: quer dizer.. o tempo todo que ele estava preso.. vocês temiam por isso.. que ele fugisse?

V1: evidente que sim.. né? **E:** a gente sabe muito bem que é um preso de alta periculosidade.. é um pessoa que cometeu um crime hediondo que tá aguardando julgamento desde outubro do ano passado.. preso numa cadeia que a gente sabe que não tem nenhuma estrutura pra tá suportando isso e.. e: não se vê nenhuma coisa acontecer.. quer dizer.. é um.. é uma situação.. que a.. que sistema tem que repensar realmente.. né.. cê tem que repensar.. a insegurança do cidadão brasileiro é muito grande.

E: hoje você teme pela sua família.. pelos filhos.. de saber que esse sujeito tá nas ruas?

V1: evidente que sim. temo muito.. muito muito muito. e vou te confessar.. não fosse a fé que a gente tem.. né.. a esperança que a gente tem.. é.. é que tem nos movido durante esses anos todos e eu até me emociono com isso.. é hora da família desesperar.. porque a gente acredita na justiça.. né.. durante esses anos todos a gente vem tentando.. inclusive com o apoio da sociedade.. organizada.. com

movimentos de violência.. a gente vem agindo dentro daquilo que é justo.. que é correto.. que é digno. e você percebe que as instituições não te dão respaldo.

E: porque o mínimo de alívio que uma família tem.. né Fernanda.. é ver um sujeito como esse condenado.. atrás das grades com a segurança de que ele não vai sair.. né?

V1: olha.. eu não quero ser piegas não.. mas eu te confesso que nem é só alívio não... tá? é.. a família passa por uma situação como essa que nós passamos.. e tem.. eu sei que tem muitas me ouvindo agora.. o compromisso da gente passa a nem ser não só com a gente.. o compromisso da gente passa a ser com as outras pessoas. porque o que a gente faz é lutar pra que as pessoas não passem pelo que nós passamos e você percebe isso em todos os movimentos de violência.. o que você percebe são as pessoas lutando muito pra que as coisas que aconteceram com elas não aconteçam com os outros.. né? então o que a gente sente além da tristeza de ver a pessoa que cometeu um ato desse tá solta.. é a vulnerabilidade das outras pessoas que estão aí. na sociedade.. ou seja.. tá sujeito a acontecer com outra família a mesma coisa que aconteceu com a minha. eu gostaria muito que isso não fosse verdade.

E: segundo o titular da delegacia de Curvelo.. André Luis Nonato.. Amauri fugiu com outros três presos.. um condenado por homicídio.. outro acusado de estupro e o terceiro sentenciado por roubo. o próprio delegado admitiu que a unidade não tem condições mínimas de segurança. ela revelou que a cadeia foi construída em mil novecentos e sessenta e sete com tijolo e argamassa e tem as paredes tão frágeis que já estão esfarelando. tanto é verdade que os presos escaparam depois de cavarem um buraco na parede. eles começaram a fazer uma pequena passagem e a estrutura estava tão velha que parte da parede desmoronou e eles saíram por uma abertura de um metro de diâmetro. atualmente a delegacia comporta setenta e um presos em oito celas.. mas tem capacidade para apenas vinte e cinco homens. repórter Grazielle Mendes.

Vítima 2 (V2)

E: meus amigos.. são cinco horas mais seis minutos. eu quero começar rapidamente o programa de hoje.. não vou ficar com falação não. quero falar imediatamente com a repórter Grazielle Mendes que tem detalhes de pai e filho que serão sepultados dentro de instantes aqui em Belo horizonte. Grazielle.. boa tarde.

E: boa tarde Laudívio. a covardia de dois assaltantes conseguiu destruir tragicamente um família da capital que perdeu ao mesmo tempo pai e filho assassinados a tiros na noite desta quarta-feira no bairro Glória.. na região da Pampulha. o aposentado Pedro Alves de Almeida.. de sessenta e cinco anos.. e o filho dele.. Emerson Fagundes Almeida.. de trinta e sete anos.. foram socorridos às pressas.. mas morreram no hospital João vinte e três.. em Belo Horizonte. eles foram baleados na porta de casa durante uma tentativa de assalto. o alvo era o carro da filha de seu Pedro.. a segundo sargento da aeronáutica.. Margarete Imaculada Gomes de quarenta anos. mas o depoimento dessa mulher revela que tudo poderia ter sido evitado se não fosse a fúria impiedosa dos bandidos.. porque ela disse que estava prestes a entregar o que queriam.. quando o pai dela apareceu. Margarete que.. junto com a filhinha de sete anos.. viu o pai e o irmão serem assassinados.. relata os detalhes desse pesadelo.

V2: eu tava saindo.. porque meu/minha filha fica aqui com a minha mãe e eu vim buscá-la pra ir embora pra minha casa. aí.. a hora que os rapazes subiram.. bateram a arma no carro (xxx) eu tinha travado o carro e fechado o vidro. “destrava.. destrava” e eu falei...

E: nervosos?

V2: é.. aí eu fiquei tremendo e não consegui destravar logo.. mas eu falei “calma moço.. eu vou destravar”. **E** destravei o carro e eu saí e fiz assim com a chave.. “pode levar.. só não faz mal pra gente”. (choro)

E: não esboçou reação nenhuma?

V2: não. aí meu pai tava fechando o portão.. que eu saí/eu guardo o carro aqui dentro/que eu saí.. ele tava fechando o portão.. que ele viu.. ele foi lá pra me acudir.. ajudar.. eles foram/e ele foi e disparou o

tiro no meu pai. meu irmão ouviu o tiro e saiu.. aí os caras correram.. ele correu. eles foram e lançaram um tiro no meu irmão também.

E: covardemente. seu pai nem tinha reagido.. feito nada.. só tentou ajudar?

V2: papai tentou.. né? tentou.. não sei nem como.. tentou me ajudar lá. ele viu que.. que tava armado.. que os caras tavam armados e tentou me ajudar. viu que tava com a arma quase na minha cabeça. (choro)

E: e sua filhinha tava junto (com você.. viu isso tudo)?

V2: (minha filhinha de sete) anos viu isso tudo no banco de trás.. começou/correu/atravessou a rua correndo e gritando e eles atirando e ela no meio dos tiros. atravessou a rua correndo (xxx) ouviu o tiro e veio. e quando ele ouviu/ele veio.. acho que ê/nem vi direito.. acho que ele correu atrás dos cara.. aí. o cara atirou nele também.. mas foi bem aqui (choro).

E: (a família) tá destroçada.. né Margarete?

V2: destroçada. dois pais de família que foram dê/s/família que foi deses/desestruturada.. né?

E: se esses bandidos que fizeram isso pudessem te ouvir o que você diria pra eles?

V2: eu diria.. se eles não têm família.. se eles não sabem o que que é a dor de perder um pai e um irmão que também são pais de/ que também é pai de família.

E: uma pessoa que passa por isso.. muda tudo.. não se recupera mais.. né.. Margarete?

V2: eu acredito que daqui pra frente minha vida não vai ser mais a mesma.. com certeza.

E: se pelo menos você tivesse o gostinho de vê-los presos .. né?

V2: já seria um grande alívio.. porque a impunidade tá demais.. e a gente não pode ficar desse jeito mais. é os bandidos soltos na rua e a gente presos em jaulas dentro de casa.

E: os assaltantes fugiram sem roubar nada.. além das vidas de dois pais de família. repórter Grazielle Mendes.

Vítima 3 (V3)

E: gente.. vou movimentar novamente a repórter Grazielle Mendes no programa.. que vem contando a história da garotinha de oito aninhas de idade que está no hospital de Pronto Socorro em estado grave baleada por bandidos em Nova Contagem. Grazielle.

E: a garotinha de apenas oito anos atingida por uma bala perdida em Nova Contagem.. na Grande BH.. foi parar no hospital João vinte e três em estado grave. a pequena Abelite Mirlana da Silva de oito aninhos estava brincando com os irmãos e amiguinhos na porta de casa quando uma gangue passou atirando em direção a um adolescente de dezesseis anos que acabou morrendo. os bandidos conseguiram escapar. um dos tiros acertou a barriga da criança que permanece internada em estado grave no hospital João vinte e três em Belo horizonte. a princípio.. o assassinato do adolescente.. segundo a polícia.. teria sido um acerto de contas por causa do tráfico de drogas.. mas a menina não tinha nada a ver com essa história.. como a própria mãe dela.. a balconista Adriana Moreira da Silva de vinte e nove anos contou.. a criança estava apenas brincando na porta de casa.. como sempre fez..

V3: só sei que ela tava brincando lá do lado de fora do portão de casa.

E: era por volta de que hora mais ou menos?

V3: umas oito e cinqüenta.. nove horas.. por aí.

E: e ela sempre teve costume de brincar (na porta)?

V3: (sempre) teve costume de brincar.. jogar bola assim no passeio assim.. entendeu? sempre teve costume de ficar lá fora.

E: tava com os amiguinhos dela.

V3: tava.. ela.. os irmãos dela.. entendeu? a rua sempre fica movimentada de gente.

E: e a senhora dentro de casa?

V3: eu tava dentro de casa.. tava tomando banho.. entendeu? aí eu tomei banho e fui chamar eles pra poder passar pra dentro.. só escutei os disparos e ela entrando corren/entrando correndo gritando “ai mãe.. acertaram ni mim.. acertaram ni mim”.

E: (xxx) cheia de sangue?

V3: é ela tava sangrando.. tava sangrando.

E: a senhora deve ter ficado apavorada na hora..

V3: fiquei muito apavorada.. né? a gente vê o filho da gente na hora eu peguei ela e saí pra rua gritando.. meu marido tirou o carro da garagem.. a gente levou ela até a policlínica.. entendeu?

E: o que a senhora como mãe.. éh.. pensa de uma situação dessa?

V3: eu acho que ninguém tem o direito de tirar a vida de ninguém.. entendeu? se as pessoas pensassem isso.. acho que não haveria tanta violência.. entendeu? ah aí... ó.. a minha filha. quer dizer.. eles foram atrás do cara/do rapaz pra fazer alguma coisa com ele.. a minha fi/minha filha de oito anos poderia ter morrido por conta disso.. entendeu? sendo que ela não tem nada a ver.. entendeu? ela é uma criança.. ela tem oito anos.. ela não tem nada a ver com o que ele faz.. do que ele não fez.. entendeu? é.. eles não se importaram se quem tava por perto.. quem não tava.. entendeu? eles só chegaram e foram atirando.. eles não queriam saber ni quem ia pegar a bala. chegaram e foram atirando.. pra eles não importa. Nova Contagem é um lugar muito violento.

E: como é que é pra uma mãe criar filhos num lugar como esse?

V3: ah.. é muito difícil.. né? porque a gente igualzinho.. eu que trabalho.. eu não tenho sossego. agora é que eu não vou ter mesmo.. entendeu? não vou ter sossego.. não vou ter sossego pra saber.. entendeu? vou querer saber a todo momento onde meus filhos tá. vou trancar eles dentro de casa.. eles vão ser trancafiado dentro de casa.. eu não vou deixar eles saírem.

E: e por mais que seja violento.. a gente nunca imagina que vai acontecer com a gente.

V3: eu nunca imaginei que isso fosse acontecer comigo.. né? nunca imaginei. é muito difícil viver.

E: mas essa criança não foi a única vítima inocente da violência gratuita na região metropolitana da capital. no final da manhã desta quinta-feira.. o estudante Cleiton das Candeias Tomé de apenas quinze anos.. foi arrancado de dentro de casa por três bandidos armados.. arrastado pra fora e executado com três tiros de pistola trinta e oito no meio da rua do bairro Palmeiras na região oeste da capital. isso em plena luz do dia. testemunhas revelaram que o rapaz foi morto por três traficantes e homicidas da favela Morro das Pedras na mesma região. identificados como Preto.. Renato e Rodrigo. eles teriam matado o estudante pois acreditavam que haviam sido denunciados pelo menino.. isso porque há cerca de dois meses.. esses três teriam assassinado um homem chamado Marinho e acabaram presos pela polícia depois de uma denúncia anônima. eles foram liberados por falta de prova.. mas continuam sendo investigados. depois disso.. os três se mudaram do bairro para a favela mas juraram matar quem tivesse feito a denúncia. ainda de acordo com testemunhas.. foi o que eles imaginaram ter feito.. mas se enganaram porque o estudante morto.. segundo vizinhos.. não delatou os bandidos. Cleiton não tinha nenhuma passagem pela polícia. de acordo com amigos e parentes.. não tinha envolvimento algum com tráfico de drogas. repórter Grazielle Mendes.

Vítima 4 (V4)

E: vocês estão acompanhando desde o início do Itatiaia Patrulha.. o caso de uma mulher revoltada com um abuso sexual que teria sofrido filho dela. um caso que a Grazielle Mendes/ aliás.. a Grazielle Mendes.. a gente tem que tirar o chapéu pra ela.. porque a Grazielle é aquele tipo de repórter que não mede esforço. onde a notícia tá.. ela vai mesmo. ela não fica cheia de nhenhenhe não. ela chega.. vai lá e já faz a matéria. ouçam só esse caso que a Grazielle fez.. eu quero que vocês acompanhem o drama.. o drama que essa mãe ta vivendo. são cinco e vinte e nove.. Grazielle Mendes no Itatiaia Patrulha. alô Grazielle.

E: um caso chocante de abuso sexual de criança levou uma mulher ao desespero e aos limites do ódio no bairro General Carneiro em Sabará.. na região metropolitana da capital. Dona Cléumia Regina dos Santos de trinta e dois anos.. foi hoje para a porta da delegacia da cidade pra ter certeza de que o homem suspeito de abusar do filho dela de apenas onze aninhos.. ficaria realmente trancafiado. o jardineiro e capoeirista Ronaldo Elias dos Santos de dezoito anos.. foi preso e levado para a delegacia depois de apanhar e muito da mãe do garoto que estava irada com o que aconteceu. principalmente porque depois de toda a violência sofrida pelo menino.. ela descobriu que o agressor pode estar com aids. a mulher contou que o filho escapou das mãos dela pra cair nas garras do jardineiro numa fração de segundos. o garoto saiu de casa correndo depois de uma discussão boba com a mãe.

V4: eu fui chamar a atenção dele.. ele fugiu pra .. pra rua. nele fugir pra rua.. esse cara pegou ele. eu procurando ele prum lado/ enquanto eu tava pro lado de cá.. ele tava pra esse lado de.. pra.. pra.. pra esse lado de cá. foi.. foi nessa hora que o cara pegou.. pegou e levou. ele ficou com ele de meia noite até seis hora da manhã.

E: e isso a senhora doida atrás (dele) procurando.

V4: (eu pró)/. eu pro/eu revirando esse General Carneiro todo. procurando o General Carneiro todo. que a minha irmã chegou e viu ele no ponto do ônibus com esse cara.. mas até aí eu nem imaginava o que.. com que.. que tinha acontecido.. meu: e.. e.. eu senti alívio na hora que eu vi meu filho. quando eu cheguei lá no ponto do ônibus.. ele tava com.. com o meu filho deitado com a cabeça no colo dele.. pra levar meu filho embora. ele ia matar ele. (xxx).

E: ele explicou pra senhora.. o que que ele tava fazendo com ele? tentou dar alguma explicação?

V4: eu fiquei cega eu fiquei cega.. eu só enxerguei meu filho na minha frente.. o cara foi embora.

E: a senhora pegou ele e foi embora pra casa?

V4: fui embora pra casa.. aí fui trabalhar. fui trabalhar e levei ele comigo. no meio do caminho.. comecei a dar pressão nele.. aí ele contou.

E: o que ele contou pra senhora?

V4: ele falou que esse filha da (ruído) colocou o pinto na boca dele.. tentou penetrar nele.. pôs meu filho pra chupar ele.. chupou meu filho também.. bateu nele.. torceu o braço do meu filho pra trás. tudo quanto é tipo de covardia com o meu filho ele/ele fez. e ameaçou ele de morte em vinte e quatro horas.

E: a senhora deve ter ficado louca?

V4: ameaçou/ louca? louca é pouco eu vou matar esse cara. eu vou.. eu vou matar esse cara. se/

E: pruma mãe é muito duro escutar isso.. né?

V4: se soltar esse cara.. eu vou matar esse cara.. eu vou matar esse cara. e saí procurando ele. (achei).

E: (na hora) a senhora saiu?

V4: na hora eu saí procurando. achei. que eu (achei) /

E: (a senhora) achou ele onde?

V4: lá no centro do seu Geraldo. que eu achei eu já cheguei batendo. eu tava com uma faca afiada aqui.. eu ia meter a faca nele. já cheguei batendo.. ele.. ele correu.. que eu enfiei a mão aqui pra dá a facada nele.. a faca já não tava mais e eu continuei batendo. Saí ra/ arrastando ele e levei pra minha casa. quando eu levei ele pra minha casa.. só de mim ele apanhou uma hora.. uma hora. eu bati.. meu irmão mais velho bateu.. o meu sobrinho bateu .. o meu amigo bateu e foi batendo. ele saiu lá de casa todo ensangüentado.. aí a polícia chegou. que a polícia chegou.. algemaram ele e trouxeram e eu ainda dei mais uns nele ainda

E: agora.. além de tudo isso senhora.. ainda há suspeita dele estar com aids também?

V4: há suspeita dele tá com aids.. com aids e meu filho tá fazendo os exames cabíveis e eu exijo que faça exame nele também. eu exijo que faça exame nele também.

E: como é que é pruma mãe agüentar isso tudo?

V4: só vontade de matar. é de matar. se colocar ele na rua.. eu mato. (má)/

E: num dá pra entender como é que uma pessoa tem coragem de fazer isso com uma criança.. né?

V4: (xxx) covardia. não tem palavra pra poder falar. num tem pala/

E: a senhora trabalhando...

V4: e vem uma desgraça dessa lá do fim/do meio dos inferno e acaba com a vida da família toda num prazo de dois segundos. num prazo de dois segundos ele colocou a família toda a.. a perder. num quero ficar aqui mais não. eu quero ir embora daqui. quero ir prum lugar bem longe.. onde ninguém conheça a gente. quero sumir daqui.

E: porque a família fica marcada.. né?

V4: pra sempre.. pra sempre.. é um/ pra sempre.. acabou.. acabou com a nossa família pra sempre. acabou. cadeia pra ele é muito pouco. é muito pouco.. o negócio dele.. é.. ele tem que morrer. e se eles colocar ele na rua.. eu vou matar. eu tou falando pu.. pu.. pu.. pro mundo inteiro escutar.. eu vou matar.. eu sou a mãe dele.. eu vou/ele num vai.. ele num vai/mãe nenhuma vai passar pelo que eu tou passando agora. mais mãe nenhuma porque se depender de mim.. eu vou matar esse cara

E: o conselho tutelar de Sabará já encaminhou o menino para um tratamento psicológico. repórter Grazielle Mendes.

Vítimas 5 e 6 (V5 e V6)

E: a agência estava cheia na hora do assalto e a maioria dos clientes era idosa. aposentados como dona Maria da Conceição de Souza de setenta e cinco anos.. que foi tirar o seu dinheiro e a princípio.. nem acreditou no que estava acontecendo.

V5: eu cheguei aqui.. fiquei achando esquisito.. procurando uma pessoa pra me informar aonde que eu ia receber. quando eu tou pensando aonde que eu ia receber.. o cara entra com dois revólver.. vai no guarda e falou assim “quietinho”. eu falei “ah.. deve ser colega que tá brincando”.

E: a senhora achou que fosse brincadeira?

V5: achei. quando ele olhou pras meninas e falou “desliga esse telefone.. desliga esse telefone”.. eu falei “ai meu Deus”.

E: aí que a senhora entendeu que era um assalto mesmo?

V5: aí é que eu falei “agora eu desmonto”.

E: ele tava nervoso.. senhora?

V5: não.. calmo demais.

E: tranquilo.. frio?

V5: tranquilo. frio aí.. ele falou assim “todo mundo pro fundo”. aí lá vai todo mundo pro fundo.. né?

E: tinham muitos clientes lá na hora?

V5: tinha.

E: a agência tava cheia.

V5: tava cheia.

E: a senhora deve ter tremido da cabeça aos pés.

V5: nossa! tou tremendo ainda minha filha. aí ficamos lá.. depois eles foram lá e falou “pode vim que eles já saíram”.. mas eu vi só um.. os outros eu não vi não.

E: a senhora nunca teve medo não? na hora de vim receber.. isso acontecer?

V5: toda vida tenho muito medo de entrar em banco.. sempre que eu entro pra pagar alguma coisa eu entro assim “ai.. meu Deus”.. entra um.. eu olho.. falou assim “será que não é assaltante não”?

E: a dona de casa Odete Silva Almeida de sessenta e nove anos.. ficou assustada quando chegou na porta do banco e viu toda aquela confusão. ela errou o caminho da agência e quando encontrou o endereço os bandidos tinham acabado de sair.

V5: uai.. eu fui na Carijós.. procurar o banco.. né.. que eu tinha que apanhar um cartão.

E: aí errou o caminho?

V5: aí o moço falou que era na Olegário Maciel. eu disse assim “deve ser pra lá”.. aí foi o número tava alto.. aí eu voltei.. na medida que eu voltei.. que eu encontrei o número tava/

E: a confusão pronta.

V5: terminando.

E: foi por pouco então.. né..senhora?

V5: por um segundo. agradeço muito a Deus.

E: a aposentada Maria do Carmo Araújo de setenta anos que resolveu ir a agência pela primeira vez.. estava brava com a falta de segurança no banco.

V6: acontece que eles não têm segurança nenhuma. não tem segurança nenhuma aí dentro.. eu saio daqui.. vou pagar na Santa Casa porque pra mim (xxx). porque eu acho que eles têm que ter mais segurança e mais carinho com as pessoa que entram e saem.

E: os bancos não tão investindo nisso?

V6: não.. não tá não. não tá investindo em nada disso. não tá tendo carinho com a pessoa que entra e sai. a pessoa sai na porta.. já tem um na porta pra pegar seu dinheiro. tem mais medo.. eu carrego essa sacola porque eu tenho medo.. eu tenho medo.. já fui assaltada duas vezes.

E: quando a senhora entra e sai num banco a senhora não sente segurança nenhuma?

V6: nenhuma.. nenhuma.. nenhuma.. não existe segurança nenhuma nisso aí. tem guarda quem nem olha pra cara da gente.

ANEXO B – TABELA DE PÚBLICO-ALVO DO ITATIAIA PATRULHA¹³

IBOPE EasyMedia 3

RADIO ITATIAIA LTDA

RÁDIO RECALL

PÚBLICO	GRANDE BELO HORIZONTE	
	TODOS OS LOCAIS	
	ITATIAIA AM/FM	
	SEGUNDA A SÁBADO	
	NOV/2004 A JAN/2005	
	ITATIAIA PATRULHA	
		Índice de Audiência (Percentual)
10 - 24 ANOS	1,71	22.444
25 - 49 ANOS	4,10	72.566
50 +	5,66	45.767
SEXO AMBOS	3,62	140.712
SEXO MASCULINO	4,98	91.645
SEXO FEMININO	2,39	49.032
CLASSE AB	3,64	35.664
CDE	3,61	105.049
ZONA CENTRO	2,46	1.932
ZONA SUL	2,91	5.937
ZONA OESTE	3,85	24.691
ZONA LESTE	4,06	19.586
ZONA NORTE	3,58	25.999

¹³ A tabela, que refere-se a dados do IBOPE, foi cedida pela Rede Itatiaia de Rádio, assim como a tabela e o gráfico dos Anexos B e C, a seguir.

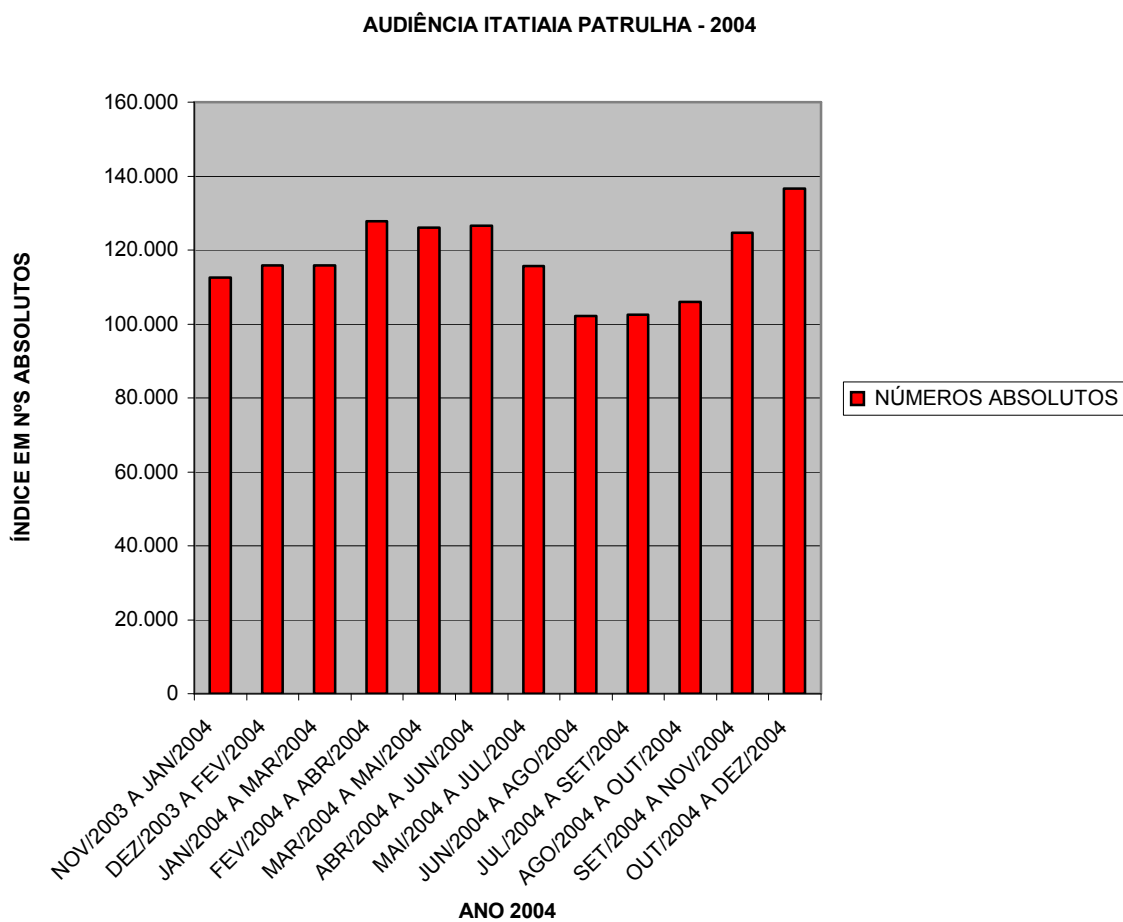
ANEXO C – TABELA DE AUDIÊNCIA DO ITATIAIA PATRULHA

PRAÇA: **GRANDE BELO HORIZONTE**EMISSORA: **ITATIAIA AM/FM**DIA DA SEMANA: **SEGUNDA A SÁBADO**

PERÍODO	NÚMEROS ABSOLUTOS
NOV/2003 A JAN/2004	112.483
DEZ/2003 A FEV/2004	115.805
JAN/2004 A MAR/2004	115.891
FEV/2004 A ABR/2004	127.774
MAR/2004 A MAI/2004	126.137
ABR/2004 A JUN/2004	126.539
MAI/2004 A JUL/2004	115.680
JUN/2004 A AGO/2004	102.081
JUL/2004 A SET/2004	102.476
AGO/2004 A OUT/2004	106.022
SET/2004 A NOV/2004	124.644
OUT/2004 A DEZ/2004	136.575

RÁDIO RECALL PARA USO EXCLUSIVO DE IBOPE MÍDIA DO BRASIL

ANEXO D – GRÁFICO DE AUDIÊNCIA DO ITATIAIA PATRULHA



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)